



## TENDÊNCIA

# Franquias buscam consumidor de bairros periféricos da capital

Locais mais distantes de “áreas nobres” ganham a preferência de comerciantes pessoenses. *Página 17*



Foto: João Pedrosa

## Domingo de Páscoa é dedicado à reflexão, renovação e fé

Para famílias cristãs, momento é de confirmação na crença e nos ensinamentos bíblicos, celebrando a ressurreição e fortalecendo tradições que atravessam gerações. *Página 5*

Foto: Vange Milliet/divulgação



## Chico César e Zeca Baleiro lançam novo projeto musical

Artistas celebram mais de três décadas de amizade com o álbum “Ao Arrepio da Lei”, lançado em plataformas digitais no início do mês. Parceria reúne reggae, baladas, xotes e rocks, e inclui turnê pelas principais cidades do país.

*Página 9*

## Família de Marielle na Paraíba ainda aguarda justiça

Tia da vereadora assassinada no Rio de Janeiro lembra o último diálogo que teve com a sobrinha.

*Página 13*

## Campanha Abril Marrom alerta sobre a cegueira

Mês é voltado a ações de prevenção a doenças que podem ocasionar problemas graves da visão.

*Página 7*

## Memórias

### Relação histórica da família e muito amor pelo jornalismo

A jornalista Teresa Duarte começou a trabalhar em redações ainda estudante, quando seu pai era colunista, e hoje coordena a equipe de reportagem de A União.

*Páginas 14 e 15*

Foto: Edson Matos



■ “Com o passar do tempo a gente vai se recolhendo, sumindo dos pontos ou lugares onde foram sedimentadas as mais fundas amizades. Onde está o clube dos meus antigos intervalos de redação?”

Gonzaga Rodrigues

*Página 2*

■ “O racismo estrutural, a indiferença e o egoísmo das elites dominantes que manipulam os destinos do Brasil são repassados no ácido movimento de uma linguagem sem os falsos artifícios da retórica canônica.”

Hildeberto Barbosa Filho

*Página 11*

■ “Em um mundo materialista, onde o consumismo tem sido associado a problemas como degradação, exploração laboral e desigualdades sociais, as perspectivas religiosas sobre o consumo oferecem uma crítica importante.”

João Bosco Ferraz

*Página 17*

# Editorial

## As suturas que faltam

Há 60 anos o Brasil mergulhava em um dos períodos mais turbulentos de sua história. Militares e setores conservadores da sociedade aliaram-se para a execução do golpe que derrubaria o presidente eleito João Goulart e instalaria a ditadura que iria perdurar até 1985. Tempo de censura às artes e aos meios de comunicação. De resistência e alienação. Perseguições, sequestros, torturas e mortes. Falso “milagre econômico”.

Esse período – que não pode ser esquecido – está retratado em estudos acadêmicos, literatura ficcional, revistas, filmes, músicas, espetáculos de teatro e dança, documentários, enfim, uma vasta memória do que aconteceu e de suas graves repercussões na sociedade brasileira. Acervo que precisa ser revisitado sempre, assim como ouvidos sempre os que, de uma maneira ou de outra, foram vítimas da intolerância.

O Brasil vivia um de seus momentos mais assertivos e criativos, em termos políticos, artísticos e culturais. Estava nas mentes e corações de milhares de jovens, por exemplo, que queriam mudanças imediatas, para pôr um fim exatamente às contradições socioeconômicas que, por terem tido continuidade, dividem o Brasil contemporâneo em ilhas de prosperidade e ilhas de extrema pobreza, marcadas pela violência.

O que teria acontecido com o Brasil se João Goulart tivesse cumprido seu mandato e executado pelo menos parte considerável do seu programa de governo, sendo sucedido consecutivamente por outras lideranças democráticas? Qual o nível da formação intelectual do povo, de modo geral, se a produção acadêmica e artística não tivesse sido cerceada? São algumas das perguntas que não querem calar.

E o que dizer dos que perderam a vida? De tantas sementes que não puderam frutificar? Não há como trazê-los de volta ou dissipar a dor de familiares e amigos. Mas bandeiras estarão nas ruas, amanhã, exigindo reparação do Estado brasileiro às vítimas da ditadura militar. Em João Pessoa, inclusive, com a “Caminhada do Silêncio – Ditadura Nunca Mais!”. E não é ato isolado, é movimento nacional sintonizado.

A luta é por direitos e contra o esquecimento. Uma sociedade majoritariamente religiosa não pode prescindir de um fundamento das tradições espirituais: o pedido de perdão. Que, aliás, fica incompleto sem a reparação pelos danos causados pelo ofensor. Questão de justiça. Que o Brasil reabilite-se dos traumas dessa experiência infausta, reconcilie-se e busque unido a solução para tantos males sociais que o aflige, hoje.

# Artigo

Rui Leitão  
rleitao@hotmail.com

## 31 de março ou 1º de abril?

Sessenta anos após o golpe de 1964, persistem versões diferentes sobre a data oficial do acontecimento. Os militares que promoveram a tomada do poder insistiram em definir o dia 31 de março como o marco do que eles chamaram de “A Revolução”. Afinal de contas, não ficaria bem admitir o dia primeiro de abril como sendo o dia do fato histórico, porque no Brasil é conhecido como o “Dia da Mentira”. “Quem implantou a ditadura quis fugir das piadas, chamando-a de regime da mentira. A melhor data para marcar o golpe é o dia 1º de abril, antes disso o presidente João Goulart ainda estava no poder”, considera Luiz Antonio Dias, historiador da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Do ponto de vista historiográfico, então, a polêmica não se sustenta.

A verdade é que as tropas militares, comandadas pelo General Olympio Mourão Filho, se deslocaram de Juiz de Fora, Minas Gerais, em direção ao Rio de Janeiro, na noite do dia 31 de março. No entanto, a deposição efetiva do presidente constitucional João Goulart se deu ao final do dia 1º de abril, quando o deputado Raniere Mazzilli, presidente do Congresso Nacional, decretou a vacância da Presidência da República.

A autoproclamada “Revolução de 31 de Março” não passava de uma mentira repetida exaustivamente. Mesmo em data errada os militares permaneceram por muito tempo comemorando a data como sendo o dia em que o regime ditatorial foi instalado. Com a redemocratização, essas celebrações deixaram de acontecer em 31 de março. Porém a partir de 2016, quando a direita retomou o governo, nos quartéis foram retomadas as manifestações comemorativas na data em que definiam como oficial da ruptura institucional em 1964. Nos quatro anos do governo passado, teimosamente foi registrado o 31 de março como “o dia da Revolução”, em atendimento à ideologia defendida pelo então presidente da República. A ordem do dia era emitida com elogios à ruptura democrática.

Não há o que se discutir em relação ao

entendimento de que realmente se tratou de um Golpe, pois foi um movimento que objetivava depor um presidente legitimamente eleito, com uso das Forças Armadas. Não houve derramamento de sangue porque o presidente João Goulart resolveu se render sem luta. Nem podemos considerar o período da ditadura militar como sendo revolucionário. As transformações observadas foram muito mais na imposição de um regime autoritário, de subversão da ordem até então instituída, caracterizado por censura, sequestros e execuções cometidas por agentes do governo.

O dia 31 de março, antes comemorado como se fosse algo positivo, passou a ser lembrado como o que ele foi: um ato criminoso e que feriu de morte a democracia em nosso país. Desde 2019 acontece um ato público em todo o Brasil, no dia 1º de abril, intitulado Movimento Vozes do Silêncio, com o objetivo de relembrar o golpe civil-militar e as tragédias dele decorrentes. Relembrar para que não se esqueça, nem se repita.

A tese dos golpistas não resiste aos relatos históricos. A data oficial do golpe que durou 21 anos, teve cinco mandatos militares e instituiu 16 atos institucionais, é 1º de abril de 1964. Os fatos são claros.

“

**Não há o que se discutir em relação ao entendimento de que realmente se tratou de um golpe**

Rui Leitão

# Foto Legenda

João Pedrosa



Esperança na ressurreição

# Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

## O galego Ivonaldo

Com o passar do tempo a gente vai se recolhendo, sumindo dos pontos ou lugares onde foram sedimentadas as mais fundas amizades. Onde está o clube dos meus antigos intervalos de redação? Dos meus dedos de prosa com Dr. Celso Mariz, com Rubin Falcão, com Mário Santa Cruz, com Luciano Wanderley, com Rivadavia Pereira Guedes? O meu Cabo Branco erguia-se desse calcário humano. E ficou neles, tão insubstituível quanto a cal das almas em suas paredes.

Esvaziada a antiga sede, um grupo de saudosistas liderados por Quinca Brito, cinco ou seis anos atrás, tentou despertar meu interesse em voltar a esquentar as cadeiras da casa improvisada de clube no segundo quarteirão da Duque de Caxias.

“Por que não aparece? - estou lá toda manhã com alguns remanescentes do velho clube”. Levou tempo a se convencer de que terminaria contando apenas com a própria companhia.

Onde ainda me vinha a ilusão do antigo cenário e de sua convivência era através da janela que a coluna de Ivonaldo Correia abria enquanto ele atuou como cronista social. De vez em quando aparecia uma amizade, uma presença atenciosa. Quase sempre uma D. Stella Wanderley, suscitando a lembrança do grande amigo Luck; aqui e ali Cláudio Leite com a sua Célia. Tantos e tantos que se debruçavam na janela sempre viva e saudável do meu velho companheiro!

Tudo me vem pela homenagem que Abelardo Jurema Filho lhe prestou há alguns dias. E o melhor dela foi saber descrever por dentro e por fora a especial personalidade que constituía Ivonaldo. Um homem e, sobretudo, um profissional isento na lavratura da sua escrita. De uma seriedade que não comprometia a simpatia.

Era repórter esportivo de O Norte na minha reentré de 1966, sob a direção de Aluisio Moura. Vagara a coluna social. E quem convocar para entrar no páreo com Heitor Falcão? Pensou-se em Wills, em um ou outro nome que não me ocorre agora,

“

**De vez em quando aparecia uma amizade, uma presença atenciosa**

Gonzaga Rodrigues

decorrido mais de meio século.

E deu no que deu. Sóbrio de expansões, medido em seus elogios, fez-se acreditar num gênero de jornalismo que as matrizes do Rio, exceção a nomes como o de Zózimo, não davam o melhor exemplo.

Meu confrade Abelardo não sabe a quantas me levou sua lembrança. Uma delas: no final dos anos 1950, patrocinados pelo governo de Pedro Gondim, saímos daqui com Carlos Romero, Wills, Brayner e Ivonaldo para representar a Paraíba num dos primeiros congressos de jornalismo em Brasília. Sobrara pra nós a pior hospedagem. E nos veio a ideia de levar a queixa ao ministro Abelardo Jurema, que nos recebeu tão logo fomos anunciados. Onde vocês estão? – perguntou o ministro. “Estamos na pior pocilga, nem água de quartinha tem nos quartos”- antecipou-se o galego Ivonaldo, antes do diplomata Carlos Romero e os de boca solta como eu e Wills. O nosso ministro levantou-se, chamou o secretário Jhanon Guedes e mandou encaminhar-nos ao Hotel Nacional.

Não podíamos ter melhor representante. Nem eu, nestes dias de trevas, melhor clarão.

## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

## TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

# Aumenta procura por gás natural na Paraíba

*Combustível é menos poluente e mais seguro; economia chega a até 40%*

Lillian Viana  
 lillian.vianacana@gmail.com

A cada ano, o mundo tem sentido na pele os efeitos das mudanças climáticas, provocadas pelo aquecimento global. Aqui na Paraíba, o calor extremo tem “dado o ar da graça” desde janeiro. João Pessoa, por exemplo, atingiu a marca histórica no sexto dia do ano, com temperatura máxima de 34,9°C, a maior em 55 anos, segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

As projeções de um futuro próximo cada vez mais sombrio têm preocupado autoridades e sociedade do mundo todo, abrindo espaço para uma série de debates sobre a importância da transição energética. O conceito vem ganhando destaque nas pautas sobre um futuro mais sustentável e saudável, já que propõe a busca por fontes de energia sustentáveis e menos poluentes, especial-

mente em relação à queima de combustíveis, um dos grandes responsáveis pelo aumento dos gases de efeito estufa.

A energia solar e energia eólica já são velhas conhecidas por todos, mas a novidade é que um outro combustível tem se tornado um componente estratégico dessa transição energética no Brasil e aqui na Paraíba: o

gás natural. Com estrutura mais acessível, o gás natural é elemento de descarbonização importante na indústria de óleo e gás, e também no setor elétrico. “O gás é considerado um energético que favorece a transição energética, mesmo ele sendo um hidrocarboneto, um combustível fóssil, em função de sua queima. A queima do gás não emite dióxido de carbono, que é um gás que impacta no efeito estufa”, explica Jailson Galvão, diretor-presidente da PBGás, empresa que atua no mercado paraibano desde 1994.

Além de versátil e seguro, o gás natural também é econômico. Como combustível automotivo, o conhecido GNV pode gerar uma economia de cerca de 40%, um benefício considerável para o motorista, principalmente os que rodam muito

e utilizam o carro como instrumento de trabalho. Nas residências e comércio, o gás encaixado ou canalizado diminui em cerca de 10% no valor total, em relação ao gás de botijão (ou “gás de cozinha”, como é mais conhecido).

Com todos esses benefícios, a procura pelo gás natural tem aumentado consideravelmente. Só nos últimos quatro anos, foram ligados 10.416 mil usuários comerciais e residenciais na Paraíba, um crescimento de mais de 35% no ritmo de ligações dos quatro anos anteriores. “A companhia atingiu a marca de 29.374 clientes residenciais (usuários ou consumidores) e 414 clientes comerciais que usufruem das vantagens econômicas e da modernidade do gás natural, totalizando 29.788 clientes no varejo”, complementa Jailson Galvão.



Construção do gasoduto João Pessoa-Cabedelo beneficiará residências e comércios da região

Fotos: PBGás/Divulgação



Foto: João Pessoa

“A queima não impacta no efeito estufa”, diz Galvão

## Investimentos ultrapassam R\$ 8 milhões

Presente em 16 municípios paraibanos, a empresa tem concentrado esforços na expansão do gás para outros municípios e na diversificação do mercado para atender residências, comércios e indústrias. Para isso, pretende investir R\$ 8,7 milhões em obras de construção e ampliação do serviço, a exemplo do gasoduto João Pessoa-Cabedelo, beneficiando uma região estratégica para o desenvolvimento econômico do estado.

Só neste projeto, serão investidos cerca de R\$ 7 milhões na construção de 19 km de rede de gás canalizado. Iniciado em dezembro do ano passado, atenderá clientes dos mercados residenciais e comerciais dos bairros de Intermares, Ponta de Campina, Poço, Camboinha, Formosa até o Porto de Cabedelo, e industriais, com a

ligação do Moinho Dias Branco. A cidade é estratégica por ser a terceira maior em arrecadação do estado e pela quantidade de prédios, condomínios, bares e restaurantes, indústrias e o próprio porto, grande indutor do desenvolvimento econômico e “que será potencializado com o novo sistema viário que será construído pelo Governo do Estado, ligando o município até Lucena”, reforça Jailson Galvão.

As iniciativas, além da economia de energia, têm como foco três pontos cruciais: segurança, pagamento após o uso e utilização contínua. Qualidades essas que, para o empresário João Cavalcanti, são primordiais para a manutenção de estabelecimentos comerciais. Ele é proprietário de um dos restaurantes que receberá o gás



Foto: M. Dias Branco/Divulgação

M. Dias Branco é uma das maiores empresas do país

canalizado, em Camboinha.

“O fornecimento contínuo facilita boa parte da logística da nossa empresa, já que não é preciso ficar o tempo todo planejando e solicitando botijões de gás. Além disso, é um ganho de espaço importante, porque não precisa de nenhuma estrutura no nosso local, pois está tudo canalizado. Para nós, esse espa-

ço já pode ser utilizado para outra coisa, até para colocar mais mesas, por exemplo”, comemora o empresário.

A finalização da obra está prevista para 2025, com a ligação da unidade do Moinho Dias Branco, na região do Porto de Cabedelo. Com sede no Ceará, a empresa é uma das maiores do país do setor alimentício.

## Ampliação do serviço inclui Polo Turístico

Do outro lado do litoral, a ampliação da oferta do gás natural canalizado chegará até o Polo Turístico Cabo Branco. Com investimento aproximado de R\$ 1,6 milhão, a obra inclui a construção de, aproximadamente, 2,7 km de rede para garantir a ligação dos resorts, parque aquático e empreendimentos que estão sendo construídos no local. As obras serão iniciadas em outubro deste ano e a previsão é que todo o projeto seja concluído em 2025.

O Polo Turístico Cabo Branco é um projeto do Governo

da Paraíba que destina 21 lotes para o desenvolvimento do maior complexo turístico planejado do Nordeste, que reunirá resorts, parque aquático, equipamentos de animação e estabelecimentos de comércio e serviços, em uma área de 654 hectares. Atualmente, o projeto já conta com o Centro de Convenções de João Pessoa, reconhecido e premiado nacionalmente.

**Outra frente em breve**

Além de incentivar a energia mais limpa do gás natu-

ral, a PBGás também vem desenvolvendo práticas mais sustentáveis durante todas as obras. A postura está alinhada à tendência de uma economia sustentável por parte das empresas, com foco na descarbonização. Nesse processo, a PBGás também pretende investir na fabricação de um combustível renovável e, consequentemente, ainda mais limpo que o gás natural: o biogás, produzido a partir da decomposição de materiais orgânicos (de origem vegetal ou animal). O biocombustível

é extraído de aterros sanitários e caminha para se tornar um instrumento importante na política de descarbonização da energia e na oferta de soluções sustentáveis na matriz energética, aqui no estado. A ideia é iniciar o processo de parceria ainda este ano, para iniciar a fabricação logo em seguida. “Já estamos conversando com a Prefeitura e acreditamos que será uma parceria muito positiva para os paraibanos e, quem sabe, para todo o Brasil”, finaliza Jailson Galvão.

## UN Informe

Ricco Farias  
 papiroeletronico@hotmail.com

### “NÃO HÁ RISCO DE OCORRER UMA DISPUTA JURÍDICA”, DIZ PRESIDENTE DO PT SOBRE IMPASSE NA CAPITAL

Presidente do diretório do PT de João Pessoa, Marcus Túlio (foto) afirma que os episódios registrados na eleição municipal de 2020, quando houve uma acirrada disputa interna pelo lançamento de uma candidatura própria, não se repetirão este ano. Àquele ano, o então deputado estadual Anísio Maia discordou da direção nacional de apoiar a candidatura de Ricardo Coutinho, que estava no PSB, e lançou uma candidatura independente. O fato gerou uma punição a Maia, que terminou por deixar a legenda, filiando-se ao PSB, fazendo caminho inverso ao de Ricardo, que voltou ao PT. O resultado foi desolador para ambas as candidaturas. “Não há risco de ocorrer uma disputa jurídica entre as direções municipal e nacional. Em João Pessoa, a direção nacional contará com uma parceria sólida nesta gestão para fortalecer o projeto nacional liderado por Lula”, disse Marcus Túlio, em entrevista a rádio. Em decisão recente, a direção nacional suspendeu a realização de prévias para a escolha de uma candidatura na capital, contrariando o posicionamento da deputada estadual Cida Ramos, que se coloca como pré-candidata e defendia a escolha pelos filiados.



Foto: Reprodução

### DIZ QUE NÃO AUTORIZOU

E por falar em Cida Ramos, a deputada divulgou manifesto, com mais de 300 assinaturas, em defesa da sua pré-candidata a prefeita de João Pessoa. Na lista, está a assinatura do presidente estadual do PT, Jackson Macedo. Ele, porém, negou que tenha autorizado a colocação do seu nome no manifesto. Ele é uma das vozes da legenda que se posiciona a favor de uma aliança com o prefeito Cícero Lucena (PP), entendendo que é a única capaz de superar, eleitoralmente, candidaturas da extrema direita.

### CITOU VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Secretária de Desenvolvimento Humano da Paraíba, Pollyanna Dutra deu palestra sobre a importância da participação das mulheres na política, dentro das programações relativas do mês da mulher, no Encontro do Comitê Territorial de Mulheres da Zona da Mata Norte, em Mari. E revelou ter sofrido violência de gênero na campanha de 2022, quando disputou cadeira no Senado.

### “SOFREMOS POR SER MULHER”

“Quanto vale resistir? Pra mim, foi muito caro. Eu lembro de quando fui em uma cidade do Cariri paraibano e o prefeito afirmou que não me deixaria subir no palanque. Em um outro momento, o mesmo prefeito chegou perto de mim, apertou o meu braço e disse: ‘Eu não disse que você não subisse aqui!’ Os dedos do prefeito ficaram marcados no meu braço. Isso é violência. Na política e também no ciclo social, sofremos apenas por ser mulher”.

### CÓDIGO ELEITORAL: INELEGIBILIDADE

Relator da Reforma Eleitoral, o senador Marcelo Castro destaca inovações do novo Código Eleitoral no que diz respeito à questão da inelegibilidade. Ele afirma que, atualmente, a lei não é suficientemente clara e dá margem a diferentes interpretações. Em relação a punições que envolvem cassação de registro, o texto estabelece a contagem de prazo a partir de 1º de janeiro do ano subsequente à eleição, e não mais a partir do dia da eleição.

### POR UMA ÚNICA INTERPRETAÇÃO

Marcelo Castro explica que as diferentes interpretações da legislação geravam punições distintas para a mesma infração à legislação, e que o novo Código Eleitoral vai corrigir essas distorções: “Uns começam a contar [a inelegibilidade] de um jeito, outros começam a contar de outro, e uma pessoa que cometeu a mesma infração poderia ficar mais tempo inelegível que outra que cometeu a mesma coisa”. A inelegibilidade ocorrerá por dois pleitos e não será superior a oito anos.

### IMPrensa Nacional: PT ESTÁ ENTRE CIDA RAMOS E CÍCERO

O impasse no PT de João Pessoa sobre lançar candidatura própria ou apoiar nome de outro partido ganhou as páginas de O Globo: “Em João Pessoa, há dúvida sobre apoiar a candidatura da deputada estadual Cida Ramos (PT) ou do atual prefeito [Cícero Lucena]. Lucena é aliado do deputado Aguiinaldo Ribeiro (PP-PB), político do Centrão com proximidade ao governo Lula”, registrou o jornal.

Foto: Evandro Pereira

# Laécio Bragante

Diretor Geral do Hospital Estadual de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena

## “Todo paciente que bate à porta deste hospital é acolhido”



Gestor ressalta a excelência do tratamento que o hospital, em João Pessoa, presta à população e o reconhecimento nacional

Alinne Simões  
alinnesimoesjp@gmail.com

Natural de Campina Grande, o médico intensivista Laécio Bragante tem como primeira formação a Engenharia Elétrica, mas após ser convidado a acompanhar uma cirurgia, num centro cirúrgico em que havia montado as instalações elétricas, sua vida mudou completamente. Encantado com aquele momento, decidiu cursar medicina, formando-se pela Universidade Federal da Paraíba. Hoje ocupa a direção geral de um dos hospitais mais importantes do Estado e se orgulha de estar completando 40 anos de profissão, dedicados, exclusivamente, ao serviço público. Em entrevista ao Jornal A União, o gestor falou sobre a assistência que o hospital presta à população, a questão da regulação com os municípios, pandemia da Covid-19, como tem feito para manter a excelência no serviço e o recente reconhecimento nacional por atingir 100% das práticas de segurança do paciente.

## Entrevista

■ Como é estar a frente do hospital que é referência em traumatologia, queimados e serviços de urgência e emergência clínico-cirúrgica em todo Estado?

É um desafio, mas é um desafio que abraçamos com muita dedicação, porque o benefício para a sociedade é muito grande. Atendemos as doenças cerebrovasculares como AVC isquêmico, AVC hemorrágico, as doenças vasculares periféricas agudas, grandes queimados, hemorragia digestiva, além dos casos de politrauma de modo geral. De forma que é muito abrangente a área de assistência. Todo paciente que chega a esse hospital que bate à porta deste hospital tem acolhida. E podemos destacar uma coisa muito importante, e aí não se refere a um diretor, se refere a um gestor, o governador João Azevêdo, que coloca as condições plenas para esse trabalho. Poder dizer hoje no hospital público, que não nos falta absolutamente nada, e é verdade, e pode ser constatado por quem vier aqui, isso é muito bom e muito difícil de ver. Esse governo tem dado um enfoque de assistência e atenção muito grande à saúde. Então o que nós vemos no dia a dia é a nossa resposta à sociedade em termos de cuidados e de atenção verdadeira.

■ Como funciona a questão dos atendimentos no hospital?

Em relação ao atendimento das pessoas vítimas de acidentes, existe uma pactuação com a Secretaria de Saúde do município, em que os traumas de membros que envolvem as extremidades como mão, antebraço e os traumas abaixo do joelho são encaminhadas para o Hospital de Ortotrauma de Mangabeira. E o Samu já tem pleno conhecimento disso e sempre tem dado certo. Todo momento que eles têm alguma dúvida se aquele procedimento poderia ser feito aqui, mesmo sendo nessas extremidades, não existe qualquer dificuldade em aceitar o paciente. De forma que não se pode deixar nenhum espaço vazio de atendimento, nenhum paciente fica à porta desse hospital sem a devida acolhida, mesmo que seja uma situação que se identifique que não é para cá. Um paciente, por exemplo, que chega aqui com uma dor torácica pode ser “n” possibilidades, inclusive infarto, então quando ele entra ao hospital com esse sintoma, é feito o primeiro atendimento, em seguida é feito o contato com o Hospital Metropolitano, que recebe todos esses casos. Não

se pode negar vaga a um só paciente. Então, ele é colocado numa UTI móvel, mediante o prévio contato e é deslocado. Nós temos também aqui no hospital uma unidade que é referência em atendimento aos grandes queimados, não só para a assistência plena com as equipes de cirurgia plástica e também com as equipes de terapia intensiva. Esses pacientes permanecem no hospital ou permanecem vinculados ao hospital, mesmo que não estejam internados, pelo tempo que for necessário. O grande queimado passa por uma série de cirurgias plásticas, de enxertos de pele, isso leva algum tempo. É uma experiência de mais de 23 anos lidando com esse tipo de paciente, seja queimaduras por chama, por líquido aquecido, por choque elétrico, de qualquer natureza. É uma unidade que tem uma equipe até maior do que o que se poderia esperar justamente para não ter nenhuma situação de, em múltiplas vítimas, deixar de atender. E ressalto ainda, que o serviço de plástica permanece 24 horas por dia, não só para os casos de queimados, mas para os traumas que necessitam de reconstrução plástica.

■ Você falou que há alguns casos em que os pacientes são encaminhados ao Hospital Metropolitano, como é essa relação com a unidade?

É a melhor possível. Não poderia existir relação melhor porque hoje temos a denominação vaga zero, ou seja, todo paciente que chega a esse hospital que tem indicação de ser transferido para lá, o Hospital Metropolitano, recebe todos imediatamente. Nós realizamos isso de forma muito tranquila, muito segura porque a diretoria de lá é muito integrada com a daqui. E nossa estrutura de ambulância, de UTI imóvel leva o paciente em segurança para aquele serviço. Isso acontece todos os dias e faz tempo que esse processo vem acontecendo dessa forma e assim vai continuar.

■ O hospital não atende só a população da grande João Pessoa, mas de várias outras cidades do estado, como é o processo de regulação dos pacientes de outros municípios?

Excelente pergunta porque mostra que a integração desse hospital com os municípios é muito boa. A princípio somos referência para a chamada primeira macrorregião, que tem mais de um milhão e meio de pessoas, mas obviamente recebemos pessoas do Es-

tado inteiro. Se há necessidade, se há o pedido da regulação, não negamos vaga. E ainda pela nossa posição geográfica recebemos pacientes tanto do Rio Grande do Norte, como também pacientes de Pernambuco. Até porque, hoje, o conceito desse hospital, em nível de assistência, na qualidade de assistência, na humanização, na rapidez no atendimento, atraindo os olhares de quem está lá na extremo oeste do estado, que está no Rio Grande do Norte e Pernambuco, que sabe que João Pessoa tem um bom atendimento. E, obviamente, sempre que possível atendermos a todos. Existem dois tipos de forma do paciente chegar aqui: pela regulação ou pela chamada demanda espontânea. Por exemplo, o paciente pegou o carro na sua cidade, mesmo não sendo do Estado da Paraíba, chega aqui numa condição de urgência e emergência, não perguntamos sequer o nome, o paciente passa imediatamente para o atendimento. Depois toda a estrutura administrativa vai em busca de endereço, nome, referência familiar, para elaborar o prontuário que é muito importante. Mas a assistência independe de qualquer tipo de identificação, de documento, absolutamente nada. Chegou aqui, passa direto para o setor, para ser atendido. E é uma coisa que podemos falar com tanta segurança que até convidando se quiser ir ali na frente do hospital para ver se tem alguém esperando sem atendimento. Eu duvido que tenha. Até porque circulamos o hospital inteiro várias vezes por dia, acompanhando, dia a dia, procurando saber se as pessoas estão sendo bem atendidas, perguntando como é a alimentação, se é boa, se é suficiente. Enfim, esse acompanhamento de perto, olho no olho, apertando a mão, olhando de forma direta para as pessoas, um relacionamento direto do diretor, indo em busca da informação, colhida diretamente com os pacientes e seus acompanhantes. E isso nos tem dado muita informação valiosa para ir corrigindo onde temos falhas. Eu costumo dizer o seguinte: onde estamos funcionando bem, nós vamos melhorar. E onde não está bem, nós vamos corrigir.

■ Em relação a equipe de profissionais que faz parte do quadro do hospital, o que tem sido feito para que se mantenha a excelência do serviço prestado junto a esses colaboradores?

Hoje o hospital conta com mais de 2.400 funcionários, sendo mais de 700 médicos vinculados a essa instituição. São 25 especialidades de plantão 24 horas por dia. Com essa prestação de serviço, nós temos de fato uma melhoria no atendimento, mas é uma coisa que não paramos, estamos permanentemente em busca da melhoria. Começamos olhando para o funcionário, melhorando a alimentação do funcionário que era uma queixa generalizada até porque ele tem que estar bem alimentado para poder trabalhar adequadamente. E mais ainda, o funcionário tem hoje o seu plano de saúde nesse hospital. Todo e qualquer tipo de atendimento, especialidade, exame e cirurgia é feito pelo hospital. Isso é uma acolhida ao funcionário para dizer: olha você tem tudo aqui, agora tem que dar tudo para o paciente também. E mais uma vez eu digo: eu sou

apenas um passageiro aqui. Isso não é decisão de um diretor, é uma decisão de um gestor e o gestor é o governador João Azevêdo que coloca as condições plenas em nossas mãos. Repito, não nos falta nada! Por que não prestar o melhor serviço?

■ Durante a pandemia de Covid o hospital montou uma estrutura para atender os paraibanos e, mesmo após o fim da pandemia, abriu um ambulatório para acompanhar egressos da doença. Como foi esse momento?

No início de 2020, em mais uma ação efetiva do Governo do Estado através da sua Secretaria de Saúde fomos convocados a ingressar na assistência. No Hospital Metropolitano foi criado um hospital de campanha, e aqui para a gente, colocamos toda a parte administrativa que funcionava no subsolo e em 15 dias foi possível abrir um novo hospital aqui dentro, com capacidade para atender 100 pacientes, com 30 leitos de UTI. Isso em 15 dias foi colocado à disposição da população, recebendo aqui paciente de média e extrema gravidade e, com isso, nós tivemos uma redução na mortalidade substancial. No Brasil, a mortalidade chegou a ter uma média de 62%. A mortalidade aqui nesse hospital conseguimos baixar para 48%. Obviamente, qualquer morte é sempre indesejada, mas perceber que esse hospital teve um índice de cura maior do que a média nacional, isso mostra a responsabilidade, a dedicação e o esforço do Governo do Estado para atender a população. Em seguida, abrimos um ambulatório para atender esses pacientes egressos vítimas de sequelas relacionadas a Covid-19, permanecemos aqui com essa assistência e só desarticulamos quando houve a recomendação do Ministério da Saúde para desmobilizar e voltar à assistência normal, porque o número de casos tinha reduzido. Ano passado, tivemos a síndrome gripal das crianças e mais uma vez o hospital foi convocado a participar e de forma muito cortez entramos nessa campanha, abrimos uma unidade aqui, para atender nossas crianças e podemos dizer que somente uma criança chegou a óbito, porque chegou muito grave, ao hospital, sem condições de reversão do quadro.

■ O hospital foi reconhecido recentemente por atingir 100% das práticas de segurança do paciente, foi uma surpresa para vocês esse reconhecimento?

Nós temos o setor especializado e uma enfermeira doutora nessa área, que vive praticamente morando no hospital em busca de toda situação que possa oferecer risco ao paciente, de qualquer prática que fuja dos cuidados adequados. E se ela detecta vai em cima e conversa para que aquele problema seja resolvido. De forma que, por conta desse trabalho contínuo dela, competente e dedicado, conseguimos chegar a esse nível de eficiência de qualidade. Mas, como eu disse, nunca nos contentamos, estamos sempre em busca de melhorar porque é assim que se constrói um bom serviço e se presta assistência à população. É o mínimo que podemos fazer pela nossa população. Uma assistência de qualidade, exce-

lência no atendimento, com rapidez e humanização.

■ O hospital possui um núcleo direcional de ensino e aprendizagem, como funciona esse serviço?

Como era de se esperar, num hospital como esse é preciso formar mão de obra de qualidade, porque os profissionais que aqui trabalham um dia vão se afastar e, obviamente, precisamos formar jovens que avancem, não só no aspecto técnico, como no aspecto humanitário, vendo o exemplo que damos aqui de assistência e formando esses profissionais. Então esse núcleo de eventos enfoca tanto a Universidade Federal da Paraíba como as diversas faculdades, nas diversas áreas de assistência à saúde. Temos os preceptores, além das residências que são conduzidas pela Secretaria de Saúde através da Escola de Saúde Pública, tudo isso focando na formação do profissional, que pode vir a nos substituir em breve. São 19 escolas que mantêm estudantes e residentes aqui, grande parte dela na área de medicina, mas tem também as multiprofissionais, na área de enfermagem, fisioterapia, psicologia e serviço social na residência.

■ Ao longo da nossa conversa você tem enfatizado bastante o apoio do Governo Estadual. Sabemos o quanto é importante quando temos o apoio de uma gestão que prioriza a saúde. E nesse ponto, parece que os paraibanos estão bem acobertados.

Sim, é preciso prestar um tributo aqui ao nosso governador João Azevêdo. Como eu disse para ele, precisamos ser um engenheiro para ter um enfoque tão intenso na saúde. E ele tem feito com muita determinação algo nunca visto na história da Paraíba, quiçá na história do Brasil. Ele está interiorizando, diferentemente como se fazia antes, que era só interiorização do profissional de saúde, do médico, do enfermeiro, ele está interiorizando a medicina de excelência. Nunca se viu isso. Hoje temos o Hospital de Emergência de Cajazeiras, o Hospital de Hemodinâmica e o Hospital de Câncer, em Patos, mais três hospitais para atender paciente vítima do câncer. Tudo isso, com verbas próprias do Governo do Estado, e, obviamente, com verba do Ministério da Saúde. Aqui está em vias de conclusão o Hospital da Mulher em João Pessoa, um feito meritório deste governo. E ligo, todo diretor de hospital vive reclamando de receita, que falta dinheiro, mas para ser justo, posso dizer que não nos tem faltado, em nenhum momento, verba, de forma que não devemos a nenhum fornecedor. E o funcionário recebe em dia, isso é uma prática do Governo do Estado. O fato do paciente ser atendido na sua região, facilita para a família o acompanhamento, a visita da família. E a interiorização da medicina de excelência, da assistência à saúde, isso de fato diminui o fluxo de pacientes à capital, aos grandes centros, como João Pessoa e Campina Grande. E isso é um ato de justiça para com a população das cidades do interior. Então, buscar isso como tem sido feito, é algo que fica registrado na memória dos paraibanos, na história da Paraíba e vai ficar registrado como o governo que mais investiu na área da saúde.

## PÁSCOA

# Passagem da morte para a esperança e uma nova vida

*Para os cristãos, momento é de introspecção e reflexão sobre os males que afligem cada um, para que o ser humano evolua espiritualmente, dentro dos preceitos do filho de Deus*

*Religiosos mostram que, apesar da recordação do calvário de Jesus, a Páscoa aponta para a libertação*

Michelle Farias  
michellesfarias@gmail.com

O período pascal tem por objetivo rememorar, de maneira mais intensa, o sacrifício que Jesus Cristo se submeteu na cruz do calvário pela humanidade, a passagem da morte para a vida. É sobretudo neste período que a igreja aconselha a renúncia ao materialismo, egoísmo e um olhar mais voltado para a compaixão. O pastor Jammerson Soares, da Igreja Betel Torre, explica que para os cristãos é um momento de extrema reflexão e contrição, pois deve fazê-lo lembrar da centralidade da sua fé, externalizada em um ato de renúncia e amor pelos pecadores.

“Ao mesmo tempo que os fatos concernentes à morte de Cristo são revisitados por meio dos relatos bíblicos, trazendo um profundo pesar por tamanho sofrimento pelo qual passou o Filho de Deus, a Páscoa também aponta para a esperança e recomeços, já que a ressurreição de Jesus é o acontecimento subsequente proclamado por seus seguidores e criado por seus discípulos

mundo afora”, explica Jammerson.

O pastor lembra que na sociedade há diversas características negativas dos sujeitos sociais que têm se sobressaído, como egoísmo, individualismo, manias de grandeza e consumismo. Ele ressalta que a cada dia percebemos indivíduos centrados em si mesmos, esquecendo-se do próximo e não dispostos a agirem com empatia em relação àqueles que os circundam.

“É preciso trazer de volta os mandamentos de amor, compaixão, solidariedade e paz de uns para com os outros, proclamados pela mensagem cristã. Estas verdades precisam ser reavivadas em nossos corações, para que alcancemos uma sociedade mais justa e tolerante”, destaca.

### Aprisionamentos

O padre Márcio José Costa Teixeira, da Paróquia Sant’Anna São Joaquim, afirma ser imprescindível na experiência da Páscoa que se reflita, enquanto sociedade atual, sobre tantas circunstâncias de escravidões e de morte - do ponto de vista moral, espiritual, político e social -, que ainda existem. Para ele, é fundamental que as pessoas reflitam sobre o poder e a força da Páscoa, de uma experiência que renasça a sociedade.

“A última palavra não é a escravidão, a última palavra não é a morte, e nós temos a esperança. A Semana Santa é a semana da esperança. A Páscoa nos provoca isso. Somos um povo capaz de crer, capaz de viver, de superar”, analisa o religioso.

## Saiba Mais

Neste domingo de Páscoa serão realizadas missas na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, às 6h, 9h (pelo arcebispo metropolitano Dom Manoel Delson) e 17h. Às 18h será celebrada missa no Mosteiro de São Bento.

## Famílias celebram a ressurreição de Cristo com fé e devoção

A família da confeitadeira Vanessa Ponce celebra a Páscoa com outros parentes como avós, tios e primos, sempre priorizando o real significado da data, respeitando os símbolos e a crença pascal. Para ela, é necessário resuscitar os valores em família, como o amor, o respeito, os momentos de partilhar e a gratidão de estar próximo dos parentes.

Ela acrescenta que o egoísmo e a falta de empatia são os principais problemas da sociedade, atualmente. “Podemos mudar tentando ver o outro como a imagem e semelhança do Senhor, se colocando no lugar do outro, tendo respeito, compaixão e simplicidade”, pontua.

Para educar os filhos - Maria Clara, Lucas, Matheus e Lívia, Vanessa e o marido Ivan contam com o apoio da escola, que é uma instituição religiosa, e durante toda a Semana Santa apresenta aos alunos, de forma lúdica, todos os passos do caminho do calvário.

“Em casa, além de partilharmos os momentos vividos na escola, colaboramos com as atividades propostas e, por fim, reforçamos o real significado da data. Na nossa casa não nos deixamos ser influenciados pelos meios digitais”, conclui Vanessa.

Da mesma forma que Vanessa, a designer Natália Melo busca sempre compartilhar a Páscoa com a família, mas considerando a vivência de momentos na igreja: missa, procissão, jejum, que antecedem o período pascal, e, também, experimentar junto às crianças a partilha de ovos de chocolate e as tradições da época.

“Precisamos ressuscitar todos os dias a nossa fé e o amor que Deus tem por nós. Um amor que não se alegria com injustiça, um amor gratuito que tudo suporta, supera e crê. É enxergar em cada



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal

Confeitadeira Vanessa Ponce e sua família celebram a data com os parentes, respeitando a crença e os símbolos pascais

pessoa em situação de vulnerabilidade social um Cristo abandonado, é se sensibilizar pela dor do irmão, pela fome de pão, pela fome de justiça. É agir, na medida do possível, para com a solidariedade e justiça social”, diz Natália.

### Desafios

Conter o aumento da violên-

cia, os casos de feminicídios são alguns dos principais desafios da sociedade atual. Outro problema diz respeito ao materialismo e egoísmo nas relações pessoais. O padre Márcio José Costa Teixeira descreve as questões como chagas sociais que precisam ser combatidas.

“A sociedade de hoje precisa de

um ressurgir, de uma libertação, de uma passagem, renovação, de um renascer de verdade. Isso porque, na perspectiva da fé, nós percebemos circunstâncias de dor, sofrimento, de tantas chagas sociais. Um crescimento tão absurdo de feminicídios, das circunstâncias de morte, desde a vida intrauterina, como também os idosos. Há

uma chaga social, a própria juventude precisa de um acordar para a realidade”, analisa o religioso.

Já o pastor Jammerson Soares destaca a importância de retornar a valorização do ser humano. “Um dos maiores problemas que assola a nossa sociedade é o materialismo. Temos trocado as pessoas por coisas”.

## Tradições se Mantêm Vivas

O Domingo de Páscoa é também o momento em que as famílias e amigos trocam ovos de chocolate e as crianças aguardam o presente do coelhinho. Alguns elementos foram incorporados à sociedade como tradições, em decorrência da exploração comercial. A Confederação Nacional dos Bispos (CNBB) mostra que os principais símbolos pascais são o cordeiro e o Círio Pascal, que representam o próprio Cristo morto e ressuscitado.

O Círio Pascal é a grande vela acesa na Vigília Pascal, no qual se encontram gravadas as letras A e Z ou suas correspondentes Alfa e Ômega, no alfabeto grego, lembrando que Cristo é o princípio e o fim de tudo.

Já o Cordeiro é um símbolo de origem bíblica, utilizado na celebração da Páscoa judaica. Jesus é o novo cordeiro pascal, cujo sacrifício traz a vida e a salvação. Os ovos são símbolos da vida que nasce; os coelhos, conhecidos pela fertilidade, também estão associados à vida abundante.

Sem esquecer o sentido religioso, na família de Natália Melo também há espaço reservado para a troca de ovos de chocolate. “A Páscoa, para nós, cristãos católicos, é um momento para reacender nossa fé e nosso compromisso para com os ensinamentos de Cristo. É no ressuscitado que enxergamos a boa nova, a oportunidade de reavaliar nossa relação com o irmão, e alimentar o carisma cristão. Em família, procuramos compartilhar os momentos, considerando a vivência do tempo na igreja, e também experimentar, junto às crianças, a partilha de ovos de chocolate e as tradições da época”, disse.

## NO VALE DO SABUGI

## Santa Luzia é referência cultural

Município, que faz parte da Rota dos Festejos Juninos, também tem turismo de experiência, forró pé de serra e belezas rurais

Sara Gomes  
saragomesreporterauniao@gmail.com

A cidade que ensinou o Brasil a dançar forró, Santa Luzia é o último destino da Rota dos Festejos Juninos Vale dos Sertões. Referência cultural no Vale do Sabugi, a cidade proporciona ao visitante um turismo de experiência ao conhecer as louceiras da Serra do Talhado, além do autêntico forró pé de serra. É possível conhecer também o Haras Pedro Miguel, desfrutando da beleza da paisagem rural.

A gestora de turismo e economia criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim, comenta as potencialidades de Santa Luzia que agregaram valor à Rota dos Festejos Juninos. “As louceiras de barro da associação enriqueceu muito o roteiro pelo contexto histórico e cultural da comunidade quilombola. A experiência do turismo rural no Haras Pedro Miguel também agregou valor - único espaço equestre da região. Sem falar na alegria diferenciada e acolhimento do povo de Santa Luzia”, destacou.

De acordo com o gestor de Turismo, Esporte e Juventude de Santa Luzia, Gabriel Nóbrega, Santa Luzia foi a primeira cidade da Rota de Festejos Juninos a ser inserida no Mapa de Turismo Brasileiro. “Quando o município é inserido no Mapa passa a receber recursos para fomentar o turismo na cidade”, declarou.

## Serra do Talhado

Em 1960, o cineasta Linduarte Noronha produziu o filme documentário Aruanda - considerado um dos marcos do movimento Cinema Novo. O filme narra o cotidiano da comunidade de Serra do Talhado, em Santa Luzia. A produção de peças em barro, retratada no filme Aruanda, sobrevive até hoje. Este legado atravessa gerações da cultura e resistência da comunidade quilombola. Santa Luzia também é conhecida por ser terra de grandes sanfoneiros.

A produção das panelas de barro era feita no quilombo, mas a associação migrou para a cidade, para facilitar as vendas aos turistas. Na apresentação, a presidente da Associação Comunitária das Louceiras Negras da Serra do Talhado, Gildeide Ferreira, menciona duas líderes quilombolas que deixaram seu legado: Rita Preta e Maria do Céu. “Rita Preta, minha avó, foi uma mulher guerreira que incentivou as mulheres a propagarem a cultura do quilombo. Já Maria do Céu cuidava da administração, mas foi vítima de feminicídio pelo companheiro, em 2013. Para continuar o legado dessas mulheres, assumi a associação há 10 anos”, contextualizou. Na visita, os turistas podem experimentar uma oficina de barro com as louceiras.

A representante da Criativa-Turismo, Carmen Moreira, admira a cultura, arte e ancestralidade da cultura quilombola. “A oficina das Louceiras é uma experiência muito interessante para o turista. Compreender o processo de fabricação e poder levar para casa uma panela de barro também, mas o turista também deve ter a opção de peças menores, para servir de lembrancinha. A minha única crítica é o amorismo na cobrança dos valores das peças”, disse.



Fotos: Roberto Quevedes

Santa Luzia, conhecida como a cidade que ensinou o Brasil a dançar forró, tem um São João bastante tradicional e que atrai muitos turistas

## Museu tem mais de 30 mil peças catalogadas

“

**A cidade de Santa Luzia do Vale do Sabugi é riquíssima em cultura, seja na música, na dança, nas artes ou na culinária**

Simone Augusta

O museu comunitário Jeová Batista de Azevedo foi inaugurado em 1971, quando Santa Luzia fez 100 anos de emancipação política. Com mais de 30 mil peças catalogadas, o espaço tem um acervo rico em documentos, moedas, fotografias, armas e bens culturais doados por pessoas da região. O Museu proporciona uma verdadeira imersão sobre a história e cultura da cidade, com foco no São João de Santa Luzia - a cidade que ensinou o Brasil a dançar forró.

O São João em Santa Luzia vai completar 83 anos no dia 23 de junho. O historiador Romerito Moraes explica que a festa popular não é vinculada a nenhum padroeiro, mas sim uma característica cultural. “As pessoas vinham pra cá pra brincar São João, mas a missa do padroeiro só aconteceu há 32 anos. Quando o São João fez 50 anos, come-

çou a ser popularizada a cultura de Santa Luzia, por ter ocorrido 30 dias de festa pública.

## Haras Pedro Miguel

O Haras Pedro Miguel, localizado na zona rural, é conhecido pela tradição equestre na região, onde o turista poderá experimentar o contato com a natureza através do turismo rural, como andar a cavalo, descansar na rede instalada na baía para cavalos ou conhecer a extensão da propriedade em um Pau-de-arara, transporte bem rudimentar utilizado no século passado.

A proprietária do Haras, Dora Nóbrega, conta que o Sebrae-PB ampliou os horizontes do seu negócio. “O Sebrae não dá o peixe, mas ensina a pescar. Foi a partir desses diálogos sobre o plano turístico de Santa Luzia que eu percebi que podia criar novas oportunidades, baseado na economia criativa, geração de

emprego e renda, valorizando a cultura do Sertão”, disse.

## Grupo de dança Maria Bonita

Há 14 anos, o grupo de dança Maria Bonita surgiu quando a professora Simone Augusta percebeu a necessidade de inserir cultura e valores nas crianças e adolescentes de uma escola. “A tradição é um aspecto importante quando falamos em cultura, responsável por manter costumes e valores. A cidade de Santa Luzia do Vale do Sabugi é riquíssima em cultura, seja na música, na dança, nas artes ou na culinária”, disse Simone.

Na Rota dos Festejos Juninos foi apresentado o coco de roda com batidas de pés e mãos. “O coco de roda Mané de Bia é uma cultura e tradição de Santa Luzia. Na performance, as alunas dão as mãos e circulam em giros com a batucada e cantigas”, explicou Simone, responsável pelo grupo Maria Bonita.



Museu proporciona uma verdadeira imersão sobre a história e cultura da cidade



Haras Pedro Miguel, localizado na zona rural, tem tradição equestre na região



Grupo de dança Maria Bonita em apresentação do coco de roda

ABRIL MARROM

# Campanha alerta para a cegueira

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, cerca de 2,2 bilhões de pessoas têm algum tipo de deficiência visual

Samantha Pimentel  
samanthapimentel.jornalista@gmail.com

O Abril Marrom é uma campanha voltada à prevenção e combate de diversas doenças que podem levar à cegueira, como catarata, glaucoma, retinopatia diabética, descolamento de retina e degeneração macular. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 2,2 bilhões de pessoas têm algum tipo de deficiência visual, e destas, pelo menos um bilhão são afetadas por problemas de cegueira ou baixa visão. Na maioria dos casos, isso poderia ter sido evitado se as doenças fossem diagnosticadas e tratadas logo no início, prevenindo complicações.

No Brasil, os dados oficiais sobre a população com deficiência ainda são do Censo Demográfico de 2010, já que ainda não foram divulgados números mais recentes. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no país, há cerca de 6,5 milhões de pessoas cegas ou com baixa visão, e para reduzir esses números as consultas preventivas são essenciais.

Segundo o oftalmologista, professor doutor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro emérito da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, Osvaldo Travassos, existem muitas doenças que podem levar à perda de visão, e uma das principais é o Glaucoma. “Existem muitas doenças oculares que podem culminar com a perda da visão. A mais importante delas é o glaucoma, que é uma doença em que um líquido, no interior do olho, ele não tem a mesma absorção em relação a sua fabricação. Então ele fica preso, comprimindo as estruturas do interior do olho. E desta forma lesa o nervo óptico, que é quem comunica o olho com o cérebro. O nervo óptico



Fotos: Pixabay

Segundo o IBGE, no país, há cerca de 6,5 milhões de pessoas cegas ou com baixa visão, e para reduzir esses números as consultas preventivas são essenciais

“

**O glaucoma é a principal causa de cegueira mundial porque não produz sintomas de imediato. É uma doença progressiva, muito lenta e sem sintomas aparentes**

Osvaldo Travassos

atrofiando é como se você tivesse um telefone com o fio cortado. O telefone está bem mas não chega o som no outro terminal. O glaucoma é a principal causa de cegueira mundial porque não produz sintomas de imediato. É uma doença progressiva, muito lenta, sem sintomas aparentes e, eventualmente, quando o paciente vai fazer um exame oftalmológico, que tem que ser tirada a pressão intraocular, aí é que é detectado”, afirmou.

Outra das principais causas da cegueira é a catarata, que ocorre quando há uma opacificação do cristalino do olho, gerando a perda de transparência nessa região, o que causa o que costuma ser popularmente chamado de “vista embaçada”, como explica o oftalmologista Osval-

do: “Quanto à catarata, é bastante comum, a população tem mais informação sobre ela. Ela causa a opacificação de uma lente que nós temos dentro do olho. O nosso olho é como a máquina fotográfica, e dentro do nosso olho, nós temos uma lente mesmo, que recebe o nome de cristalino, que é transparente e focaliza as imagens pra gente enxergar com nitidez. Quando esse cristalino perde a transparência, aí a pessoa passa a notar uma visão embaçada, como um nevoeiro nos olhos, é o termo que comumente o paciente relata”, destacou.

Outra das doenças mais comuns, que podem levar à cegueira, é a Degeneração Macular Relacionada à Idade (DMRI), que leva à degeneração da retina, e tem o avanço da idade como fator de risco, é

o que destaca o oftalmologista: “Na faixa etária elevada, há uma condição em que uma área nobre da retina degenera, essa área recebe o nome de mácula, que é a parte da retina que informa ao cérebro aquilo que nós estamos enxergando de frente. Essa área, a mácula, com a idade avançada mesmo, ela pode sofrer uma Degeneração Macular Relacionada à Idade (DMRI), que causa perda gradual da visão central”, afirmou.

Além do avanço da idade, que é um fator de risco para doenças que podem levar à cegueira, outros problemas também podem surgir por causas hereditárias ou mesmo como reflexo de outras condições de saúde, como a diabetes. Por isso, é importante ficar atento a qualquer sintoma: dificuldade

des de enxergar, mesmo com o uso de óculos; manchas ou embaçamento da visão; dificuldade de ver as pessoas de frente, precisando olhar um pouco de lado para enxergar melhor; perda de visão periférica; perceber que não está vendo bem com um dos olhos. Em qualquer um desses casos, a orientação é realizar um exame oftalmológico, que deve ser feito, de forma periódica, mesmo na ausência de sintomas, como orienta Osvaldo. “A gente diz que todas as campanhas têm a finalidade de lembrar a importância do exame oftalmológico. Porque muitas vezes a pessoa não está sentindo nada, mas pode estar tendo alguma coisa que precise ser detectada, por isso é importante fazer o exame com uma certa precocidade”, destacou.

## Sociedade Paraibana de Oftalmologia promove ações educativas

Engajando-se no Abril Marrom, a Sociedade Paraibana de Oftalmologia promove ações educativas para destacar a importância da prevenção das doenças que podem levar à cegueira, sobretudo para conscientizar a população sobre as causas que podem ser evitadas e tratadas antes que gerem complicações e provoquem a perda de visão.

Criada em 2016, a campanha acontece em abril devido ao Dia Nacional do Braille, comemorado no dia 8 do mês. De acordo com o oftalmologista e presidente da Sociedade Paraibana de Oftalmologia, Eduardo Dalia, o foco do Abril Marrom é conscientizar sobre as causas evitáveis da cegueira. “Essa é uma campanha realizada há bastante tempo, que tem o objetivo de fazer uma prevenção das causas evitáveis de cegueira, e o foco é principalmente nas doenças que têm causa evitável, como a catarata, como o glaucoma, como a retinopatia diabética, as doenças de-



É importante conscientizar a população para realizar a consulta oftalmológica pelo menos uma vez por ano

generativas da retina, todas são tipos de doença que temos tratamento e prevenção”, explicou.

O oftalmologista também enfatiza que todos os anos a instituição promove ações educativas, com o objetivo de conscientizar e alertar a população sobre o problema. “Todos os anos a gente faz campanha de promoção à saúde. Ano passado nós fizemos algumas chamadas na comunicação em massa para orientação e conscientização da população em relação às causas evitáveis de cegueira”, destacou.

Eduardo ainda orienta as pessoas a realizarem a consulta oftalmológica com frequência, enfatizando a sua importância: “A consulta oftalmológica é preconizada uma vez por ano, e o médico oftalmologista é o profissional habilitado para cuidar da saúde ocular. Então, nesse exame anual, ele vai ver se teve alguma mudança nos óculos, se o paciente usa óculos, e também fazer a prevenção de doenças oculares”, afirmou.

## CATINGUEIRA

# Município tem forte tradição religiosa

*Devoção que os católicos dedicam ao santo padroeiro da cidade, São Sebastião, vem desde o século 19*

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

É no município de Catingueira que se encontra uma das mais belas formações naturais da Paraíba, a Serra da Catingueira. Nela ainda está a Cachoeira de Mãe Luzia, ponto bastante visitado pelos turistas. A cidade, situada no Sertão paraibano, também resguarda muita religiosidade e tradição. A população do município é constituída por 4.491 habitantes, e a devoção que os católicos dedicam ao santo padroeiro da cidade, São Sebastião, vem desde o século 19.

A crença surgiu por volta de 1860, quando a então província da Parahyba foi tomada pelo surto de cólera (Cholera Morbus), responsável pela morte de uma parcela considerável do povo da região. Temendo a chegada da doença na localidade onde morava, a senho-

ra Ana Joaquina da Silva, juntamente com os filhos e o marido Manuel Luiz de Abreu, fizeram uma promessa a São Sebastião. Eles pediram para que o lugar, onde hoje é Catingueira, fosse desviado do temeroso mal. Assim se sucedeu.

A moléstia chegou às

propriedades próximas, como no Sítio Cabaças, no município de Santa Terezi-  
nha, e no Sítio Marrecas, situado em Emas, desviando-se do ponto pleiteado. Para agradecer à graça alcançada, Ana Joaquina construiu a capela em honra a São Sebastião, que dá nome à igre-

ja matriz de Catingueira, situada no Centro da cidade.

Segundo o secretário de Cultura e Artes, Lázaro Renner, um dos destaques da cidade é a festa de São Sebastião. “A festa do padroeiro é realizada entre os dias 1º e 9 de janeiro, na zona rural; e entre os dias 10 e 20, na zona

urbana do município. Ela atrai muita gente”, declarou o secretário.

Outra festa religiosa que movimenta o município é o São João fora de época, chamado de Festa de João Pedro, que ocorre geralmente no fim de julho. Segundo Lázaro, este ano, porém, as

comemorações vão ser realizadas de 3 a 4 de agosto.

“Essa festa é realizada após o São João e São Pedro e foi nomeada de João Pedro. Na semana que antecede esses festejos, já tem toda uma programação cultural, com apresentação de quadrilha, corrida de jegue, pau-de-sebo, feira de agricultura e de artesanato”, declarou Lázaro, acrescentando que grupos musicais conhecidos nacionalmente costumam se apresentar nos dias que acontecem a Festa de João Pedro.

Além da religiosidade, o catingueirense é muito “receptivo” e “acolhedor, e a cidade mantém o ritmo tranquilo, típico, das cidades interioranas. “Nosso município, graças a Deus, é bem tranquilo e agradável para viver”, destacou Lázaro.

Segundo ele, a economia é baseada na agricultura e na pecuária, e pela movimentação do comércio local.



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Catingueira

A festa do padroeiro São Sebastião, cuja igreja matriz fica no centro da cidade, acontece de 10 a 20 de janeiro

## Povoado vira ponto de encontro dos viajantes

A palavra Catingueira, que dá nome ao município, é proveniente de uma grande árvore de mesmo nome (Caesalpinia pyramidalis). Essa espécie existia em abundância na localidade, e sua sombra servia para abrigar viajantes que passavam na estrada, mais precisamente os tropeiros, que transportavam cereais e outros produtos em lombos de animais.

Nessa época, havia um determinado local do povoado onde existiam várias catingueiras, tornando-se ponto de encontro dos viajantes que trocavam ideias. Mais tarde, agregaram-se a eles os vaqueiros que trabalhavam nas fazendas da região e percorriam as estradas em busca de animais (bovinos) fujões. Segundo dados da prefeitura do município, a história cita

o nome de três principais fazendas, cujos vaqueiros, entre uma busca e outra dos bovinos, se encontravam embaixo das catingueiras: a Fazenda Pedro Velho (do major Pedro Firmino Aires), a Fazenda Serra Branca (de Marcolino Soares) e a Campo Grande.

O trio de vaqueiros se tornou amigo e no local costumeiro de descanso foi construída uma casa de taipa para dar apoio às empreitadas nas busca dos animais das fazendas. A casa ficou aos cuidados de uma senhora que, durante muito tempo, deu suporte ao grupo, com alimentação, água e abrigo.

Nesse local, foi construído um curral para colocar, provisoriamente, o gado encontrado. Paralelo ao trabalho dos tratadores do gado, veio o suporte fundamental dos homens da estrada.

Conforme a prefeitura da cidade, informações de historiadores dizem que os primeiros povoados surgiram no século 18, na fazenda de Pedro Velho Barreto, que até hoje é tido como fundador do município.

Porém, as primeiras casas teriam sido erguidas em 1745. A condição de pousada, alcançada pela casa erguida na estrada, trouxe um novo ramo de renda, já que o atendimento aos transportadores de mantimentos começou a gerar dividendos e atrair novas pessoas.

Com a epidemia de cólera na região e a promessa da senhora Ana Joaquina da Silva em construir uma capela em devoção a São Sebastião, uma área de terra foi doada para o

patrimônio da igreja católica. A construção da capela, que teve à frente o senhor João Luiz de Abreu e o coronel Firmino Aires Albano Costa, trouxe desenvolvimento para o povoado. Vale salientar que essa missão religiosa contou com o auxílio de Padre Ibiapina, missionário que atuou em quase todo o interior paraibano.

Após a construção do templo religioso, o lugar foi denominado de São Sebastião da Catingueira, mantido por ocasião da criação da subdelegacia de polícia e oficializado com a lei que criou o Distrito de Paz. O local seguiu em ascensão econômica, e o coronel Firmino Aires, bastante influente, já representava a região, em 1886, na Assembleia Legislativa Provincial.

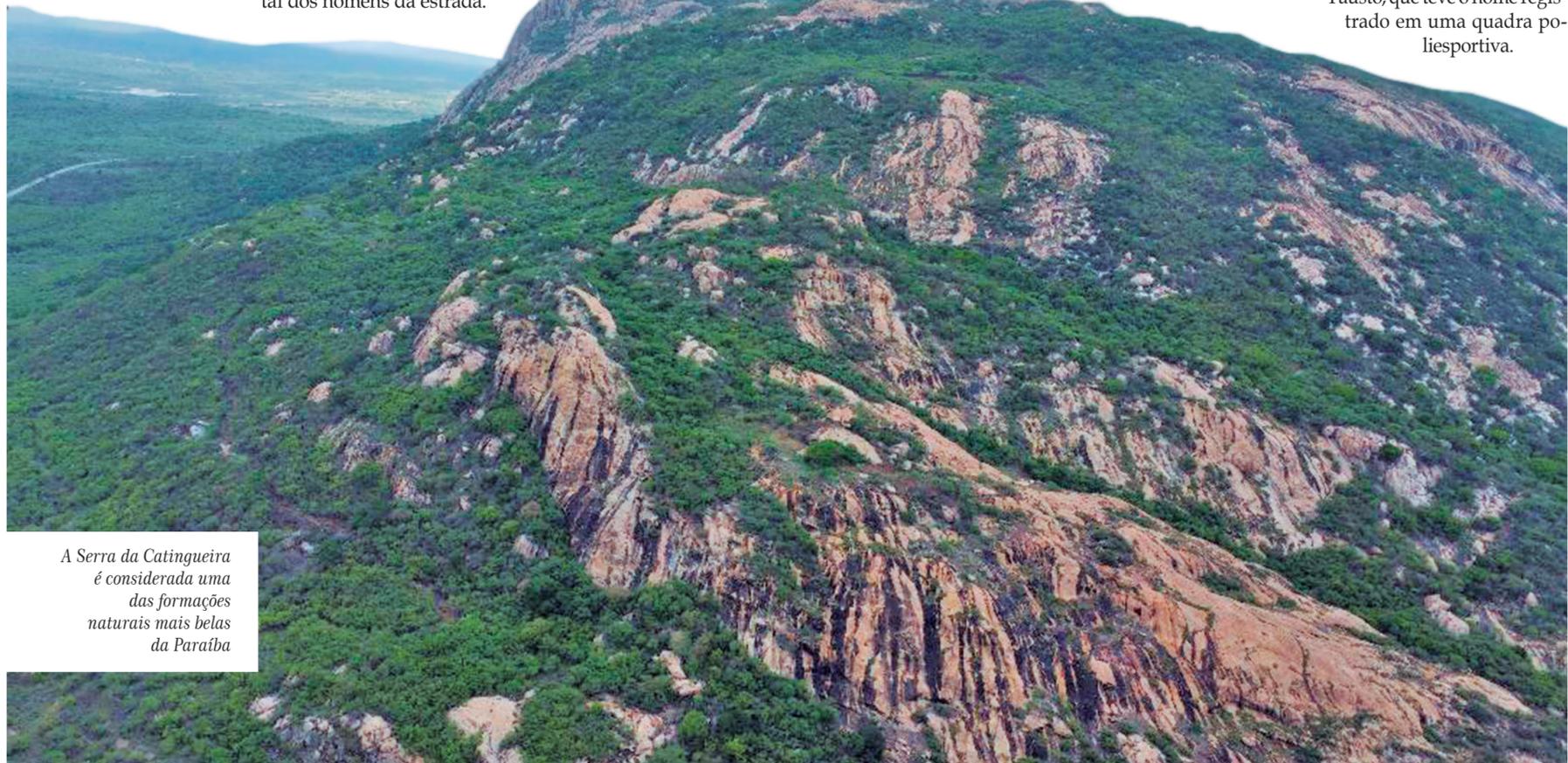
## Elevação à categoria de cidade aconteceu em 1959

Por meio da Lei 836, de 9 de setembro de 1887, o lugar virou distrito, sendo chamado de Jucá, a partir de julho de 1890. A elevação de categoria chegou a ser suprimida entre 1920 e 1930, mas foi restabelecida em 1933, através do Decreto 400. Ainda com o nome de Jucá, Catingueira foi declarada vila em março de 1938, e, em novembro do mesmo ano, com base no Decreto 1.164 - que fixou o quadro da divisão territorial, administrativa e judiciária do Estado - foi batizada de Catingueira, pertencendo muitos anos ao município de Piancó.

A elevação à categoria de cidade veio em consequência da Lei 2.144, de 15 de junho de 1959, e a instalação do município se deu em 4 de outubro do mesmo ano.

### Saiba mais

Catingueira é terra natal de alguns cidadãos ilustres, que foram homenageados (*in memoriam*) com seus nomes registrados em alguns locais públicos. Considerado o nome mais relevante, o poeta, escravo e repentista Inácio da Catingueira (1845-1879) foi lembrado com uma estátua na praça central da cidade. Analfabeto e de pai desconhecido, sequer tinha sobrenome e foi chamado de Inácio da Catingueira. Faleceu vítima de pneumonia, adquirida durante o árduo trabalho no campo. Os demais cidadãos foram o juiz do TRI, Paulo Montenegro Pires (que nomeia a Câmara Municipal), e o ex-prefeito João Félix de Sousa (Dão de Candu), que batiza um conjunto habitacional; além do ex-vereador e comerciante João Fausto, que teve o nome registrado em uma quadra poliesportiva.



A Serra da Catingueira é considerada uma das formações naturais mais belas da Paraíba



## MÚSICA

Chico César e Zeca Baleiro são amigos há mais de três décadas, e esse encontro rendeu agora um novo álbum: 'Ao Arrepio da Lei'

# Celebração de canções e amizade

Zeca Baleiro e Chico César compuseram muito juntos durante a pandemia, resultando em shows e no disco

Sheila Raposo  
sheilamraposo@gmail.com

“O lá, nós temos músicas novas! Vocês querem ouvir?” O convite, feito por Chico César, resume a mensagem que ele e Zeca Baleiro querem passar com o álbum *Ao Arrepio da Lei*, lançado em plataformas de áudio no dia 1º deste mês. Direto, despojado e sem firulas, o chamado não poderia combinar mais com a história dos dois: ambos nordestinos, donos de estilos musicais que se espelham e enlaçados por uma parceria (na vida e na profissão) que vem desde o começo dos anos 1990.

Para marcar essas mais de três décadas de história, a reunião de composições da dupla em um disco, seguido de turnê pelas principais cidades do país, era mais do que natural. Além do lançamento em *streamings*, eles também cravaram *Ao Arrepio da Lei* em versão analógica, pela Rocinante Três Selos. A bolacha foi lançada na última quinta-feira, em vinil vermelho, com capa dupla e envelope contendo ficha técnica e letras.

“Eu e Zeca compusemos muita música na pandemia. Como produzimos muito, veio a vontade de fazer um disco”, conta Chico. Zeca esmiúça: “O

que me motivou foi a ideia de celebrar 33 anos de amizade, um encontro muito simbólico, como o recorte de uma geração que se mostrou influente e longeva. Os shows que já fizemos foram verdadeiras festas. Esquentou o nosso coração”, diz.

### Processo criativo

*Ao Arrepio da Lei* demorou para sair do forno. Foram quase três anos entre as primeiras composições e o lançamento do álbum. “Estávamos envolvidos em vários projetos individuais. Assim que tivemos tempo, concluímos a gravação das músicas e fizemos o disco”, diz Chico. “Além disso, tivemos os atropelos gerados pela própria pandemia, o isolamento e o caos político. Mas a demora no acabamento foi questão de esmero, mesmo”, acrescenta Zeca. Um cuidado perceptível nas 11 músicas — sete das quais, inéditas — que compõem o repertório, inteiramente autoral.

As confidências e experiências compartilhadas no pequeno apartamento que ambos dividiram no início da carreira, na zona oeste de São Paulo, deram luz a uma parceria frutífera, iniciada com a canção

“Pajelança” (1995, com Tata Fernandes, em disco da cantora Vange Milliet) e seguida de sucessos como “Pedra de resposta” (1996), “Mandela” (1996), “Face” (1998, também assinada por Itamar Assumpção) e “Soul” (1998). A parceria ganhou volume a partir de maio de 2020, com a composição de mais de 20 canções.

— que dá título ao álbum —, “Bardo”, “Mocó”, “Narcisos”, “Néon”, “Dislike” e “Aglomerar”. Os dois compuseram letra e melodia, num processo de criação conjunto e cheio de experimentações.

### Turnê

Parcerias musicais são comuns na música brasileira. Noel Rosa e Vadico, Raul Seixas e Paulo Coelho, Tom Jobim e Vinícius de Moraes, João Bosco e Aldir Blanc — são apenas alguns exemplos do que duas mentes férteis e poéticas podem fazer quando se casam artisticamente. Chico César e Zeca Baleiro se juntam a esse panteão, com versos que calam fundo na alma e tiradas bem-humoradas, em cenários musicais que englobam o Sertão e o caos urbano.

Para mostrar essa sintonia ao vivo, os dois artistas saíram em turnê pelo Brasil, em show que estreou no dia 8 deste mês, em Curitiba (PR). Na sequência, vão se apresentar em cidades como Florianópolis (SC), Recife (PE), Brasília (DF), Porto Alegre (RS), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG) e Rio de Janeiro (RJ). E João Pessoa? “Não há

data nem previsão de show na Paraíba, até o momento. Mas queremos muito fazer esse show aí”, responde Chico.

### Novos tempos

“A gente não pode nem deve viver preso ao passado. Sou colecionador de vinis, tenho grande apreço pelo disco físico, mas o mundo mudou e não tem volta. Então a gente vai surfando nas novas possibilidades e se adaptando, encarando alguns desafios que podem, inclusive, ser inspiradores criativamente”, avalia Zeca Baleiro, ao se referir à nova forma de se produzir (e consumir) música, surgida com o advento das plataformas de *streaming*. “O que eu lamento de fato, e aí não tem a ver só com o avanço tecnológico, mas com o próprio espírito do tempo, é a truculência na escuta da música, assim como na fruição de qualquer forma de arte”, enfatiza.

Na apresentação de *Ao Arrepio da Lei*, no site oficial de Chico César, o texto diz que o título do disco não é à toa. Foi batizado assim porque os dois artistas estão “integrados de algum modo ao velho e decadente *star system*, mas ainda rebeldes, com espírito de luta, lirismo e alguma lucidez”.

Que essa pajelança siga fazendo chover no sertão das ideias!



Capa do álbum de Chico e Zeca: 11 novas músicas

O disco tem reggae, baladas, xotes e rocks. Quando anunciaram o lançamento, Chico e Zeca anteciparam duas canções, “Respira” e “Lovers”, em maio de 2021. Depois de retomarem as gravações, em 2022, apresentaram um single duplo com “Verão” e “Beije-me antes”. Além delas, há ainda “Ao arrepio da lei”

Imagem: Divulgação

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

## Canibalismo funerário entre os Wari

“O mundo é mágico, as pessoas não morrem, ficam encantadas” – dizia Guimarães Rosa. Entre os indígenas Wari (“nós” em português), de Roraima, também conhecidos como Pakaa Nova, as pessoas morriam e até viravam comida. A morte era um acontecimento público que mobilizava a sociedade por inteiro, uma espécie de fato social total maussiano. Não existia a possibilidade de uma morte anônima.

Quando um Wari morria toda aldeia era afetada. Os seus parentes mais próximos, consanguíneos, eram os responsáveis pela organização do funeral e por chorar o morto; os mais distantes, os cognatos, ficavam incumbidos da tarefa de comê-lo. Os Wari são conhecidos por cantarem para espantar o sofrimento e homenagear o defunto. Uma música de melodia única, mas com diferentes texturas e variações de letras criadas espontaneamente e entrelaçadas pelos cantantes, como se cosessem um tricô para expressar seus sentimentos de afeição por quem então se foi.

Durante um tempo, os Wari realizaram um ritual de canibalismo funerário que viria a ser extinto com a pacificação. Para ficar mais claro: quando alguém morria, dois jovens eram encarregados de avisar os parentes distantes do corrido, os chamados iri'nari. Pela tradição, não era permitido que o corpo fosse cortado e assado antes de sua chegada. Como morassem longe, isso sempre demorava para acontecer, o que significava que o corpo apodrecia antes do início do ritual fúnebre.

Uma pessoa ficava encarregada de cortar o cadáver, usando um objeto extremamente cortante feito de bambu. De um ponto de vista etnocêntrico: tra-

tava-se de uma culinária bem assustadora, macabra.

Ato contínuo: tiravam-se os órgãos internos do cadáver. Fígado e coração eram enrolados nas mesmas folhas em que se preparavam pamonhas e peixes. Atiravam-se os órgãos genitais e intestinos no fogo, destino semelhante que recebiam os cabelos e as unhas. Cabeça, tronco e membros eram separados para serem assados. Praticamente tudo era consumido. O que incluía as vísceras, os miolos dos crânios e os ossos – que costumavam ser triturados e comidos com mel. Era proibido ao cortador pôr suas mãos sujas de sangue na boca. Acreditava-se que, caso isso ocorresse, uma onça poderia comê-lo como punição.

A antropóloga Aparecida Vilaça, que escreveu a etnografia que serviu de base para este texto, nos conta que “parentes próximos costumavam se esfregar no cadáver para que o líquido que dele escoria não caísse no chão”. Demonstrações de pesar e desespero públicos podiam ser vistas durante o ritual, como a tentativa de pessoas de se atirarem no fogo. O corpo só era servido depois de cozido. Tinha que ser desfiado em pequenos pedaços, que necessariamente deviam ser comidos com parcimônia, sem demonstração de alegria, como mandava a etiqueta do acontecimento. Usavam-se pequenos pauzinhos de madeira como talher. Havia situações em que pessoas quebravam as expectativas morais e emotivas do grupo, ameaçando o ritual, o que era seguido de repreensão.

Um fato intrigante era que os fetos abortados não podiam ser comidos nem chorados. Segundo os indígenas, eles já nasceram podres. Bebês, no geral, não eram comidos, apenas chorados, des-

de que já tivessem mamado. As crianças eram comidas, mas de acordo com um rito que seguia regras diferentes. O processo era mais rápido, o que acabava evitando o apodrecimento. Os Wari diziam que não sentiam tristeza em relação aos bebês que já nasceram mortos. Ainda não tinham se transformados em pessoas.

Aparecida Vilaça argumenta que os Wari operaram uma descaracterização da identidade cadáver/presa. O canibalismo funerário estabeleceu outro tipo de relação no consumo de carne, na medida em que criou um conjunto de regras que delimitaram como preparar, quem e como se poderia comer o alimento. O fato de a carne assada estar podre era importante para a exigência de que o ato fúnebre de se alimentar não fosse uma experiência em si prazerosa. Afinal, não se estava comendo um animal, mas um parente.

Para os Wari, o corpo comido passava por um duplo cozimento. O primeiro era de ordem natural, isto é, a própria putrefação. Aquilo que o antropólogo Levi-Strauss chamava de “cozinha natural”. O segundo, a “cozinha cultural”, como resultado do uso do fogo. Isso criaria uma distinção importante: um urubu que se alimentasse de carne humana, por exemplo, só conseguiria experimentar o seu cozimento natural; enquanto uma onça que comesse a carne humana fresca, por sua vez, faria isso sem passar pelos processos de cozimento. Só os corpos humanos, na visão dos Wari, deviam ser comidos depois das duas cocções. Aparecida Vilaça diz que os indígenas creem que seja necessário que o corpo do morto desapareça pelo fogo ou pela alimentação, para que seu espírito consiga chegar ao seu destino.

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## O blefe do jogador

O inimigo da moral. Quem é o inimigo da moral? São milhares. Um artigo de 2011, do professor de Filosofia da USP Vladimir Pinheiro Safatle, publicado na *Folha de S. Paulo*, tratava desse assunto da moral, de que o maior inimigo da moralidade não é a imoralidade, mas a parcialidade. Nunca vi tão atual. Sempre gostei dos textos de Safatle.

Crivada a inquietação de muitos quando perdem a moral, perdem a vergonha, o julgamento de si mesmo e a coisa toda, a coisa simétrica, ou que pelo menos fosse simétrica, mas perder a moral ficou banal. É melhor não perder. Tonar-se inimigo da moral deve ser bem cruel. Nem precisa assumir, está na cara de pau. Uma borboleta e uma folha apresentam simetria.

Onde está a moral de um jogador de futebol que participa de um estupro coletivo, numa boate em Milão? Sem moral. Esse cara, de pensamentos inúteis, quando falou sobre o assunto, disse rindo que a “mina” estava embriagada e ela nem sabia quem ele era. Sem caráter. Insignificante.

Homens sem moral não valem nada. Nero, o homem que não sonhava, elevado ao domínio de uma nação tão grande e ousada como Roma, tocou fogo em tudo que quis. O imperador era exatamente isso, um homem sem moral, embora ele próprio não passasse de uma criança. Foi ele quem ordenou o assassinato da própria mãe, cinco anos após chegar ao poder.

Nero não sabia jogar bola, não sabia da igualdade das inteligências, um senhor da emancipação de si mesmo, dentro ou fora do poder. Robinho nunca soube da igualdade entre homens e mulheres, não poderia jamais ter participado de um estupro coletivo, confundir com goleada. É um blefe esse jogador.

No clímax do estupro o jogador Robinho logo descobriu que ele participara de um esquema que gerou o escândalo fora do campo, fugiu para o Brasil e hoje, preso, não tem moral para mais nada. Montado pela sua péssima atuação como cidadão, envergonhou o Brasil, que já vive sem vergonha na cara há muito tempo. Cara lisa, o jogador jogou merda no ventilador de um campo minado de estupradores.

Quando tal simetria se quebra, se podemos pensar assim, então, discursos de moralizadores começam a soar como astúcia estratégica submetida à lógica do “para os amigos, tudo, para os inimigos, a lei”. É foda, né?

Um rapaz que adora futebol disse a mim que achou justa a prisão do jogador Robinho, que não teria sentido ele ser preso na Itália, apesar de já ser condenado no país em que o crime aconteceu. Robinho não pôde ser preso lá. “Foi o certo”, disse o torcedor do Flamengo. As autoridades italianas até tentaram um pedido de extradição, mas não obtiveram sucesso. A Constituição Federal proíbe essa prática para cidadãos brasileiros.

Tantos “direitos” do cidadão na Constituição, mas essa coisa de o homem estupro a mulher, sempre à margem, um homem que tem sua mulher e filhos, pesou, viu?

Onde estão os pilares da construção do homem, isso sem questionar a ordem dominante em todos os lados, bandidos, policiais, milícias, bicheiros, jogadores de arte de fazer gol. O que isso tem a ver com Nero? Nada, só a distância.

No Brasil, esse assunto é batido, de compadres, coronéis, são centenas de estupros envolvendo poderosos ou simplesmente omitindo, mentindo, os fora da lei, mas como está na canção do compositor baiano - troque o Pará pelo Brasil. “O império da lei há de chegar no coração do Pará”.

E o jogador Daniel Alves? É o parceiro, né?

## Kapetadas

1 - Pra fazer harmonização facial é essencial um desses dois pré-requisitos, ou ambos: ter cara de pau e/ou cara de mau.

2 - Travesseiros sempre nos aconselham a manter a cabeça no lugar. Neles.

Foto: Divulgação



Condenado na Itália, Robinho está preso no Brasil por estupro

Colunista colaborador

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

## Atomismo e ética em Demócrito

Demócrito (460 - 371 a.C.) foi filósofo grego, nasceu em Abdera. Ele escreveu sobre filosofia da natureza, matemática, ética, música e desenvolveu a doutrina atomística do seu mestre, o filósofo grego Leucipo (primeira metade do século 5 a.C. - século 5 a.C.). Este afirmava que uma matéria pode ser dividida até chegar a uma pequena partícula indivisível. Segundo Demócrito, existem dois elementos principais para a formação de todas as coisas: o átomo e o vazio. A teoria atomística, apresentada pelos dois pensadores no século 5 a.C., influenciou as interpretações mecanicistas da natureza, surgidas no século 17, e continua nos dias atuais. As teses principais da teoria de Demócrito afirmam: os átomos são partículas individuais, invariáveis, eternas e em perpétuo movimento, que diferem apenas pela forma, tamanho, posição e ordem; os corpos são combinações de átomos ardentes e esféricos; o deslocamento dos átomos em várias direções forma a pluralidade da matéria.

A teoria atomista de Demócrito afirma que os átomos possuem movimento, número, dureza e forma, mas cor, sabor, odor, calor e frio são aparências que provocam sensações nos sentidos. Eles provocam essas qualidades devido a suas combinações, também ricocheteiam entre si, gerando o nascimento, a morte ou a mudança das coisas. As leis que regem os átomos são imutáveis. O seu deslocamento é giratório e ao girar chocam-se em todas as direções, produzindo um vértice. As suas partes mais pesadas vão para o centro e as mais leves vão para a periferia. No movimento vertical, os átomos mais pesados descem empurrando os átomos mais leves para cima, gerando infinitos mundos que se criam e se dissolvem também infinitamente.

Para Demócrito, o átomo tem uma forma originária e única. O que os diferenciam é a sua geometria, posição e organização. Esses três elementos que distinguem os átomos entre si podem

assumir variações infinitas. Os sentidos humanos não conseguem percebê-los, mas a racionalidade com o uso da lógica matemática pode conhecê-los. Eles são contínuos e por isso são diferentes dos outros corpos que são a junção de outros átomos. A qualidade de todos os corpos depende da forma e da ordem deles, que os compõem.

A Teoria do Conhecimento de Demócrito também é explicada através da sua Teoria Atômica. O comportamento dos átomos produz nas pessoas sensações, que são percebidas no corpo humano. A filosofia democritiana afirma que o conhecimento humano e a lógica não explicam o todo, porque o conhecimento se modifica de pessoa para pessoa e vai depender também das circunstâncias, que não garante um critério incontestável para definir uma verdade ou uma falsidade. Somente com o uso do conhecimento racional é distinguida a aparência da realidade.

Para Demócrito, a lógica, que proporciona o conhecimento da verdade e a física, revela a composição material da realidade. Fundamenta a moral, que deve proporcionar a felicidade, libertando o ser humano do temor ao divino. A alma humana, feita também de átomo, está sujeita à decomposição e à morte. Segundo o filósofo, a natureza se explica por si mesma e os acontecimentos que se produzem não têm uma causa primeira, pois preexistem de toda a eternidade, contendo, sem exceção, tudo o que foi, é e será. Ele contribuiu com novos conceitos para os estudos sobre figuras geométricas, volumes, tangentes e números irracionais. Desenvolveu o conceito de universo infinito, no qual existem muitos outros sistemas solares e planetários no Cosmos. Deduziu que uma galáxia se compõe de estrelas tão pequenas e aglomeradas que é quase impossível distinguir uma das outras.

Demócrito ao pensar sobre a ética sus-

tenta que a finalidade da existência humana a felicidade, deve-se buscá-la na moderação dos desejos, nos quais a faz consistir nos prazeres da alma, não do corpo. Alguns dos seus fragmentos escritos:

- “Deve-se respeitar a si próprio”;
- “A palavra é uma sombra das ações”;
- “A natureza humana é um microcosmo”;
- “Uma vida sem festas é um longo caminho sem repouso”;
- “Viver não vale a pena para quem não tem um bom amigo”;
- “É sinal de alma elevada suportar os excessos dos outros”;
- “É arrogância querer falar de tudo e não querer ouvir nada”;
- “Tudo que existe no universo é fruto do acaso e da necessidade”;
- “Quem cede diante do dinheiro não será jamais um homem justo”;
- “Não por medo, mas por obrigação, temos que nos distanciar dos erros”;
- “Para persuadirmos muitas vezes a palavra é mais funcional do que o ouro”;
- “Em matéria de virtude é necessário esforçar-se por fatos e atitudes e não por palavras”;
- “Discreto é aquele que não se aflige com o que não tem, mas se alegra com o que tem”;
- “Para mim, um homem vale tanto quanto uma multidão e uma multidão tanto quanto um homem”;
- “O animal é tão ou mais sábio do que o homem: conhece a medida da sua necessidade enquanto o homem a ignora”.

Sinta-se convidado à audição do 463º Domingo Sinfônico, deste dia 31, das 22h à 0h. Em João Pessoa (PB), sintonize na FM 105.5 ou acesse [www.radiotabajara.pb.gov.br](http://www.radiotabajara.pb.gov.br). Comentarei a vida e as interpretações do virtuoso violinista e regente italiano Salvatore Accardo (1941). Ele criou orquestras de câmara e massificou a música erudita através dos seus festivais internacionais.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## Por um estoico cristão exibidor e seu legado

Usando de metáfora, afirmaria: naqueles tempos... conduzindo sua enorme “cruz”, eventualmente menos pesada do que foi a d’Ele, aquele nosso cristão paraibano percorria as vias tortuosas de uma atividade que logo cedo abraçou. Uma existência por muitos considerada não apenas de mero negócio e pecúnia, mas de opção, por um encantamento diferente, que era partilhado com todos aqueles que o procurassem em seus “templos” de imagens, sonhos e diversão.

Firmara ele (o nosso devotado cristão exibidor) uma aliança, um consórcio imorredouro com o seu amado cinema. Igualmente, foram as vias “sagradas” do seu próprio dia a dia, também dos quantos como ele se dedicavam à arte de luz e sombras; até artesanalmente. Era ele um especial cristão, que logo cedo aprendi a conhecer e amar, desde os meus primeiros anos, no labor da ainda não “poluída” arte da exibição cinematográfica.

Não muito infaustos os rumos àquelas “calvários”, especiais, à sua maneira foram seus primeiros anos de exibidor cinematográfico; não menos “sagrados”, por isso mesmo resignados, no sentido amplo da austeridade e da resistência. Não raro, fora o cristão cooptado a desistir das próprias armas de sua seriedade profissional, sob as juras de vantagens, alhures, mais imediatas nos negócios. Jamais abdicou do sério. Por

vezes, presenciei moções que lhe foram feitas, visando tratativas supostamente vantajosas, mas eram então rebatidas com um curto e respeitoso “não, obrigado, isso não me interessa...”



Foto: Divulgação

‘Seu Severino do cinema’ foi um pioneiro da exibição na Paraíba

Lembro dessa época, em metáfora cristã com os dias atuais, quando se vive mais uma Páscoa. Mesmo porque o Cristo cênico de hoje já não é igual àquele de outrora, que era cinematografado em preto e branco, andando “ligeirinho” na velocidade de 16 qua-

dro por segundo, sem voz reverberante. Imagem que ainda persiste, sobretudo na lembrança de “cinemistas” como eu, guardião de filmes daquela época. Os “cristos” de hoje se mostram formosos e coloridos, de cabelos loiros, bigodes e barbas feitas ao melhor estilo do clã hollywoodiano. A aura visual que hoje se apresenta, claro, não terá sido e nem poderia ser aquela de décadas passadas. A pós-modernidade nos tem deixado “ressacas visuais” constantes, fazendo-nos valorizar ainda mais os tempos idos.

Mas, à guisa de conclusão, o “cristão exibidor”, acima citado, sempre foi e continua sendo o meu saudoso pai Severino Alexandre dos Santos, patrono da cadeira 5 da nossa Academia Paraibana de Cinema (APC). Pioneiro do cinema paraibano, quando esse ainda não tinha aprendido a “falar”. E a cópia do filme *Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo*, de 1903, em preto e branco, 16mm, com o Cristo andando ligeirinho, que sempre exibíamos nesta época, guardo comigo como um “relicário”. Uma película que me faz lembrar da saga bendita de “Seu Severino do cinema” (como era bem conhecido em Santa Rita), e suas agitadas Sextas-feiras Santas. Memória que continua venerada por mim e pelos quantos com ele conviveram cinematograficamente. – Mais “coisas de cinema”, no blog: [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br)

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Justino Justino Justino

A criação poética não se faz no vazio. Por trás de qualquer intento, existe uma tradição. A tradição pode ser a da continuidade, a das convenções, a dos códigos estabelecidos, a das obras canonizadas. Camões, por exemplo, não seria Camões, sem Virgílio, assim como Virgílio não seria Virgílio, sem Homero. Penso, aqui, numa tradição da paráfrase e da imitação que, explorada pelos grandes poetas, não elide o vigor de sua originalidade. Existe, todavia, uma tradição diversa, focada na descontinuidade, na desconstrução, na paródia. Octavio Paz fala em “tradição da ruptura”, exatamente para nomear a escrita daqueles que não se conformam com os paradigmas dominantes que fazem o necessário contraponto ao que está posto na incontornável dialética da história literária.

Faço esta breve reflexão para me situar diante do livro de Justino Justino Justino, intitulado *480 Poemas Pretos + 3* (EDUEPB, Latus, 2021), volume em tudo codificador das negatividades fonéticas, sintáticas e semânticas que o processo criativo pode permitir em sua permanente e inegotável abertura.

Chama-me a atenção, de logo, a voz da cor, o preto que se materializa em força significativa, quer na capa quer no miolo despaginado, a inscrever um poema aqui, outro poema ali, alternados pela mudez e pelo silêncio das folhas sem palavras. Diria, sem querer fazer trocadilho: das folhas pretas em branco. Vejo nesta mudez e neste silêncio poemas objectuais, visualizados e visualizáveis numa espécie de eloquência torturada que crava, já na sua espessura formal, a força comunicante e denunciadora de seu conteúdo temático. Lembra-me, guardadas as devidas nuances de contexto, o livro de Socorro Trindade, *Cada Cabeça, uma Sentença*, com suas páginas vazias, como que a indicar o sufoco e a repressão da censura nos dias de chumbo da ditadura militar. Tanto aqui como ali, o signo se transmuta em ícone, adquirindo, portanto, voz e sentido, e, por isto mesmo, chamando a atenção do leitor para a sua configuração semântica. As páginas caladas, assim, falam, falam como poemas autônomos, talvez mais incisivamente dos que os poemas arquitetados na verbalização. Imagino ser este um livro-objeto, artístico em sua fisicalidade, pelo engenhoso e contundente projeto gráfico-visual.

Outro tópico reside na matéria mesma de que fala. Justino Justino Justino traz à tona sua indignação social, política e estética em torno dos preconceitos, dos estereótipos, da violência e da crueldade de uma sociedade que aposta nas desigualdades e nunca respeita as diferenças. O racismo estrutural, a pobreza das categorias periféricas, a miséria dos espaços urbanos, as injustiças contra as minorias, enfim, a indiferença e o egoísmo das elites dominantes que manipulam os destinos do Brasil, são repassados no ácido movimento de uma linguagem sem complacência, sem meios tons, sem os falsos artifícios da retórica canônica. O autor, desviando-se das malhas panfletárias que envolvem sempre o discurso de protesto, não compactua com o óbvio, com o linear, com a boa intenção que caracterizam esse modelo literário. Diversamente, procura, por intermédio de intenso esforço experimental, sofisticar os recursos morfossintáticos de sua escrita poética, atingindo, em certas esferas, efeitos de genuína estesia. “cresço os cabelos”, “tocar os longes” e “eu só acredito em ciência que delira”, entre outros poemas, ilustram muito bem a minha afirmação.

Sem dúvida, este é um livro que pertence a uma antitradição. Na sua fatura fragmentária, atenta aos apelos do significante, assume ostensivamente uma postura de vanguarda. Vanguarda enquanto postura inventiva diante da palavra. Vanguarda enquanto método, enquanto dispositivo técnico e ideológico face à mesmice estética. No sentido de pontuar o gauchismo formal, ideativo e estilístico do poeta Justino, recupero a riqueza intertextual de sua poética, composta por nomes inventivos, a exemplo, entre tantos, de Ezra Pound, Fernando Pessoa, José Saramago, Souzaândrade, Drummond, Huidobro, Jules Laforgue e Roberto Piva.

Elizabeth Borges Agra, em nota de contracapa, refere “a ambiguidade do seu signo estético, cuja funcionalidade não pode ser avaliada por coerência, linearidade, estabilidade e seus correlatos”, no que acerta em cheio. *480 Poemas Pretos + 3*, confrontando-se com a tradição clássica, branca, eurocêntrica, dominante, dispensa, por conseguinte, a leitura crítica assentada em seus fundamentos tradicionais. Pressupõe, isto sim, uma leitura aberta, que saiba receber os sinais de novas e surpreendentes veredas estéticas. Uma leitura que, mesmo detectando certos fechamentos dos jogos experimentais, possa apostar nas possibilidades de uma realização artística. Os poemas de Justino Justino Justino assim o requerem. É lê-los, vê-los, ouvi-los, tocá-los, degustá-los e conferir.

## APC: Zezita Matos em performances poéticas

A atriz paraibana Zezita Matos, ocupante da cadeira 6 da Academia Paraibana de Cinema, estará participando de uma performance poética, no segundo sábado, 13 de abril, às 16h30, na sede da Editora Sanhauá, Avenida Desembargador Souto Maior, 66, Centro de João Pessoa. Evento para simples convidados.

Molduras Poéticas é um projeto que surgiu com o propósito de reunir diferentes gerações amantes de poesia e música. Objetiva ainda compartilhar interesse pela literatura poética, contribuindo para divulgação dos autores e o reconhecimento dos autores apresentados. Parabéns pra nossa confrade!



# EM cartaz

### ESTREIAS

**DOIS É DEMAIS EM ORLANDO.** Brasil, 2024. Dir.: Rodrigo Van Der Put. Elenco: Eduardo Sterblitch, Pedro Burgarelli, Luana Martau, Daniel Furlan. Comédia. Adulto que curtir os parques de Orlando, mas levar junto um garoto sério demais. 1h30. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: leg.: 15h30, 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h30, 16h45, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h30, 15h45. CINESERCLA TAMBIA 2: 15h20, 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 15h20, 19h.

**GODZILLA E KONG – O NOVO IMPÉRIO** (*Godzilla x Kong – The New Empire*). EUA, 2024. Dir.: Adam Wingard. Elenco: Rebecca Hall, Brian Tyree Henry, Dan Stevens. Aventura/ação. Dois monstros gigantescos se unem para combater uma ameaça à humanidade. 1h55. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h, 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qui. e seg. a qua.: dub.: 16h, 18h45; leg.: 21h20; sex. a dom.: 13h30, 16h, 18h45; leg.: 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): 3D: dub.: 14h, 19h15; leg.: 16h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 3D: leg.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 3D: dub.: 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h, 17h45, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h10, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 16h, 18h20, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 6h, 18h20, 20h40. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h10, 19h30. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 15h55, 19h; 2D: 21h25.

**INSTINTO MATERNO** (*Mother’s Instinct*). EUA, 2024. Dir.: Benoît Delhomme. Elenco: Anne Hathaway, Jessica Chastain, Josh Charles. Suspense/ drama. Após uma tragédia, mulher culpa vizinha pela perda do filho e a acusada teme uma vingança. 1h34. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 18h10, 20h15.

**UMA PROVA DE CORAGEM** (*Arthur the King*). EUA, 2024. Dir.: Simon Cellan Jones. Elenco: Mark Wahlberg, Simu Liu, Juliet Rylance. Aventura. Corredor de aventura adota um cão de rua e ambos estabelecem uma forte relação. 1h47. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.:

18h15.

### CONTINUAÇÃO

**ALICE NO PAÍS DAS TREVAS** (*Alice in Wonderland*). Reino Unido, 2024. Dir.: Richard John Taylor. Elenco: Lizzy Willis, Rula Lenska, Jon-Paul Gates. Terror. Adolescente que perdeu os pais vai morar com a tia em propriedade conhecida como Wonderland, onde eventos estranhos começa a acontecer. 1h17. 14 anos.

**João Pessoa:** CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 17h25. **Campina Grande:** CINÉPOLIS PARTAGE 4: dub.: 17h25.

**ANATOMIA DE UMA QUEDA** (*Anatomie d’une Chute*). França, 2023. Dir.: Justine Triet. Elenco: Sandra Hüller, Milo Machado-Graner, Swann Arlaud. Drama/ mistério. Mulher enfrenta um julgamento pela morte suspeita do marido, tentando provar sua inocência para o tribunal e para seu filho de 11 anos com deficiência visual. Oscar de melhor roteiro original, indicado também a filme, direção e atriz. 2h31. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 15h.

**THE CHOSEN – OS ESCOLHIDOS** (*The Chosen*). EUA, 2024. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Lara Silva, Paras Patel. Drama/ religioso. Compilação dos dois primeiros episódios da quarta temporada da série sobre a vida de Jesus. 2h20. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h10, 17h15; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h, 21h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h15, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h15, 20h. **Patos:** MULTICINE PATOS 1: dub.: 19h55.

**DUNA – PARTE 2** (*Dune – Part 2*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: Denis Villeneuve. Elenco: Timothée Chalamet, Zendaya, Rebecca Ferguson, Javier Bardem, Josh Brolin, Austin Butler, Florence Pugh, Dave Bautista, Christopher Walken, Léa Seydoux, Stellan Skarsgård, Charlotte Rampling. Ficção Científica/ aventura. Nobre unido a povo oprimido de um planeta desértico busca vingança contra os conspiradores que destruíram sua família. 2h46. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h15, 17h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA

RA 4: dub.: 21h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h25. **Patos:** MULTICINE PATOS 2: dub.: 16h20.

**OS FAROFEIROS 2**. Brasil, 2024. Dir.: Roberto Santucci. Elenco: Maurício Manfrini, Cacau Protásio, Danielle Winits, Antônio Fragoso, Charles Paraventi. Comédia. Gerente de vendas ganha da empresa uma viagem para a Bahia com toda a família e, para garantir sua promoção, resolve levar três amigos e suas famílias. 1h44. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 19h30, 21h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 20h45. CINESERCLA TAMBIA 2: 21h. CINESERCLA TAMBIA 4: 17h55. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 17h55. CINESERCLA PARTAGE 4: 21h. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dub.: 21h15.

**KUNG FU PANDA 4** (*Kung Fu Panda 4*). EUA/ China, 2024. Dir.: Mike Mitchell. Vozes na dublagem brasileira: Lúcio Mauro Filho, Danni Suzuki, Tais Araújo, Leonardo Camillo. Comédia/ aventura/ animação. Antes de se tornar um líder espiritual, panda precisa encontrar o novo dragão guerreiro e enfrentar de novo antigos vilões. 1h34. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h45, 17h, 19h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: qui. e seg. a qua.: 15h45; sex. a dom.: 13h15, 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h45, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 15h15, 17h30, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: qui. e seg. a qua.: 16h15, 18h30, 20h50; sex. a dom.: 13h45, 16h15, 18h30, 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h45, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h, 16h50, 18h40, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: sab.: 14h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 16h50, 18h40, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: sab.: 14h. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 15h, 19h15; 2D: 17h05.

**UMA VIDA – A HISTÓRIA DE NICHOLAS WINTON** (*One Life*). Reino Unido, 2023. Dir.: James Hayes. Elenco: Anthony Hopkins, Lena Olin, Johnny Flynn, Helena Bonham Carter. Drama. Pouco antes da II Guerra, jovem corretor de Londres luta para resgatar crianças da Tchecoslováquia dominada pelos nazistas. 1h50. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 21h40.

# Serviço

## STREAMING

# Frida Kahlo tem vida contada em novo filme

Documentário de cineasta peruana já está disponível no Prime Vídeo

## Estadão Conteúdo

A vasta obra de Frida Kahlo (1907-1954) pode ser definida, à parte seu rico universo artístico, como um relato de suas experiências de vida. Não faltam exemplos disso em seus escritos pessoais - que serviriam como um bom ponto de partida para a cineasta peruana Carla Gutiérrez fazer *Frida*, um competente filme sobre sua vida.

Foi a estreia de Gutiérrez como diretora de longas. Ela combinou narração em primeira pessoa com imagens de arquivo e animações interpretativas do trabalho da pintora no documentário, que já está disponível no Amazon Prime Vídeo.

Peruana, mas que bem cedo se mudou para os Estados Unidos, a diretora lembra que sua primeira conexão com as pinturas de Frida foi na faculdade.

## Novos planos

Gutiérrez trabalhou antes em projetos importantes, como os documentários *RBG* (2018) e *Julia* (2021), o que lhe permitiu envolver-se a fundo com a criação. Mas quando um amigo diretor lhe sus-

surrou o nome de Frida Kahlo, ela voltou aos livros da faculdade. Em poucas horas, estava fazendo planos para dirigir. “Essa história realmente me disse que eu precisava dar um passo a mais e dirigi-la”, conta ela. “Percebi que ela mesma poderia contar muito de sua própria história e senti que isso ainda não havia sido feito. Espero que seja uma nova maneira de entrar em seu mundo, em sua mente e em seu coração e de realmente entender a arte dela de uma forma mais íntima e crua”

Gutiérrez explica que Kahlo não deu muitas entrevistas durante sua vida, mas escreveu cartas muito íntimas e pessoais. E ficou impressionada com seu senso de humor, com seu sarcasmo e ironia, bem como com “o quanto ela era explícita em suas opiniões”. “De certa forma, é como uma confiança bagunçada e um feminismo desordenado”, resumiu.

A equipe de filmagem teve de pesquisar em museus de todo o mundo para encontrar as cartas que seriam compiladas para criar uma imagem completa da artista - o que incluiu o Museu Frida Kahlo na Cidade do México; o Museu Nacional de Mulheres nas Ar-

tes, em Washington (onde foram achadas as correspondências com sua mãe); e o Museu de Filatelia, em Oaxaca, onde estavam as cartas que ela escreveu sobre diversos assuntos para seu médico, desde seu casamento complexo até seu aborto espontâneo.

## Animação

Uma das decisões criativas mais importantes foi animar a arte de Kahlo, o que se mostrou um pouco controverso desde que o filme estreou no Sundance Film Festival. Alguns adoraram, outros não

pareceram convencidos. Mas isso fazia parte da visão do filme desde seus estágios iniciais. A esperança de Gutiérrez era transportar o público do real para o mundo interior de Frida.

“Sempre pensei em seu coração e em suas veias passando de suas mãos para a tela”, enfatiza a diretora. “Queríamos respeitar as pinturas, mas, ao mesmo tempo, introduzir uma animação lírica, para que parecesse que estávamos mergulhando em seus sentimentos”.



Foto: Divulgação

Palavras da pintora mexicana surgem através de suas cartas

Foto: Divulgação



O músico gaúcho se apresenta em CG e em JP em abril

## HUMBERTO GESSINGER

# Ingressos para show mudam de valor

## Da Redação

A partir de amanhã, os ingressos para os shows de Humberto Gessinger em Campina Grande e João Pessoa terão novos preços. Assim, os fãs que quiserem adquirir os *tickets* com valores promocionais têm até a meia-noite deste domingo.

Humberto Gessinger fará duas apresentações na Paraíba. A primeira será em Campina Grande, no dia 12 de abril, no Clube Campestre. No dia seguinte, o artista se apresentará em João Pessoa, no Clube Cabo Branco. O aquecimento dos shows ficará por conta da banda Black Machine.

As vendas de ingressos já estão disponíveis. Os *tic-*

*kets* podem ser adquiridos a partir de R\$ 90,00. Em Campina Grande, os ingressos estão à venda no site Ingresso Nacional e na Secretaria do Clube Campestre. Já em João Pessoa, as vendas acontecem nas Lojas Skyler, localizadas nos Shoppings Manaíra, Mangabeira, Tamiá e na loja da Av. Rui Carneiro.

Humberto Gessinger, com 39 anos de carreira, apresentará sua nova turnê *Quatro Cantos de um Mundo Redondo*, que inclui o mais recente álbum do artista com 10 canções inéditas e diferentes formações de banda, lançado em quatro etapas no formato digital. A turnê também celebra os 25 anos do disco *Tchau Radar* e os 35 anos do álbum *Alívio Imediato*.

# CELEBRE A LITERATURA FEMININA

Compre qualquer livro de autoria feminina e aproveite um desconto exclusivo de 10%!

VISITE NOSSA LOJA E APROVEITE!

[ Válido de 8 a 31 de março de 2024 ]

## CASO MARIELLE

# Família paraibana aguarda justiça

Tia da ex-vereadora assassinada no Rio de Janeiro, Marlene Cavalcante, conta último diálogo com a sobrinha

Filipe Cabral  
filipemscabral@gmail.com

“

**Você está em um mundo que não é verdadeiro. Você é uma mulher linda. Não confia**

Marlene da Silva Cavalcante

“Olha, no dia 8 de março - Dia Internacional da Mulher - de 2018, ano que mataram Marielle, ela ligou para falar comigo, mas eu tinha ido ao mercado. No dia seguinte eu falei com ela de manhã. Parece que eu estava adivinhando, porque eu disse para ela: ‘Olha, minha filha, não confie em ninguém. Você está em um mundo que não é verdadeiro. Pelo amor de Deus, Marielle. Você é uma mulher linda, uma pessoa que faz as coisas pelo povo. Não confia’. Ela disse: ‘Eu sei, tia’. E essas foram as últimas palavras dela pra mim”.

Essa é a última lembrança que a paraibana Marlene da Silva Cavalcante, tia de Marielle Franco, tem da sobrinha. Aos 83 anos de idade, “Dona Marla”, como é conhecida entre os familiares e amigos próximos, conta que recebeu a notícia no último domingo sobre a prisão dos supostos mentores do assassinato da vereadora e do motorista Anderson Gomes quando ia para a missa na igreja que frequenta em João Pessoa.

“Foi um Domingo de Ramos que ficou para história, né? Eu fui para a igreja e quando eu cheguei lá uma amiga disse: ‘Dona Marlene, a senhora viu que pegaram os mandantes da morte de Marielle?’”, recorda.

Embora tenha comemorado a prisão dos suspeitos pela morte da sobrinha, a mais velha da família de 11 irmãos ainda desconfia que o caso não está totalmente resolvido e que “muitas coisas que ainda precisam ser explicadas”.

“O que mais chocou a família toda foi aquele delegado. Uma vez eu questionei com a minha irmã. Eu disse: ‘Marinete [mãe de Marielle], olhe, esse delegado aí, eu não tenho muita fé nele, não. Ele é devagar demais’. Aquilo ali foi uma tragédia de Judas. Uma pessoa próxima, quase de casa, abraçando a gente, ser o mentor!? Ele, como delegado, era pra dizer: ‘Isso é um absurdo! Não vamos fazer isso’”, comentou Dona Marla.

“Mas Deus está no comando de tudo. E eu espero em Deus que, quem fez, pague. Porque quem faz coisa errada tem que pagar”, concluiu.

### Família

Nascida no interior da Paraí

íba, em Alagoa Grande - cidade de Margarida Maria Alves, histórica líder sindical assassinada em 1983 -, Marlene lembra que Marinete da Silva, mãe de Marielle foi a primeira da família a concluir o Ensino Superior. Segundo ela, Marielle nasceu logo depois que Marinete se formou advogada e sempre visitava os familiares na Paraíba.

“Todo ano ela vinha com minha irmã. Aos sete anos de idade ela já vinha sozinha. Minha irmã botava as duas [Marielle e Anielle, ministra de Estado da Igualdade Racial] no avião e eu pegava aqui. Elas ficavam um mês aqui comigo. Aqui mesmo na rua tem várias pessoas da idade dela que jogavam bola aqui com ela. São todas loucas por ela. Ela era um doce de criatura”, relembra.

Sobre os seis anos de luto e espera por respostas, a “matriarca” - como costumava ser chamada pela sobrinha - diz que foi, para toda a família, um período de “coração endurecido”. Segundo ela, mesmo com uma possível solução do crime e responsabilização dos culpados, “a vida nunca será a mesma”.

“Nós somos de uma família em que é todo mundo muito unido e Marielle era uma menina que existem poucas pessoas como ela. A nossa vida nunca será a mesma, até porque às vezes a gente está aqui, assistindo televisão, vendo qualquer notícia e de repente passa ela”, explica.

“O que nos resta é ter gratidão a Deus pelos anos que ela passou aqui na terra com a gente, que foram muito bons e muito gratificantes. É vida que segue, mas no coração da gente jamais vai cicatrizar essa ferida”, pontua.



Marlene Cavalcante mostra foto em que segura Marielle no colo em montagem com o momento em que ela ia se casar



Marlene ao lado de Marielle e sua irmã, além de um casal amigo durante uma recepção na casa da família na Paraíba

## Moraes decretou prisão de mandantes

■ Ao longo da semana, as prisões foram confirmadas pelo STF. Os três foram levados para a Penitenciária Federal de Brasília

No último domingo, por ordem do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, agentes da Polícia Federal (PF) da Procuradoria-Geral da República (PGR) e do Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) prenderam preventivamente o deputado federal Chiquinho Brazão, o conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro (TCE-RJ), Domingos Brazão e o delegado e ex-chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, Rivaldo Bar-

bosa. Os três são suspeitos de serem os mentores do assassinato de Marielle e Anderson, ocorrido no dia 14 de março de 2018.

Ao longo da semana, as prisões foram confirmadas pelo STF. A princípio, os três foram levados para a Penitenciária Federal de Brasília, considerada de segurança máxima, mas na quarta-feira, os irmãos Brazão foram transferidos. Segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública, os presídios para onde eles foram transferidos

não foram divulgados por motivos de segurança.

No caso de Chiquinho Brazão, a prisão do parlamentar ainda precisa ser chancelada pelo Congresso Nacional. Na terça-feira, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados adiou para o dia 8 de abril a análise do caso. A sessão foi suspensa por um pedido de vista coletivo dos deputados Gilson Marques (Novo-SC), Fausto Pinato (PP-SP) e Roberto Duarte (Republicanos-AC).

## Políticos na Paraíba vislumbram que o crime será punido

Na Paraíba, além da família de Marielle, a prisão dos supostos mandantes também causou repercussão entre grupos e representantes políticos, sobretudo os mais ligados ao partido e às pautas defendidas pela vereadora.

De acordo com o presidente do diretório estadual do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL-PB), Celso Batista, a notícia foi recebida

“com sentimento de que a justiça está sendo feita”. Ele ainda destacou que foi o partido quem entrou com pedido de cassação do mandato de Chiquinho Brazão na Câmara Federal e garantiu que “ficará acompanhando os desdobramentos da prisão”.

“Marielle era uma vereadora negra, de periferia, feminista, LGBT e defensora dos Direitos Humanos. Ela

tinha uma voz forte, uma voz potente naquela Câmara. E isso incomodava aquele parlamento formado, em sua maioria, por homens que não admitiam a voz de uma mulher com a firmeza que ela tinha. O PSOL vai acompanhar todos os demais desdobramentos em relação ao caso da companheira Marielle Franco, que continua firme e presente nos corações

e mentes dos lutadores e lutadoras do nosso país e em particular da nossa Paraíba”, afirmou.

Também parlamentar, negra, periférica, feminista e defensora das causas que Marielle defendia, Jô Oliveira, vereadora de Campina Grande, recebeu a notícia com um misto de “alívio” e “estarcimento pelas pessoas envolvidas”. Segundo

ela, o legado deixado por Marielle serve de “lembrete do porquê nós estamos aqui”.

“A gente sabe que essa forma violenta de nos parar é para fazer com que a gente tenha medo e não se coloque. Mas a gente tem um compromisso histórico com quem veio antes de nós. A gente tem um compromisso, inclusive, com a própria Marielle, que colocou, literalmente,

a vida à disposição para que a sua comunidade - o Complexo de Favelas da Maré - e o Rio de Janeiro de modo geral pudesse ter uma outra experiência política. Nós somos semente exatamente desse enfrentamento e dessa luta. O sangue de Marielle não pode ter sido derramado em vão. Então a gente precisa seguir a luta”, declarou a vereadora do PCdoB.

# Memórias

## A União

## Teresa Duarte

# Amor pela imprensa desafiou o pai, que não queria sua presença na Redação

*Ainda estudante, chegou a trabalhar em rádio e após concluir o curso de Comunicação começou a frequentar os jornais, de onde não se afastou mais, ocupando os cargos de repórter, colunista de turismo e chefe de Reportagem*

Luiz Carlos Sousa  
lulbjcp@gmail.com

Teresa Duarte é integrante de uma família que há gerações tem história com **A União**. Começou pelo pai, o acadêmico Waldemar Duarte, que começou a colaborar com o jornal escrevendo para o Correio das Artes. Teresa chegou e até hoje continua no batente, como se diz nas redações. E hoje há mais um Duarte, o Lucas, que estagiou no jornal e agora está na Rádio Tabajara. Teresa conta ao **Memórias A União** que a rotina na chefia de Reportagem é estressante, porque é preciso pensar na manchete e na foto do dia, independentemente de todos os problemas que possam acontecer. E revela como é a rotina que enfrenta até nos finais de semana e que, por onde anda, pensa em pauta. Acredita que a maior dificuldade na Redação é a interação entre repórter e fotógrafo, que, às vezes, não é suficiente para que os dois se entendam, apesar da consciência que todos têm de que trabalhar em jornal é trabalhar em equipe.

## Entrevista

■ *Você chegou n'A União em 2006?*

Primeiramente, obrigada por essa oportunidade de estar aqui. Cheguei em **A União** em 2003 a convite do então superintendente Itamar Cândido.

■ *Foi no governo Cássio Cunha Lima?*

Exatamente. Vim para reportagem. Fiquei muito tempo atuando. Eu era da Secom e era assessora de imprensa da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba, quando ele me convidou para vir para o jornal **A União**, estou até os dias atuais.

■ *Já passou por tudo quanto é cargo na Redação?*

Na verdade, eu fiz alguns trabalhos como repórter, primeiro na época de Itamar, ele fazia questão que nós tivéssemos uma entrevista *ping-pong* diária. Ai você imagina a dificuldade de todos os dias você produzir uma entrevista *ping pong*.

■ *Hoje com inteligência artificial ainda é ruim...*

Se você faz aquela transcrição dos textos automática, mas tem que corrigir tudo, imagina naquele tempo. Tinha que tirar palavra por palavra, não recebia pauta, tinha que ter ideia, transcrever tudo. E foi bastante tempo que eu fiquei fazendo essas entrevistas. E foi por causa dessas entrevistas que eu comeci a viajar muito pelo interior da Paraíba. Aproveitava e fazia um banco grande de informações e fotos nessas viagens. Comeci a despertar para o turismo e a produzir matérias especiais para a área.

■ *Algo do qual você não se livrou mais?*

Porque ainda hoje tenho a coluna de Turismo “Todos os cantos”, que circula no jornal **A União** toda sexta-feira e no Jornal Estadual da Rádio Tabajara, também toda sexta-feira. E foi então que o editor da época, nosso querido amigo Walter Galvão, me chamou e perguntou: “Por que você não escreve sobre turismo?” Eu vejo você fazendo muita coisa bacana na área de turismo. Faça uma coluna”.

■ *Já não foi mais sob a direção de Itamar?*

Ele me deu essa ideia muito tempo depois que Itamar saiu. Não lembro quem veio, eu sei que eu voltei para reportagem, as entrevistas pararam. Na época que veio Fernando Moura para

*Tudo vem para a Chefia de Reportagem. Sem falar que você tem que ter todo dia uma cabeça fria e produtiva para gerar as pautas, uma manchete do dia, além de uma boa foto... Como é que você faz?*

É complicado... Tem dia que eu fico doída, digo à nossa editora Gisa Veiga: hoje não rolu mesmo uma foto de capa. “Como é que a gente faz?”, ela se desespera. E é aquele estresse.

■ *A propósito, hoje a direção de Redação de A União é toda comandada por mulheres. Gisa, você, Taís Cirino e Renata Ferreira.*

Pois é, só mulheres, não brinca não. E a EPC (Empresa Paraíbaense de Comunicação) dirigida por Naná Garcez.

■ *E diretoria administrativa também é comandada por uma mulher, Amanda Lacerda. William Costa, diretor técnico é solitário...*

O Clube da Luluzinha está grande. Graças a Deus está dando certo. A mulher é mais detalhista, tudo que a mulher faz ela vai com cuidado. É muito minuciosa, eu acho que é da gênese.

■ *Em mais uma data dessas que consideramos cheias?*

Todas sobre **A União**. Muitas entrevistas, a maioria delas *ping-pong*, desse livro foram feita por mim.

■ *São entrevistas que dizem respeito exclusivamente ao Jornal A União?*

Isso. Com o jornal **A União**, pessoas que passaram pela empresa, temos algumas que marquei que tiveram importância no jornal. E, além disso, eu tenho uma relação familiar com o jornal **A União**.

■ *Sim, uma grande história porque o pai de Teresa era escritor... Acadêmico, ocupante da cadeira número 1 da Academia Paraibana de Letras, Augusto dos Anjos. E ele trabalhou a vida toda n'A União, até a aposentadoria, e acho que depois de aposentado continuou escrevendo... Depois veio Teresa e um neto dele...*

Papai entrou n'**A União**, com carteira assinada, em 1960. Ele trabalhava aqui na reportagem. Foi um dos fundadores do Correio das Artes, era colaborador do Correio das Artes e ficou aqui colaborando, mandando os artigos até o ano em que morreu, em setembro de 2004. Ele não conseguiu se familiarizar com a informática. Escrevia e eu passava para o computador e trazia os artigos já digitados.

■ *Ele começou como repórter?*

Como ele já escrevia como colaborador não começou no jornal como repórter. Era como colaborador de artes. De 1960 para 2004 são 44 anos... E ele continuou ainda colaborando. Eu vim em 2003 e o meu sobrinho Lucas Duarte foi estagiário aqui no período de 2014 até 2015, estagiário na área de Cultura. Hoje está na Rádio Tabajara. E eu estou até hoje, ou seja, são três gerações da família Duarte aqui no jornal **A União**.

■ *É muita colaboração. O que eu acho interessante, Teresa, atualizando bem a conversa para hoje em dia, é que você é chefe de Reportagem, que é, ainda hoje, o desequilíbrio de todos os problemas de uma redação, porque o carro quebrou, furou o pneu, ou não tem como mandar o repórter para a rua ou o telefone está quebrado, a internet caiu...*



Teresa Duarte acredita que o papel de A União é de resgate histórico e que ainda há espaço para a mídia impressa sobreviver

estágio no rádio e no jornal, ou seja, já entrei no jornalismo estagiando nas duas áreas. E até hoje atuo nos dois com minhas colunas de turismo.

■ *Desses desafios diários da chefia de reportagem, qual você acha que é mais complicado? Lidar com Política, com fotógrafo, Economia, Geral, Policial? O que é que exige mais?*

Essa parte não é nem complicada, você tira numa boa, porque dá uma navegada, assiste os jornais da TV e está sabendo 100% do que está acontecendo. Só que o jornal **A União** é um jornal diferenciado. Então, além das editorias normais, temos, todos os finais de semana, cinco páginas diferenciadas, que eu tenho que pensar na pauta para elas também. Uma delas Radar Ecológico, que trata do ambiente, da natureza, o 60+, das coisas para o pessoal da terceira idade. Temos Concurso e também Município, que é uma página que circula sobre as potencialidades dos municípios da Paraíba, e a entrevista. Então sábado e domingo eu tenho mais essas cinco para produção, têm que estar prontas para poder ser editadas e ainda fazer um banco. É difícil, porque temos também o Almanaque – mais o Quem foi? - e o Pensar. Eu distribuo para os repórteres, mas o editor desses cadernos é quem pauta.

■ *Isso levou quanto tempo para ficar pronto? Levou uns 15 dias. Eu passei três dias lá. Há outros colaboradores também nesse trabalho.*

■ *Como é o desafio do jornalismo diário, porque fez isso aqui, que tem um caráter diferente de jornal, é uma revista, mas você produziu na mesma pressa, na mesma carreira. E dá certo?*

Tem que ser. A notícia não espera para amanhã. É todo dia.

■ *Você se lembra de alguma das entrevistas da época?*

Eu fazia essa *ping-pong* diária. Lembrou que teve uma que eu gravei em Solânea. E fiz uma entrevista lá sobre aqueles bonecos, os fantoches com o mestre Maestro, um antigo bonequeiro de lá. Fiz a entrevista e no outro dia ele teve um infarto e morreu. Quando redigia a entrevista, ele já estava morto. Essa me marcou muito. Na gestão de Naná, também, nós fizemos esse Paraíba, Nossa Natureza. É um livro para a Sudema sobre as Apas (Áreas de Preservação Ambiental) existentes na Paraíba. Tem a Cachoeira do Roncador, tem Tambaíba, a Pedra da Boca.

■ *Levantamento florístico e A Mata do burraquinho?*

A maioria feita por mim. A Pedra

*foto ou pautar o repórter?* Eu acho que a foto é mais difícil, é meio complicado. Quando faço minhas viagens, todas as fotos que uso são minhas. Difícilmente peço a um dos colegas do jornal, porque eu costumeo viajar com minha câmera fotográfica.

■ *Voltando para sua história com o Jornal A União, a sua opção pelo jornalismo foi natural por causa de Waldemar?*

Foi natural, na época papai não queria. Ele dizia que o ambiente de jornal não era bom para uma moça, que o DAC (Departamento de Artes e Comunicação) era muito pervertido, que tinha uma história da sala preta. Jório Machado era professor e dizia coisas a papai e ele disse: “Você não vai fazer esse curso”. Vou sim, papai: “Eu vou lá trançar”. Papai não é assim, mas ele relutou muito. Depois ficou todo orgulhoso, arquivava todas as matérias que eu fazia. Quando ele faleceu, que fui olhar os arquivos dele, tudo o que eu escrevi ele tinha arquivado.

■ *Como foi sua chegada às redações?*

Eu continuava estudando. Comeci a estagiar na Rádio Universitária, dirigida por Arael Costa, e depois fui contratada; já trabalhava editando um jornal da rádio, ainda estudante. Quando me formei fiquei na rádio e fui trabalhar no jornal O Momento. Também trabalhei no Correio da Paraíba e escrevi para revista de turismo.

■ *Você foi uma repórter “virótica”?*

Vidrinho de álcool sempre do lado. Não tivemos nenhum problema. Nenhum dos três. E está aí um material belíssimo.

■ *No dia a dia qual é a maior dificuldade na chefia de Reportagem?*

No dia a dia a maior dificuldade é encontrar a manchete e a foto. Às vezes, tem algum evento que vai dar manchete, mas, às vezes, não tem nada agendado. Então a gente tem que pensar numa pauta que vai render a manchete do jornal.

■ *Você seleciona mais pelo trabalho para a comunidade, pela política, pela economia ou isso vai depender muito do assunto do dia?*

Vai depender do assunto do dia.

■ *Mas quando você vê os telejornais, lê o jornal, ouve o rádio e nada que tenha uma indicação de que vai ter manchete?*

Eu chego aqui às 7h, saio 14h: 30, 15h. Quando eu chego em casa, já começo a dar uma olhada para as pautas do outro dia, você está sempre olhando para o amanhã. É tudo para frente, um trabalho constante.

■ *Já vi você chateada algumas vezes na chefia de Reportagem reclamando porque não deu certo, porque o carro quebrou o repórter não conseguiu...*

Ou o repórter atrasou a matéria, era uma coletiva, que começava de 9h e repórter foi chegar mais tarde, engarrafamento porque **A União** fica um pouco distante, então, o tudo que a gente vai fazer, se tem uma pauta em Manaíra, tem que sair aqui cedo por conta dos engarrafamentos na BR para não perder. E a foto? Tem que estar lá.

■ *É mais difícil pautar uma*

de fonte de informações para estudantes universitários e pesquisadores, mas hoje em dia, não. Hoje em dia tem o Google. Entra pela internet e pesquisa. Naquele época eu recebia três pautas por dia e entregava as três.

■ *Hoje o repórter entregar uma?*

A gente não tinha como se desculpar para o chefe de Reportagem se não cumprisse as pautas e não desse aquela produção que ele esperava de cinco matérias, numa carência grande de recursos, porque só tinha um carro... Ou era no carro ou por telefone. E o gravador que era desse tamanho.

■ *Hoje com toda essa facilidade de acesso à informação, você pede algo ao repórter, quando cobra o andamento da matéria, a justificativa é “ainda estou esperando uma mensagem com a resposta”.*

A produção diária caiu mesmo.

■ *Não é como na nossa época, não. É como se diz no ditado popular “era no pé duro mesmo e a gente respondia”.*

■ *Você experimentou editar na Redação de A União?*

Não, nunca quis. Sempre foi reportagem. Teve uma época em que Linaldo Guedes era o editor e eu desci a segunda página que era Opinião, mas só foi ela e por um tempo muito curto.

■ *A reportagem sempre foi a sua praia?*

A reportagem. Eu não consigo ficar sem escrever, mesmo na chefia de Reportagem. Às vezes, tem uma matéria, algo de turismo. Eu vou e viajo, faço matéria, sinto a necessidade de escrever. Não consigo ficar sem escrever. Está no sangue de repórter mesmo.

■ *Você nesse período sentiu alguma dificuldade em produzir para A União?*

Na verdade eu nunca senti. Porque você não vai criticar o governo. Antigamente tinha muito isso que sentava mais na questão política, quando estava chegando as eleições. **A União** não faz parte disso. **A União** faz um jornalismo sério. E a gente entra em todas as áreas.

■ *Você então nunca teve dificuldade de saber quais eram seus limites, até onde você podia ir e o que você podia escrever?*

Aqui n'**A União**, nunca tive isso.

■ *Você sempre se entendeu bem, por exemplo, com o pessoal do Diário Oficial?*

Sempre. É tanto que todos os dias eu olho a edição do dia para ver se tem algum projeto que seja de interesse da população para pautar matéria. Na pandemia era direto, os decretos baixados que a gente tinha que estar produzindo material. Aliás, na pandemia eu fiquei vinda para o jornal, era somente eu e o motorista. Eu botava o pessoal na rua de casa, o repórter, tudo remoto. Era um deserto a Redação. **A União** não deixou de circular um dia sequer, embora, a gente tenha perdido um colega.

■ *Diante dessa experiência, dessa característica de você pertencer a uma família que já tem três gerações trabalhando aqui, qual é a avaliação que você faz do papel de A União para a sociedade paraibana?*

**A União** é importantíssima para a

sociedade paraibana. **A União** é uma história, é o resgate da história da Paraíba. A gente fica tendo conhecimento de tudo, de como foi a Paraíba. Eu considero **A União** como o tesouro cultural da Paraíba.

■ *Além do fato de que, por esse rico arquivo que tem, A União é imprensa, é Jornalismo, que é uma história diária, e é a própria história?*

E o jornal ainda mantém essas características: colunistas bons, gente que sabe escrever e dos saudosos de jornal no papel. Tenho muitos colegas que dizem: “Eu gosto de pegar o jornal e ler, folhear, entendeu?”

■ *Você acredita que ainda há espaço para essa plataforma de jornal impresso sobreviver com a tecnologia que vem, que pega e esmaga com a anterior?*

Eu acho que a tendência mesmo é parar tudo. Lembro que quando surgiram os computadores uma colega disse em São Paulo que as redações acabaram com as máquinas. Eu disse: isso não existe, computador é muito caro, mas em pouco tempo estava tudo informatizado. Lembra-se quando o computador era um absurdo de caro? E hoje em dia você compra na esquina, baratinho e financiado.

■ *Que outras iniciativas de A União, você destaca como importantes, não só para o jornalismo como para a própria cultura da Paraíba?*

Eu não falo nem nisso. **A União** hoje tem um setor que eu acho muito importante que é o setor de Braille. O pessoal desenvolve um trabalho muito importante. Não só no jornal, como também na Rádio Tabajara. Há uma coluna falando exatamente sobre o trabalho que eles vêm desenvolvendo em parceria com outros órgãos. Já foi feito aqui um cardápio em Braille, que hoje em dia é lei, os restaurantes têm que ter. Acessibilidade para todos. Agora mesmo com esse concurso que teve, nós estamos com um repórter autista, um diagramador também autista, e outras pessoas com deficiência que se engajaram à equipe. Quer dizer que é um espaço para todos.

■ *Fica na história?*

Você vai passar para os leitores, aí fica para a história. Não há como você corrigir. Não apaga, não tem corretor, pode pedir desculpas e tudo.

■ *Há algum tema que você gostaria de tocar que a gente passou despercebido?*

Na verdade, um tema que eu gosto muito que a gente já falou é exatamente sobre o turismo.

■ *Eu acho interessante como é que você consegue conciliar algo que exige a viagem, o conhecimento, a entrevista, o cuidado, certo tempo, com a velocidade do dia a dia de produzir pauta, notícia, foto, texto...*

Tem que se virar. É como disse: A notícia é amanhã, você tem que correr na frente. Vamos correr. Vamos pegar, vamos colher, produzir. Você não vai ficar escrevendo sobre o que aconteceu. O que aconteceu pode dar uma pesquisa histórica, mas sempre é para embasar o que você está fazendo hoje para amanhã.

■ *O que é mais difícil, lidar com um repórter experiente ou com um repórter que está começando?*

Pensando bem, acho que, às vezes, o experiente é mais complicado, porque você quer dar uma orientação e ele não quer receber aquela orientação, porque já “sabe” tudo. E o recém-chegado não, ele vem com interesse, cheio de vontade, querendo aprender mais e, outra coisa, ele começa a ir dentro do perfil

■ *O que chama mais atenção no trabalho de Redação do repórter é a interação com o fotógrafo ou é a produção?*

O mais complicado é a intera-

ção com o fotógrafo. Repórter e fotógrafo têm que estar alinhados, de mãos dadas, porque o fotógrafo tem que fazer as imagens em cima do repórter vai escrever no texto. E, às vezes, por exemplo, o fotógrafo não presta atenção em quem o repórter está entrevistando, está distraído com outra coisa, ou o repórter não orienta o fotógrafo sobre o foco da matéria. Ele já sabe quais são as fotos que tem que fazer e isso é meio complicado.

■ *Mas, de qualquer maneira, tem que produzir?*

Tem que produzir, e tem que saber trabalhar em equipe. O trabalho em equipe ou dá certo ou dá errado. Ninguém faz um jornal só. Ninguém erra só, também não acerta só. É uma equipe grande que vai do fotógrafo ao repórter e do diagramador ao editor.

■ *Como é que você lida com o erro, que é inevitável, com tanta mão mexendo?*

É humano, mas entristece. Um errinho bobo é natural, passa uma vez perdida. Não deveria, mas é natural. Agora um erro grave, meu amigo, é inadmissível no jornalismo.

■ *Fica na história?*

Você vai passar para os leitores, aí fica para a história. Não há como você corrigir. Não apaga, não tem corretor, pode pedir desculpas e tudo.

■ *Há algum tema que você gostaria de tocar que a gente passou despercebido?*

Na verdade, um tema que eu gosto muito que a gente já falou é exatamente sobre o turismo.

■ *Eu acho interessante como é que você consegue conciliar algo que exige a viagem, o conhecimento, a entrevista, o cuidado, certo tempo, com a velocidade do dia a dia de produzir pauta, notícia, foto, texto...*

Tem que se virar. É como disse: A notícia é amanhã, você tem que correr na frente. Vamos correr. Vamos pegar, vamos colher, produzir. Você não vai ficar escrevendo sobre o que aconteceu. O que aconteceu pode dar uma pesquisa histórica, mas sempre é para embasar o que você está fazendo hoje para amanhã.

■ *E o que eu acho interessante é o pioneirismo...*

Sai na frente, é pioneira, como quem diz assim: olha, o caminho é esse. E além de ser jornal, também é editora e gráfica.

■ *O que é mais difícil, lidar com um repórter experiente ou com um repórter que está começando?*

Pensando bem, acho que, às vezes, o experiente é mais complicado, porque você quer dar uma orientação e ele não quer receber aquela orientação, porque já “sabe” tudo. E o recém-chegado não, ele vem com interesse, cheio de vontade, querendo aprender mais e, outra coisa, ele começa a ir dentro do perfil

■ *O que chama mais atenção no trabalho de Redação do repórter é a interação com o fotógrafo ou é a produção?*

O mais complicado é a intera-



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa  
EDITORIAÇÃO: Paulo Sérgio

## PREFEITURA DE BAYEUX

# Concurso é retomado com 568 vagas

*Certame deve ser aplicado até o fim de abril e terá prazo de validade de dois anos contados a partir da homologação*

Michelle Farias  
 michellesfarias@gmail.com

Por decisão do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) o concurso público para a Prefeitura de Bayeux, cidade da Região Metropolitana de João Pessoa, foi retomado e deve ter suas provas aplicadas até o fim de abril. O certame oferece 568 vagas imediatas, além de 2.845 oportunidades para cadastro reserva, com salários que variam de R\$ 1.100 a R\$ 2.500.

Há vagas para as funções de agente administrativo, agente de trânsito, assistente social, auxiliar de consultório dentário, auxiliar de merendeira, auxiliar de serviços gerais, calceteiro, condutor socorrista, educador físico, eletricitista, enfermeiro, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, merendeira, monitor escolar, motorista, nutricionista, odontólogo, procurador municipal, professor B (Artes, Ciências, Educação Física, Ensino Religioso, Geografia, História, Inglês, Língua Portuguesa e Matemática), professor de Libras, Psicólogo, recepcionista, técnico de enfermagem (PSF e SMS) e técnico de informática.

Para todos os cargos serão aplicadas provas objetivas, com conteúdo a depender do nível



O concurso público para a Prefeitura Municipal de Bayeux, na Região Metropolitana de João Pessoa, terá salários de até R\$ 2.500

de escolaridade. Somente para o cargo de procurador municipal haverá prova discursiva, que será aplicada no mesmo dia e horário da prova objetiva. Será eliminado o candidato que não alcançar 50% do total de pontos dessa prova.

Já para o cargo de agente de trânsito será feita também a avaliação de capacidade física, com

caráter eliminatório. As provas serão aplicadas exclusivamente na cidade de Bayeux, sob a supervisão do IDIB, banca organizadora. O cargo com o maior número de vagas é o de auxiliar de serviços gerais, com 100 oportunidades para um salário de R\$ 1.100. O segundo maior número é para professor com Licenciatura Plena em Pedagogia são

76 vagas e salário de R\$ 1.907, já para monitor escolar são 69 vagas e salário de R\$ 1.100. O maior salário do concurso é oferecido para o cargo de procurador municipal, fixado em R\$ 2.500.

O concurso terá prazo de validade de dois anos contados a partir da homologação e poderá ser prorrogado uma única vez e por igual período.

■ Para todos os cargos serão aplicadas provas objetivas, com conteúdo a depender do nível de escolaridade

## Merendeira tem papel fundamental na segurança alimentar da escola

Uma das oportunidades oferecidas no certame é para o cargo de merendeira, função disponibilizada de forma recorrente em concursos de prefeituras.

Para concorrer ao cargo normalmente é exigido o Ensino Fundamental, a exemplo da Prefeitura de Bayeux, onde é ofertado salário de R\$ 1.210 para uma carga horária de 40 horas semanais. São 30 vagas, além de 170 para cadastro reserva.

As provas objetivas para o cargo serão formadas por questões de Português, Raciocínio Lógico e Conhecimentos Gerais. Os profissionais têm como atribuição principal do cargo preparar a merenda para as escolas que desempenham papel fundamental na segurança alimentar, em acordo com as recomendações estabelecidas pelas legislações do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae).

No cargo de merendeira é necessário preparar e distribuir merendas e outros alimentos; arrumar as mesas para refeição; higienizar os alimentos, zelar pelos mantimentos em relação à sua segurança, higiene e conservação; verificar se os gêneros fornecidos para utilização correspondem à quantidade

“

**Quando eu faço comida para as pessoas eu me coloco no lugar de quem está comendo, então eu procuro fazer o meu melhor com todo cuidado. Trabalhar com o paladar de várias pessoas não é fácil, mas é muito gratificante**

Maria do Carmo Andrade

de e às especificações das merendas ou de outros alimentos; manter limpos os refeitórios, cozinhas e utensílios; controlar o total de merendas distribuídas.

Maria do Carmo Andrade trabalha com manipulação de alimentos há 20 anos, sendo 14 em escolas. A primeira atividade do dia é preparar o café da manhã para as crianças, pensando sempre em oferecer uma alimentação balanceada, com carboidrato, proteína, legumes, verduras e frutas. No período da tarde também é preparado o lanche para os alunos, baseado em cardápio feito por nutricionista.

“Trabalhar com alimento tem dois pontos, quando você gosta se torna mais fácil, e eu gosto de manipular o alimento, criar minhas receitas, de caprichar. Quando eu faço comida para as pessoas eu me coloco no lugar de quem está comendo, então eu procuro fazer o meu melhor com todo o cuidado. Trabalhar com o paladar de várias pessoas não é fácil, mas é muito gratificante. A maior satisfação de uma merendeira é quando todo mundo come e sai satisfeito. É gratificante ouvir que a refeição estava uma delícia”, conta Maria do Carmo.

# Memórias

# A UNIÃO

Neste domingo (31/03), uma conversa com **Teresa Duarte**. A jornalista integra uma família que há três gerações tem história com A União, produzindo informações e opinião.

**Acesse nosso canal no YouTube**

**uniaogovpb**

## POTENCIAL DE CONSUMO

# Franquias buscam bairros periféricos

Analista do Sebrae diz que esta é uma tendência surgida no final do ano passado e vem transformando a cidade

Barbara Wanderley  
babiwanderley@gmail.com

Com o Centro a cidade e os bairros nobres abarrotados de comércio, as franquias agora estão de olho nos bairros mais periféricos de João Pessoa, que demonstram grande potencial consumidor. O bairro dos Colibris, por exemplo, ganhou recentemente uma loja do Burger King. Mangabeira, Valentina Figueiredo e Geisel são outros exemplos de bairros onde o comércio tem crescido significativamente.

Para a analista do Sebrae-PB, Rosário Brito, esta é uma tendência que surgiu no final do ano passa-

“

**Não são mais aquelas lojinhas pequenas, informais. E hoje em dia, Mangabeira e Geisel são pequenas cidades**

Rosário Brito

do. “Creio que deve crescer, principalmente no segmento da alimentação. O Geisel, por exemplo, já é um polo gastronômico”, comentou.

A empreendedora Nayra Pedrosa escolheu Mangabeira para abrir o seu negócio, uma franquía oficial da Natura, que há um ano funciona na avenida principal do bairro, a Josefa Taveira. Ela contou que foram realizados estudos para a escolha do local da loja. “O franqueado entra com algumas informações locais, até porque nós estamos aqui, a franqueadora está em São Paulo. Mas a franqueadora também usa informações que eles conseguem com IBGE, SPC”, explicou.

Para Nayra, Mangabeira tem tudo a ver com a marca que ela representa. “É um bairro popular. A Natura começou por meio de consultoras”, lembrou.

Nayra também destacou que o comércio de Mangabeira “se profissionalizou muito” e houve grande melhoria na infraestrutura do bairro como um todo. “Não são mais aquelas lojinhas pequenas, informais. E hoje em dia, Mangabeira e Geisel são pequenas cidades. Tem todos os bancos, agência da Cagepa, integração dos ônibus, é um alto fluxo. As pessoas não saem mais de Mangabeira para resolver nada e a gente precisava vir onde os clientes estão”, afirmou.

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

### Religiões e o consumismo

Aproveitando que ainda estamos no clima da Semana Santa e hoje, domingo é um dia no qual muitas famílias estarão reunidas na tradicional troca dos ovos da Páscoa (tema do meu artigo do Jornal A União, edição do dia 17.03.2024), vamos falar do “consumismo” sob a ótica das religiões.

O consumo excessivo, muitas vezes referido como “consumismo”, é uma questão que se entrelaça com os ensinamentos éticos e morais de várias religiões. Essas tradições frequentemente veem o consumismo excessivo como algo que pode desviar o indivíduo de valores espirituais mais profundos, promovendo a ganância, o materialismo e o desequilíbrio na sociedade e no meio ambiente.

No Cristianismo, a abordagem ao consumo é muitas vezes baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo, que advertiu contra a acumulação de riquezas terrenas e promoveu uma vida de simplicidade e serviço aos outros. Passagens bíblicas, como o Sermão da Montanha (Mateus 6:19-21), instruem os fiéis a não acumularem tesouros na terra, mas no céu, pois “onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração”. Isso reflete a ideia de que a verdadeira satisfação não é encontrada em bens materiais, mas em valores espirituais e relacionamentos significativos.

No Islã, o consumo é visto através da lente da moderação e da justiça. O Alcorão ensina que Deus criou os recursos do mundo suficientes para todos, mas que eles devem ser usados de forma justa e equilibrada. O conceito de *Israf* (excesso) é desencorajado e os muçulmanos são instruídos a evitar o gasto excessivo e o desperdício. Além disso, a prática do *Zakat* (caridade), um dos cinco pilares do Islã, serve como um meio de redistribuir a riqueza e reduzir as desigualdades, encorajando os muçulmanos a serem conscientes sobre suas finanças e o impacto de seu consumo nos outros.

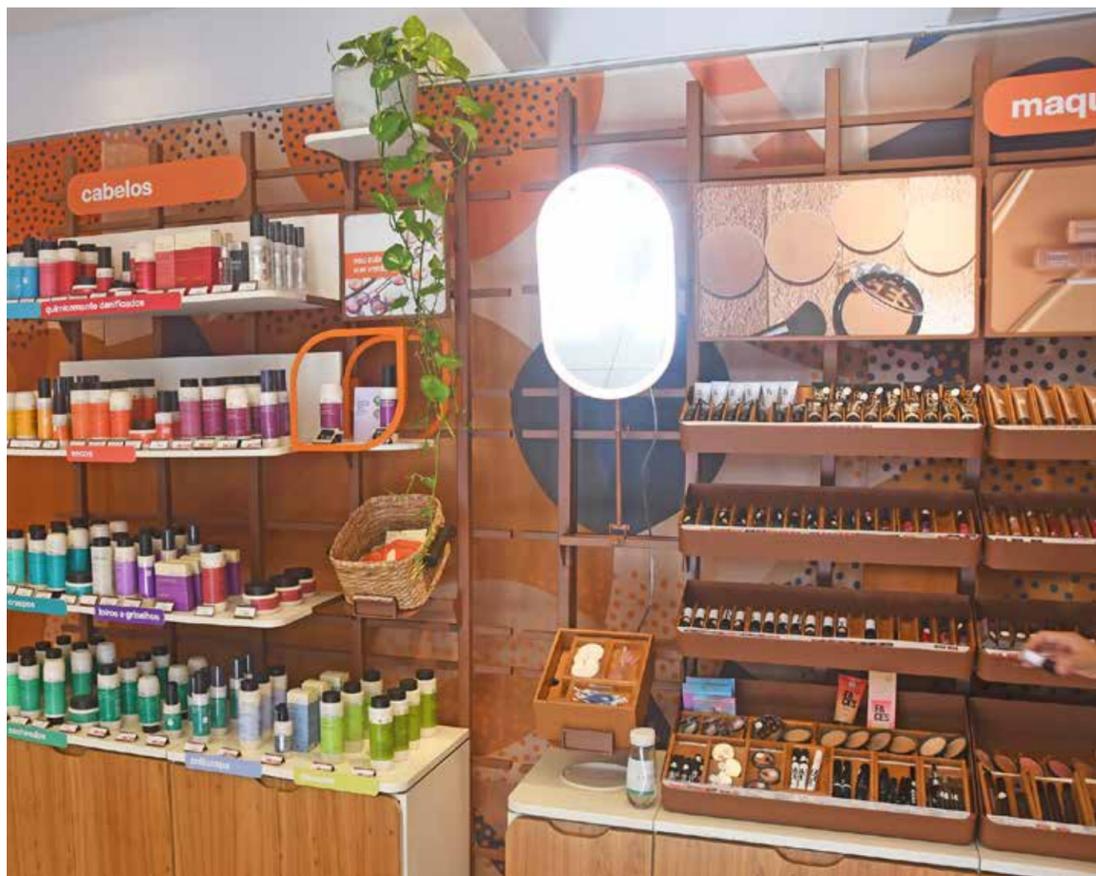
O Budismo, com seu princípio do Caminho do Meio, igualmente advoga contra o excesso, incluindo no âmbito do consumo. O desejo excessivo é visto como a raiz do sofrimento, e por isso, o desapego e a satisfação com o que é suficiente são virtudes centrais. A ética budista promove a ideia de que a felicidade verdadeira e duradoura não é derivada de posses materiais, mas do desenvolvimento interno, da paz e da harmonia com os outros seres.

No Hinduísmo, o consumo é enquadrado dentro do conceito de *Dharma*, que implica viver de maneira ética e equilibrada. Embora a acumulação de riqueza (*Artha*) seja reconhecida como uma das metas da vida, é enfatizada a necessidade de equilibrar a busca material com a responsabilidade espiritual e social. O conceito de *Karma* incentiva os indivíduos a considerarem as consequências de suas ações, incluindo as escolhas de consumo, em seu impacto mais amplo no mundo.

Além dessas grandes religiões, muitas outras tradições espirituais e religiosas enfatizam conceitos semelhantes de moderação, responsabilidade e a busca por significado além do material. Por exemplo, no Judaísmo, o conceito de *Tikkun Olam*, ou “reparar o mundo”, promove a responsabilidade de cuidar do mundo e de seus habitantes, o que pode ser contrário ao consumismo desenfreado.

Em um mundo cada vez mais globalizado e materialista, onde o consumismo excessivo tem sido associado a problemas como a degradação ambiental, a exploração laboral e as desigualdades sociais, as perspectivas religiosas sobre o consumo oferecem uma crítica importante. Elas chamam a atenção para a necessidade de refletir sobre nossos hábitos de consumo e seu impacto no bem-estar coletivo e na sustentabilidade do planeta.

Assim, embora as tradições religiosas possam variar em suas doutrinas e práticas, muitas compartilham uma visão crítica do consumismo excessivo. Elas promovem valores de moderação, contentamento e responsabilidade, não apenas para o benefício individual, mas também para o bem-estar da sociedade e do meio ambiente. Estas tradições nos convidam a considerar que a verdadeira satisfação e propósito na vida muitas vezes residem além da esfera material, incentivando uma busca por significado, conexão e realização que transcende a mera acumulação de bens. Essa visão pode inspirar indivíduos e comunidades a adotarem práticas de consumo mais conscientes e sustentáveis, alinhadas com valores éticos e espirituais mais amplos.



Fotos: Otávio Antônio

Mangabeira, Valentina Figueiredo e Geisel são exemplos de bairros onde o comércio tem crescido significativamente

## Paraíba faturou R\$ 680 milhões em 2023

A facilidade de não ter que sair do próprio bairro também foi citada por Rosário Brito para justificar o sucesso desses negócios. “Não precisa se deslocar muito, às vezes vão a pé, tem um menor custo de transporte”, avaliou.

“Participei de um evento de inovação onde fiquei sabendo que os locais que mais estão dando lucro no Rio de Janeiro são as favelas. Dentro delas há todo tipo de comércio”, contou a analista, explicando que o comércio não precisa estar apenas em bairros nobres e locais com grande concentração de renda.

“Só precisa conhecer o público, saber que o seu público está ali. Antes de abrir qualquer negócio, se faz uma pesquisa mercadológica, principalmente no caso de franquias. Geralmente a própria franqueadora já sugere os locais mais apropriados para a abertura da loja quando se compra a franquía”, disse.



“Bairro tem tudo a ver com a marca que represento”, diz Nayra

Ela contou que além das franquias no segmento de alimentação, as franquias de beleza também fazem sucesso nos bairros, como salões de manicure, depilação e *design* de sobrancelhas. “Doces e salgados para festas também, bi-

juterias”, listou. “Muitas vezes são microfranquias, ou seja, aquelas com custo de R\$ 5 mil”, completou.

### Números na Paraíba

Na Paraíba, existem 2.096 franquias ativas, que fatura-

ram mais de R\$ 680 milhões no ano passado, de acordo com dados da Associação Brasileira de Franchising. A maior parte das franquias do estado se concentra nas áreas de serviços e outros negócios, saúde, beleza e bem-estar.

“

**Participei de um evento de inovação e fiquei sabendo que os locais mais lucrativos no Rio de Janeiro são as favelas**

Rosário Brito

## MINHA CASA, MINHA VIDA

## FGTS Futuro passa a valer em abril

Caixa Econômica Federal confirmou que iniciará as operações dessa modalidade de crédito nas duas próximas semanas

Wellton Máximo  
Agência Brasil

Em até 15 dias, os trabalhadores de carteira assinada com renda de até R\$ 2.640 poderão contratar financiamentos do Minha Casa, Minha Vida usando depósitos futuros que o empregador fizer no Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Em meados de abril, a Caixa Econômica Federal começará a oferecer linhas de crédito do FGTS Futuro.

O banco confirmou que iniciará as operações dessa modalidade de crédito nas

## Contrato

**Opção pelo FGTS Futuro só pode ser feita no momento da contratação da linha de crédito**

duas próximas semanas. Em tese, a instituição financeira teria até 90 dias após definir as normas operacionais para começar a comercializar o FGTS Futuro, mas o prazo foi antecipado.

O anúncio da Caixa ocorre um dia depois de o Conselho Curador do FGTS regulamentar o FGTS Futuro para a compra da casa própria. Na contratação do crédito habitacional, o mutuário deverá autorizar a caução dos créditos disponíveis nas contas do FGTS por 120 meses. A autorização poderá ser feita diretamente pelo aplicativo FGTS.

Durante a contratação, o banco informará ao trabalhador o valor da prestação e a capacidade de pagamento com ou sem os depósitos futuros. Caberá ao mutuário escolher a modalidade de crédito. Caso opte pelo FGTS Futuro, os depósitos que vierem a ser feitos pelo empregador serão bloqueados na conta vinculada até a quitação total do saldo devedor.

Caso seja demitido, o trabalhador não poderá sacar o saldo da conta atrelado ao financiamento do imóvel. Todo o excedente disponível na conta de FGTS será usado para reduzir a dívida, com

exceção do recolhimento da multa rescisória de 40% no caso de demissão, que é exclusiva do trabalhador.

A opção pelo FGTS Futuro só pode ser feita no momento da contratação da linha de crédito. Caso o cliente não opte nesse momento, posteriormente poderá fazer uso dos recursos depositados em sua conta vinculada do FGTS, conforme demais modalidades previstas em lei. A Caixa esclarece que o uso ou não desse recurso será decidido exclusivamente pelo trabalhador e valerá apenas para os novos contratos de financiamento.

ATÉ 20 DE MAIO

## Governo prorroga Desenrola Brasil

Pela segunda vez, o governo vai prorrogar o Programa Desenrola Brasil, programa de renegociação de dívidas de pessoas físicas inadimplentes. Segundo a assessoria de imprensa do Ministério da Fazenda, a medida provisória com a extensão do programa está prevista para ser publicada no Diário Oficial da União nesta quinta-feira (28).

Inicialmente, as renegociações acabariam em dezembro, mas tinham sido prorrogadas até 31 de março. O aumento da procura após a unificação do Desenrola com os aplicativos de bancos, do Serasa Limpa Nome e o Caixa Tem justificou a prorrogação. Desde o início do mês, os débitos do Desenrola também podem ser renegociados nas agências dos Correios.

A prorrogação vale apenas para a Faixa 1 do Desenrola, destinada a pessoas com renda de até dois salários mínimos ou inscritas no Cadastro Único para Programa Sociais (CadÚnico) do Governo Federal e a dívidas de até R\$ 20 mil. As renegociações para essa categoria começaram em outubro.

### Ampliação

Desde o início do ano, o governo tem facilitado a adesão do Desenrola. No fim de janeiro, as pessoas com perfil bronze no Portal Gov.br passaram a poder parcelar as dívidas. Antes, quem tinha a conta desse nível, que tem menos segurança, podia apenas quitar o valor negociado à vista. Com a mudança, a proporção de usuários com login nível bronze subiu de 19% para 40% das negociações diárias.

Mais de 700 empresas participam do mutirão, entre bancos, financeiras, comércio varejista, operadoras de telefonia, concessionárias de água e de energia e securitizadoras. Ao todo, mais de 550 milhões de ofertas estão disponíveis no MegaFeirão, além dos descontos de até 96% do Programa Desenrola.

Desde 15 de fevereiro, o Desenrola Brasil passou a ser acessado também por meio do site da Serasa Limpa Nome. Com a integração entre as plataformas, os usuários logados na plataforma da Serasa já conseguem ser redirecionados para o [www.desenrola.gov.br](http://www.desenrola.gov.br), onde é possível consultar as dívidas e fazer os pagamentos nas condições do programa, também sem a necessidade de um outro login.

Segundo os números mais recentes do Ministério da Fazenda, o Desenrola Brasil beneficiou cerca de 12,2 milhões de pessoas, que renegociaram R\$ 375 bilhões em dívidas. Os descontos médios na plataforma do programa estão em 83%, alguns casos chegando a 96%, com pagamento à vista ou parcelado sem entrada, e com até 60 meses para pagar.



Foto: José Cruz/Agência Brasil

Caso opte pelo FGTS Futuro, depósitos que vierem a ser feitos pelo empregador serão bloqueados na conta vinculada até a quitação total do saldo devedor

## RECUPERAÇÃO DE CRÉDITO

## Litígio Zero terá nova fase a partir de 1º de abril

Wellton Máximo  
Agência Brasil

A partir de 1º de abril, contribuintes que devem até R\$ 50 milhões à Receita Federal poderão participar de uma nova fase do Programa Litígio Zero. Os pedidos de reparcelamento podem ser feitos até 31 de julho.

Segundo a Receita Federal, a nova transação tributária abrange débitos tanto de pessoas físicas como de pessoas jurídicas em fase de contestação administrativa. Em troca da renegociação, o contribuinte deverá abrir mão de questionar a cobrança.

“Vamos resolver o passado, fazer essa DR (discussão de relacionamento) entre nós, o Fisco e o contribuinte, para daqui para frente termos uma relação mais harmoniosa, sem litígio, com mais amor”, disse o secretário da Receita Federal, Robinson Barreirinhas. Ele destacou que o Fisco está mudando a postura para estimular acordos com os devedores e recuperar parte do valor devido, em vez de apenas punir os grandes devedores.

Os descontos variam conforme o grau de recuperação do crédito. Para dívidas classificadas como irrecuperáveis ou de difícil recuperação, haverá desconto de até 100% do valor dos juros, das multas e dos encargos legais, observado o limite de até 65% sobre o valor total de dívida. Nesse caso, o contribuinte pagará entrada de 10% do valor consolidado da dívida, após os descontos, divididos em cinco parcelas, e o saldo devedor em até 115 parcelas.

Se o contribuinte usar prejuízos de anos anteriores do Imposto de Renda e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido para abater o pagamento da dívida, deverá dar entrada de 10% do saldo devedor em até cinco parcelas. Os créditos tributários dos prejuízos apurados até 31 de dezembro de 2023 serão usados no abatimento, até o limite de 70% do valor da dívida após a entrada. O saldo residual será dividido em até 36 parcelas.

No caso das dívidas consideradas de média ou alta chance de recuperação, o devedor deverá dar entrada de 30% do valor consolidado

em até cinco parcelas e usar prejuízos de anos anteriores até 31 de dezembro de 2023 para pagar até 70% do valor da dívida depois da entrada. O saldo restante será parcelado em até 36 vezes. Outra opção será dar entrada de 30% do valor consolidado da dívida em até cinco parcelas e dividir o restante em até 115 meses.

Para os débitos de até 60 salários mínimos, as dívidas de pessoas físicas, microempresa ou empresa de pequeno porte poderão ser renegociadas com entrada de 5% do valor consolidado em até cinco parcelas. O restante poderá ser parcelado nas seguintes opções:

- em até 12 meses, com redução de 50% da dívida, inclusive do montante principal do crédito;
- em até 24 meses, com redução de 40%, inclusive do montante principal do crédito;
- em até 36 meses, com redução de 35%, inclusive do montante principal do crédito;
- em até 55 meses, com redução de 30%, inclusive do montante principal do crédito.

## Transações individuais

O modelo da nova fase do Litígio Zero diz respeito à transação por adesão, em que a Receita Federal define as regras por meio de edital. Ao anunciar a nova etapa do programa, Barreirinhas apresentou as estatísticas das transações individuais, por meio da qual grandes empresas procuram a Receita Federal para reparcelarem os débitos. Nesse caso, as renegociações ocorrem caso a caso, com o Fisco estabelecendo cláusulas de governança para dar mais transparência ao pagamento de tributos pelas empresas.

De 180 pedidos de renegociação recebidos desde o início do ano, o Fisco fechou 11 acordos de transações tributárias individuais que resultaram na regularização de R\$ 5,2 bilhões em dívidas. Desse total, cerca de R\$ 3 bilhões foram regularizados apenas por meio de dois acordos de grandes empresas

fechados nos últimos dias.

Dos R\$ 5,2 bilhões, no entanto, somente R\$ 376,2 milhões serão pagos em dinheiro nos próximos 10 anos, com R\$ 45,3 milhões entrando no caixa do governo em 2024. Barreirinhas informou que, do valor original da dívida, a Receita concedeu R\$ 2,1 bilhões em descontos de multas, juros e encargos e permitiu o uso de R\$ 834,4 milhões de prejuízos de anos anteriores.

“O valor a ser recuperado em dinheiro parece pouco diante do valor total da dívida, mas estamos falando de créditos irrecuperáveis ou de difícil recuperação”, justificou o subsecretário de Arrecadação e Atendimento da Receita Federal, Mário Dehon. “Estamos trazendo do purgatório, de volta à vida, contribuintes que estavam fora do processo produtivo. São empresas que poderão voltar a produzir e a fazer negócios”, acrescentou.

EM TRÊS DÉCADAS

## Metade do Agreste já virou “sertão”

*Pesquisa desenvolvida na UFPB estuda soluções para reverter a degradação e a pobreza na Caatinga*

Helda Suene  
Ascom Fapesq

As terras subúmidas secas do Agreste brasileiro estão se tornando “sertão”. É o que mostra um estudo inédito publicado pelo pesquisador Humberto Barbosa, fundador do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis). A pesquisa mostra resultados impactantes, que podem trazer uma reviravolta à formulação de políticas para a região e à própria metodologia para delimitação do Semiárido brasileiro. O artigo reclassifica o mapa das terras secas no Brasil, ou seja, o percentual de áreas consideradas subúmidas secas (Agreste), semiáridas ou áridas.

De acordo com o estudo de Lapis, uma área total de

725 mil km<sup>2</sup> do território brasileiro passou da condição de subúmida seca/úmida para semiárido, em apenas três décadas (1990-2022). Isso significa que 55% da região se tornou semiárida e passou a enfrentar, em condições normais, estiagem com duração de cinco a seis meses.

Segundo Humberto Barbosa, responsável pelo estudo, “o desenvolvimento do clima árido ocorre em diferentes áreas da região semiárida brasileira, particularmente na parte central da região, Nordeste e Sudoeste. Abrange áreas da Bahia, de Pernambuco, do Piauí e da Paraíba. Isso confirma um aumento exponencial da seca extrema na região”, conclui.

Dentro desse contexto de desertificação do solo, uma pesquisa desenvolvida na

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) avalia a hipótese de que paisagens agrícolas que mantêm cobertura natural e áreas agrícolas bem manejadas têm maior eficiência produtiva, garantem os serviços ecossistêmicos essenciais e podem ser o caminho para reverter uma trajetória de degradação e pobreza na Caatinga.

De acordo com o pesquisador Helder Araujo, professor dos programas de pós-graduação em Biodiversidade, Ciências Biológicas e Agronomia (UFPB), a capacidade produtiva em uma paisagem agrícola está associada a limites biofísicos que permitem a provisão de serviços ecossistêmicos, os quais estão sob ameaça devido ao uso inadequado da terra. “Mudanças drásticas na estrutura da

vegetação causadas por limites ecológicos excedidos, seja por alterações ambientais ou antrópicas, afetam serviços ecossistêmicos essenciais para o desenvolvimento sustentável global. A conciliação da produção agrícola com os serviços ecossistêmicos, dos quais o próprio setor depende, é um dos pilares para a agricultura moderna e sustentável”.

Para testar possibilidades de reverter essa trajetória, este projeto está avaliando o atual sistema de uso da terra em uma das áreas mais secas da Caatinga, os Cariris Velhos, bem como apoiando o estabelecimento de Paisagens Agrícolas Sustentáveis como caminhos alternativos para o desenvolvimento regional sustentável. A hipótese científica que norteia o projeto é

“

**A conciliação da produção agrícola com os serviços ecossistêmicos, dos quais o próprio setor depende, é um dos pilares para a agricultura moderna e sustentável**

Helder Araujo

que paisagens com 40% a 60% de cobertura natural e demais áreas manejadas com técnicas que conservam umidade no solo, diversificam e rotacionam culturas, favorecem simultaneamente a produção agrícola e o ecossistema.

“Para isso, estamos avaliando serviços ecossistêmicos relacionados à exportação de sedimentos, decomposição de matéria orgânica no solo, ciclagem de nutrientes, herbivoria e defesa contra herbívoros, polinização, sequestro e estoque de carbono e produção agropecuária, tanto em cultivos experimentais como dos próprios agricultores”, adiantou Helder. As atividades em campo estão sendo realizadas nos municípios de Cabaceiras, São João do Cariri e São José dos Cordeiros.

Fotos: Divulgação/Ascom Fapesq



Projeto está avaliando o atual sistema de uso da terra em uma das áreas mais secas da Caatinga: os Cariris Velhos; Helder Araujo é pesquisador da UFPB e coordena a equipe do estudo

## Iniciativa conta com parcerias nos Estados Unidos e no México

O projeto desenvolvido na UFPB teve início em 2022 e vai até 2025 com a participação direta de 12 docentes, técnicos e vários estudantes, de graduação a doutorado, que já atuam em pesquisas integradas com foco em “Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos”. As diferentes experiências abrigam pesquisas e ações em ciências agrárias, ecologia teórica e aplicada, manejo e conservação de solos, geoprocessamento e sensoriamento remoto, ecologia de paisagens, planejamento regional e desenvolvimento sustentável.

A maioria da equipe é vinculada à Universidade Federal da Paraíba, mas também existem parceiros consolidados e colaborações interinstitucionais com

**Apoio**  
**Pesquisa possui apoio do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior através do edital Universal executado pela Fapesq**

a Universidade Estadual da Paraíba, a University of Miami (EUA) e Universidad Nacional Autónoma de México. A pesquisa coordenada por Helder conta com apoio do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities) através do edital Universal executado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), com investimento no valor de aproximadamente R\$ 230 mil, sendo R\$ 165 mil do CNPq e R\$ 64 mil da Fapesq.

Além das contribuições para apoiar políticas públicas e o desenvolvimento regional citadas anteriormente, esse projeto também contribuirá com a formação de recursos humanos da gradua-

ção ao doutorado; a produção de conhecimento científico através de publicações em revistas de alto impacto internacional; a divulgação dos resultados para discussão em congressos, simpósios, bem como para a sociedade em geral através do site [www.nexuscaatinga.com.br](http://www.nexuscaatinga.com.br), redes sociais e reportagens.

Resultados de uma dissertação de mestrado obtidos com análises que abrangem 17.815 propriedades rurais no Cariri paraibano apontam que a situação atual de uso e cobertura da terra é responsável por: 1) perda média de solo de 8,74 toneladas por hectare por ano (ha/ano), através de erosão; 2) estoque médio de carbono de 68,72 toneladas ha/ano; 3) produção agropecuária média de 0,38

toneladas ha/ano. Ainda, os maiores valores de perda de solo e menores valores de estoque de carbono e produção agropecuária por hectare são encontrados nas pequenas propriedades (com menos de 15 hectares), as quais correspondem à maioria das propriedades na região.

“Avaliamos um cenário para entender o que aconteceria se todas as propriedades seguissem o Código Florestal Brasileiro e mantivessem ou restaurassem 20% de suas áreas, mas, infelizmente, as tendências dos efeitos da degradação e baixa produtividade continuariam. De forma contrária, essa tendência é revertida se 50% das áreas das propriedades, nos locais menos propícios para agricultura, forem restaurados e

os demais 50% forem ocupados por práticas que envolvam diversidade e rotação de culturas adequadas à região semiárida, junto com a práticas de interação lavoura e pecuária”, enfatizou Helder. As estimativas nesse cenário promovem uma redução da perda de solo de 388% (em média), um aumento de 158% de estoque de carbono e um aumento da produtividade agropecuária em 416%, com impactos positivos maiores nas pequenas propriedades. Ainda, resultados já publicados pela equipe demonstram que paisagens similares a esse último cenário são mais produtivas e resilientes em períodos extremos de estiagem, confirmando-as como estratégicas frente às mudanças climáticas.



Do acúmulo de lixo também pode prejudicar o tráfego de veículos e pedestres, além de contribuir para a ocorrência de enchentes e alagamentos e poluir ainda mais o meio ambiente

## EM RUAS E TERRENOS

# Lixo causa impacto ao meio ambiente

Descarte inadequado de resíduos pode provocar também doenças e está sujeito a multa de até R\$ 19.152,00

Samantha Pimentel  
samanthapimenteljornalista@gmail.com

Na paisagem urbana, seja em grandes centros ou no interior, é comum encontrarmos ruas, terrenos e outros pontos de acúmulo de lixo, o que pode se tornar um problema sério, que favorece o maior aparecimento de insetos, roedores e outros animais que são vetores para a transmissão de doenças. Além disso, o acúmulo de lixo também pode prejudicar o tráfego de veículos e pedestres, contribuir para a ocorrência de enchentes e alagamentos, e poluir o meio ambiente, afetando o solo, o ar, a vegetação, os rios, mares e lagos.

O acúmulo de lixo, provocado pelo descarte irregular desses resíduos, prejudica o meio ambiente, contaminando o solo, o que leva a contaminação dos vegetais, frutas e demais alimentos que serão consumidos pela população, além de também afetar os lençóis freáticos e a água, causando um problema generalizado.

### Semas-PB

De acordo com a gerente Executiva de Resíduos Sólidos da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade do Governo da Paraíba (Semas/PB), Denise Miranda, esse acúmulo de lixo é um dos principais fatores que influencia nas mudanças climáticas, gerando catástrofes naturais, como enchentes, alagamentos e contribuindo para a destruição da camada de ozônio. "O acúmulo de lixo vai gerar uma série de fatores para o meio ambiente, para os animais e para os seres humanos, em se tratando de saúde pública, até a qualidade do próprio ar, porque o acúmulo de lixo gera uma centena de gases tóxicos, e aí a gente vê essas mudanças cli-

máticas, uma das causas que mais interfere para isso tudo vir acontecendo é justamente esse acúmulo de lixo que exala esses gases mais tóxicos, que aí vai para a camada de ozônio", destacou.

Nesse período de chuvas, segundo afirma Denise, esses problemas podem se agravar ainda mais. "Com as valas entupidas de lixo, a água não vai fluir de acordo com o planejamento das cidades, a água ela vai ficar acumulada em determinados locais, e aí com esse acúmulo de lixo, essa água vai sendo levada para todo canto das cidades, e aí vai contaminando por onde passa, aumenta a ocorrência de insetos, vetores, e outras questões que podem causar doenças, e também vai entupindo por onde passa, e alagando ainda mais os locais que tem menor infraestrutura, por isso que a gente vê tanto desastre nas comunidades mais periféricas", afirmou.

Os resíduos gerados pela construção civil, quando descartados de forma irregular, também geram danos ao meio ambiente. Restos de materiais como cimento, gesso, tintas e outras substâncias podem penetrar no solo, alterando suas características, afetando a vegetação e os animais que habitam naquela área.

Sobre esses prejuízos, o diretor de Controle Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de João Pessoa (Semam), Anderson Fontes, fala que toda uma cadeia ambiental é afetada pelo descarte irregular dos resíduos. "Os prejuízos vão desde a paisagem a questão de prejudicar o solo, porque o material mesmo da construção civil, vem gesso envolvido, vem algumas coisas, materiais que são degradantes para o solo", afirmou.

## Obras da construção civil são fiscalizadas

“

Estão mandando para a gente placas de veículos, imagens de carroceiros ou moradores com carro de mão

Jocélio Araújo

Além do descarte irregular do lixo doméstico, e de materiais como plástico, pneus, garrafas e resto de mobiliários, o descarte irregular dos resíduos da construção civil também é um problema que pode causar transtornos à população, sendo alvo de fiscalização e multa.

Segundo dados da Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de João Pessoa (Semam), no ano passado foram recebidas, em média, 27 denúncias mensais, referentes ao descarte irregular de resíduos da construção civil, e essas infrações são fiscalizadas pelo órgão, segun-

do afirma o chefe da fiscalização da Semam, Jocélio Araújo: "Recebemos a denúncia através dos nossos canais e apuramos in loco. E hoje nós estamos com uma participação grande da população, com os smartphones. Estão mandando para a gente, placas de veículos, imagens de carroceiros ou moradores com carro de mão. A gente se dirige ao local, constata a infração ocorrida, e com os dados do Detran ou da Semob, a agente aplica a sanção. Nós temos trabalhado muito também em parceria com a população", destacou.

Segundo Jocélio, as multas são aplicadas com base

no valor das Unidades Fiscais de Referência (Ufir), que a cada mês sofrem alteração, então, através de uma tabela que tem esses números como referência, são calculadas as multas, que variam também de acordo com o local onde a infração foi cometida.

As denúncias de descarte irregular de resíduos da construção civil podem ser feitas pelos telefones, (83) 3213-7015 e 3213-7012, de domingo a domingo, das 8h às 00h. Também é possível denunciar pelo WhatsApp, através do número (83) 3218-9208, ou pelo aplicativo "João Pessoa na Palma da Mão".

## Obstrução de calçadas gera transtorno

No município de João Pessoa, o problema pode ser encontrado em diversos pontos da área central e bairros da cidade. Como exemplo, temos o cruzamento das ruas Radialista Geraldo Campos e Engenheiro Ávidos, no Jardim Planalto, onde, segundo o relato de moradores, ocorre o descarte e acúmulo de lixo, que seria depositado por pessoas e comércio da região.

O problema, além de provocar a obstrução de parte da calçada, fazendo com que a população tenha que passar pela rua, correndo risco de atropelamento, também vem gerando mau cheiro e transtornos a quem reside nas proximidades. Segundo o morador da região, André Fulgêncio, o proble-

ma de acúmulo de lixo no local é diário, e ele já tentou resolver a questão através do diálogo com os comerciantes da área, mas não teve sucesso. "Daqui a pouco o caminhão recolhe isso aí, com 20 minutos ou meia-hora, já está de novo. Denúncia nunca fiz, mas a gente já falou com o pessoal que faz isso aí, porque, às vezes, a conversa resolve. Mas continuou o problema", afirmou.

### Emlur

Segundo o Chefe de Fiscalização da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) de João Pessoa, Geraldo Gean, diariamente equipes de fiscais estão nas ruas, fazendo vistorias, além de fiscalizar a ocorrência de acúmulo de

resíduos da construção civil, como galhos resultantes da poda de árvores e entulhos, e em caso de irregularidades, os responsáveis podem ser punidos.

"Quanto aos terrenos, todo proprietário de terreno tem que manter drenado, limpo e capinado. Caso não esteja, é feita a notificação, nós damos um prazo de 15 dias para que seja feita a limpeza do terreno, sob penalidade de 400 Unidades Fiscais de Referência (Ufir), que dá R\$ 19.152,00, hoje. E em 15 dias, se não fizer, nós damos mais 15 dias para lavar o auto de infração. Lavrou-se o auto de infração, ele tem dois dias para limpar, caso ele não limpe, vai direto para a dívida ativa do município", afirmou.

A autarquia também

recebe denúncias da população, através dos telefones (83) 3213-4237 e 3213-4238, que funcionam das 8h às 17h, além do aplicativo "João Pessoa na Palma da Mão".

O problema, além de provocar a obstrução de parte da calçada, também vem gerando mau cheiro e transtornos a quem reside nas proximidades



Fotos: Arquivo Pessoal

## ARBITRAGEM PARAIBANA

Aulas práticas são constantes durante a temporada para capacitar ainda melhor os árbitros paraibanos

# Comissão comemora performance

*Arthur Alves, presidente da Ceaf, avalia de forma positiva a conduta dos árbitros e assistentes durante os 45 jogos disputados pela primeira fase do Campeonato Paraibano de 2024*

Fabiano Sousa  
fabianogool@gmail.com

Terminada a disputa da 1ª fase do Campeonato Paraibano 2024, foram definidas as quatro equipes que continuam na briga pelo título - começou ontem as semifinais - e os dois clubes rebaixados, além de números que mostraram o equilíbrio na disputa da competição. Porém, pouco se falou na atuação daqueles que aparecem mais em lances polêmicos, às vezes acusados injustamente de modificar os resultados dos jogos. Nessas horas é que eles passam a agradar “Gregos” e desagradar “Troianos” - a arbitragem.

Nos 45 jogos disputados na fase classificatória do Certame Estadual, 35 profissionais do quadro da Comissão Estadual de Arbitragem de Futebol da Paraíba (Ceaf-PB), estiveram em ação, dos quais 13 atuaram como árbitros centrais, 17 como árbitros assistentes e mais cinco como quarto árbitro, nos cinco estádios (Almeidão, Amigão, José Cavalcanti, Marizão e Perpetão) que sediaram os jogos.

Antes mesmo do início do torneio estadual, todo o quadro de arbitragem passou por um processo de preparação monitorado de perto pelo presidente da Ceaf-PB, Arthur Alves. Nas atividades, foram realizados cursos de capacitação e habilitação para que os árbitros de futebol profissional pudessem atuar nas competições coordenadas pela Federação Paraibana de Futebol (FPF-PB).

Com atuações sólidas e sem participações diretas em lances que comprometessem a configuração de classificados e rebaixados na disputa do Paraibano, o quadro de arbitragem foi des-

taque. Tanto que Arthur atribuiu o sucesso ao monitoramento da Ceaf-PB e ao próprio interesse dos envolvidos em buscar o aperfeiçoamento individual relacionado às questões práticas e teóricas sobre arbitragem.

“A nossa avaliação é de forma positiva, não apenas na desenvoltura do quadro de arbitragem na atual temporada, mas sim desde o momento que assumimos a missão de conduzir a Comissão Estadual de Arbitragem de Futebol da Paraíba (Ceaf-PB), em 2019. É importante ressaltar o trabalho coletivo de todo o quadro envolvido, para o sucesso nas atuações nesses 45

jogos da 1ª fase do Campeonato Paraibano. Tudo fruto da própria capacidade individual e do interesse de buscar o aprofundamento dos princípios de arbitragem profissional”, destacou.

Neste fim de semana, a competição iniciou uma nova fase que vai apontar os finalistas desta edição. Preocupado em dar sequência ao foi desenvolvido na primeira parte da disputa, assim como feito antes do início da disputa, a Ceaf-PB realizou ao longo desta semana, um treinamento técnico, prático e teórico no Estádio Juracizão, em João Pessoa, visando uma melhor qualificação para

eventuais situações de lances polêmicos, nas semifinais e finais do Paraibano.

A disputa do Paraibano agora chega a um momento crucial que não abre brechas para erros de arbitragem e sobre o desafio de conduzir os rumos da arbitragem, Arthur revelou que está tranquilo. Ele sabe da responsabilidade que “os homens de preto” carregam no apito e nas bandeiras. De acordo com o dirigente, o objetivo é que na sequência do Certame Estadual, a arbitragem possa proporcionar novas atuações que notabilizem todo o processo de aperfeiçoamento que foi desenvolvido antes

te e durante os jogos da 1ª fase da competição.

“Sabemos de nosso compromisso diante dos jogos decisivos nesta nova fase da disputa. O próprio nivelamento e competitividade do torneio exige o comprometimento do quadro de arbitragem no sentido de participar de maneira correta, sem participação direta em erros que pudessem modificar o resultado ou até mesmo a configuração da tabela de classificação, ao término da fase classificatória. Vamos tentar manter a solidez positiva para evidenciarmos cada vez mais a arbitragem paraibana”, finalizou.



Não só dentro de campo, como fora dele, o trabalho da comissão com os árbitros é muito intenso

“

É importante ressaltar o trabalho coletivo de todo o quadro envolvido para o sucesso nas atuações nesses 45 jogos da 1ª fase do Campeonato Paraibano desta temporada

Arthur Alves

## ATLETA PARALÍMPICO

## Jovem brilha no basquete e natação

Daniel Costa, 18 anos, diz que o esporte tem muita importância na sua vida para superar os grandes desafios

Danrley Pascoal  
danrleyp.e@gmail.com

Daniel Costa, 18 anos, nunca deixou que a cadeira de rodas o limitasse, o jovem teve seu primeiro contato com a água aos três anos, inicialmente para fazer fisioterapia e hidroterapia. A paixão pela natação e o desejo de competir o levou à disputa dos Jogos Paraescolares aos 13 anos. Multicampeão na água, em 2023, passou a integrar a equipe sub-23 de basquete em cadeiras de rodas da Associação Atlética de Pessoas com Deficiência (AAPD-PB), competindo no Campeonato Brasileiro da modalidade.

“O esporte tem uma importância em tudo para mim. Ele dá a ambição de correr atrás do que desejo, traz a mentalidade de querer conquistar as coisas. Permite que eu tenha autonomia, principalmente no basquete. E por fim a prática de esporte afeta a qualidade de vida, o esporte é de suma importância para nosso corpo”, disse.

Daniel ingressou no basquete em cadeiras de rodas a convite de um professor, amando o esporte, ele conta como tem sido dividir as atenções entre a nova modalidade e a natação.

“Em relação à transição da natação para o basquete, tem sido um desafio enorme. Mas eu sou uma pessoa que gosta de ser desafiada, que gosta de se colocar em situações em que eu tenha que mudar a minha rotina. Eu tenho gostado, para mim tem sido uma experiência desafiadora, estou adquirindo muito conhecimento nas duas modalidades”, destacou.

Na disputa do Campeonato Brasileiro de Basquete Sub-23, a AAPD-PB terminou na 3ª posição. Nos jogos que aconteceram em Niterói, no Rio de Janeiro,



O jovem Daniel Costa começou a brilhar nos Jogos Paraescolares, conquistando medalhas em provas de natação

a equipe de Daniel venceu três partidas e perdeu outras duas. De acordo com o estudante de Ciências da Computação, o ambiente encontrado durante os sete dias de torneio foi espetacular. “Em agosto comecei a treinar basquete, fomos para os Jogos Paraescolares e tiramos o 5º lugar, após três meses de treinamento, em dezembro, já estava competindo no Brasileiro Sub-23”, relatou.

“A conciliação da natação com o basquete tem sido tranquila pelo fato de que os treinos das duas modalidades são no mesmo espaço, na Vila Olímpica Paraíba. Então, assim que acaba o treino do basquete, já vou direto

para piscina porque o ginásio é muito próximo. Isso permite ter uma maior tranquilidade na hora de treinar. Estou podendo treinar ainda mais, explorar meu corpo e evoluir”, contou.

Treinando diariamente para o Campeonato Brasileiro de Basquete Sub-23, que acontece em maio, a nova rotina tem ensinado muito ao atleta, que enxerga o momento como extremamente prazeroso: “São realidades completamente distintas mas com o mesmo objetivo, que é vencer”, diz Daniel.

“A natação é um esporte individual em que você só depende de você mesmo, para ganhar depende do seu

esforço, do seu treinamento e da sua condição. Já no basquete você tem que aprender a trabalhar em equipe, estar ali para ajudar seus companheiros, criar as oportunidades para seus companheiros fazerem as cestas ou para seus companheiros verem que você tem a possibilidade de fazer a cesta”, ressaltou.

Ainda na infância, uma meningite acabou afetando o desenvolvimento de Daniel, que precisou aprender a conviver com as limitações de andar sobre uma cadeira de rodas. Hoje, o jovem atleta traça planos para o futuro e sonha alto. Seu desejo é se profissionalizar e representar o Brasil em competições

internacionais de basquete e natação.

“As perspectivas são de disputar um Parapan ou uma Paralimpíada. Para isso acontecer é preciso de treinos diários para garantir uma boa forma física e performance. Quero chegar o melhor possível nas competições, meu desejo é mostrar para as duas seleções (natação e basquete) que eu tenho a possibilidade de poder um dia representá-las”, disse.

#### Histórico na natação

Desde os 13 anos, Daniel participa dos Jogos Paraescolares, competindo na natação. Foram várias medalhas estaduais, algumas regio-

nais e três medalhas de ouro nos jogos nacionais de 2019, 2021 e 2022, seus títulos mais importantes. O seu desempenho fora da Paraíba já rendeu algumas reportagens para alguns dos principais veículos de comunicação do Estado.

“O meu primeiro Brasileiro foi muito marcante, foi ali que tive meu primeiro contato com uma competição de nível nacional. Lá conheci outros atletas (em São Paulo, no ano de 2019), o centro de treinamento do Comitê Paralímpico e pude ver uma competição justa para pessoas com deficiência, 100% voltada para esse público”, disse Daniel.



Ele dá a ambição de correr atrás do que desejo, traz a mentalidade de querer conquistar as coisas. Permite que eu tenha autonomia, principalmente no basquete em cadeiras de rodas

Daniel Costa

## NO MENINÃO

## Paraibano de Futebol de Mesa vai acontecer no dia 7 de abril

João Thiago  
joaothiagocunha@gmail.com

O Meninão, em Campina Grande, vai receber a primeira etapa do Campeonato Paraibano de Futebol de Mesa no dia 7 de abril. O campeonato deve contar com seis clubes e cerca de 50 participantes.

O campeonato reúne times e atletas que jogam a modalidade de 12 toques, em que o jogador só pode dar 12 toques, sendo apenas três toques consecutivos com cada botão, com chute a gol só a partir do meio de campo.

“É a regra mais jogada em todo o Brasil. Temos outras modalidades sendo praticadas na Paraíba, mas esta é a mais comum, com maior número de jogadores”, explicou Antonio Oliveira, o presidente do Carcará Futebol de Mesa, um dos maiores clubes do esporte na Paraíba.

O campeonato conta com times de Patos, Santa Luzia, Campina Grande, Mamanguape, João Pessoa e São Bento. O time da cidade das redes, inclusive, era o clube do atual campeão paraibano, Flávio Amorim, que disputou com Bruno Santos, do Ariús Futebol de Mesa de Campina Grande a Supercopa, que reúne o campeão paraibano e o campeão da Copa Paraíba do ano anterior. Bruno venceu a disputa por 3x0.

Flávio e Bruno são alguns dos principais jogadores da Paraíba. Flávio, agora, joga pelo Carcará, e Bruno venceu, no início do mês de março, a Copa Paraíba pela segunda vez seguida, alimentando uma das rivalidades mais intensas no futebol de mesa paraibano nos últimos anos.

O campeonato conta pontos de forma individual, apesar dos jogadores disputarem representando clubes

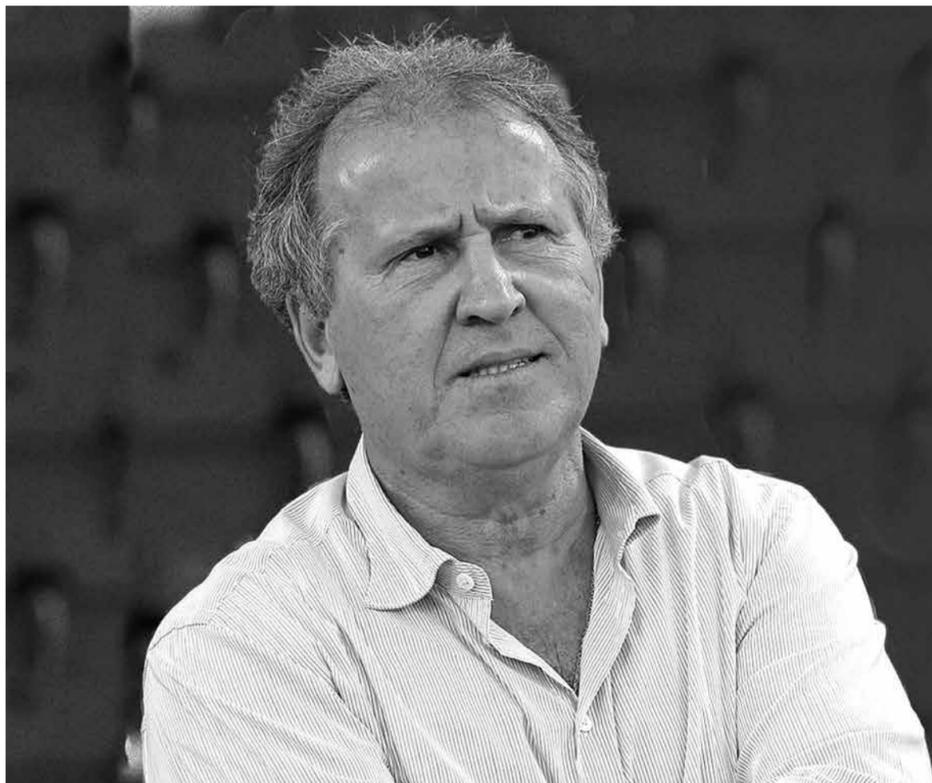
do estado. Os campeões de cada etapa disputam, em 1º de dezembro, a grande final do torneio, que, neste ano, acontece em Patos. O campeonato por clubes tem duas etapas, que serão realizadas nos dias 22 de julho, em Santa Luzia e 1º de dezembro, em Patos.

## 1ª Etapa

Campeonato deve contar com seis clubes das cidades de Patos, Santa Luzia, Campina Grande, Mamanguape, João Pessoa e São Bento, reunindo cerca de 50 participantes



Concentração e técnica são fundamentais ao participante num jogo de futebol de mesa



# Arthur Antunes

Zico, ex-jogador do Flamengo

## “Raça, amor e paixão definem o Flamengo”

Foto: Reprodução/Wikipeédia

*Em entrevista ao site da Fifa, o ex-jogador do Flamengo fala de sua carreira e o momento atual vivido pelo clube*

FIFA.com

Imagine um encontro entre um Zizinho, um dos Pelés antes de Pelé, e um jovem emergente Zico, dois dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro. E aí que o papo não passa por domínio de bola, visão de jogo. Não era sobre cérebro ou arte. Mas, sobre coração.

Foi essa a mensagem enfática do veterano para o garoto, ao puxá-lo de canto e falar sobre o que aquele herdeiro da camisa 10 deveria fazer para se consagrar pelo Flamengo. Pois o Galinho de Quintino entendeu perfeitamente o recado.

Zico simplesmente arreventou com o manto rubro-negro e levou o clube para além da estratosfera brasileira, com quatro títulos nacionais, uma Libertadores e a antiga Copa Intercontinental, em 1981.

Por maior que seja, demorou para reviver emoções como aquelas dos anos 1980. Mas, aconteceu. Em 2019, eles voltaram a ganhar a Libertadores, depois de 38 anos. Aí repetiram a dose em 2022, e essa conquista assegurou a classificação para o novo Mundial de Clubes Fifa 2025, nos Estados Unidos.

Em entrevista ao FIFA.com, esta lenda viva do futebol brasileiro explica do que se trata o Flamengo para o resto do mundo, relembra como o clube se preparou para desbancar o Liverpool em 1981 e comenta o momento de ressurgimento vivido pelo time.

### A entrevista

■ *O que você achou do formato deste novo torneio? Serão 32 clubes do mundo todo reunidos.*

Acho legal, porque dá mais visibilidade para todo mundo, e os clubes merecem isso. É bom participar duma competição como essa. É um torneio que também se torna bem mais difícil para todo mundo, e fica cada vez mais justo porque você passa pelos principais representantes do futebol mundial, não? Torço para isso

■ *Desde a vitória do Corinthians sobre o Chelsea em 2012, no antigo Mundial, os europeus têm sido dominantes contra brasileiros e o restante do mundo.*

Pois é, infelizmente tem sido assim.

■ *Acha que essa dinâmica pode mudar?*

O que acontece é o seguinte: por exemplo o Palmeiras, que também teve um momento bom aqui, mas que viu os melhores jogadores saírem. As grandes equipes da Europa estão levando os grandes nomes do futebol sul-americano. Não tem muito o que fazer. O mercado daqui vai ter sempre jogadores bons, mas pode ser que sejam jogadores que na Europa já não conseguiam ter um grande rendimento. Outros têm idade avançada. E aí temos os garotos surgindo. Se vai ver o time de hoje do Real Madrid, do Manchester City, do Bayern de Munique, existe essa grande diferença. Quanto mais você aumenta a possibilidade de ter mais jogos, você aumenta a possibilidade deste grande time ganhar.

■ *Sobre o Flamengo atual, estamos falando de um elenco que reúne também vários jogadores de seleções nacionais. O Mundial de Clubes será no ano que vem, as coisas ainda*

*podem mudar, mas o clube montou um elenco encorpado para iniciar um novo ciclo. O que dá para esperar desse time?*

O Flamengo está em um ano de eleição. Então é difícil saber o que pode vir a acontecer no futuro, no ano que vem, qual a orçamentação, quem entra, quem sai? Se for vai ser algo diferente ou se vai ter continuidade. Mas, hoje, o Flamengo consegue fazer a diferença nessa parte econômica. O Flamengo hoje está com uma força e uma credibilidade no mercado muito grande para, a meu ver, sabendo que tem um Mundial pela frente, poder muito bem ir ao mercado e tentar pegar um grande nome do futebol mundial. Como já tem um elenco bom, seria bom ir atrás de um grande nome, um que possa fazer a diferença.

■ *O clube já desembolsou US\$ 16 milhões para contratar Nicolás De La Cruz, uma quantia considerável para o mercado sul-americano.*

É verdade. O Flamengo está com um plantel muito bom. Acho que com essa filosofia que o Flamengo tem de investimento, o torcedor corresponde, o mercado também. Então a receita aumenta. Com o time mais encorpado você consegue a arrecadação maior. Então é lógico que todo o esforço é importante para você cada vez mais reforçar um time para estar em combate com um europeu.

■ *Podemos falar um pouco sobre o time de 2019, que viveu um ano fantástico sob o comando do Jorge Jesus. Foi um time que não só conquistou títulos, como a Libertadores, mas encantou a torcida. Depois, com aquele espólio, voltou a ganhar a Libertadores de 2022. Como foi para você, como ídolo e torcedor, acompanhar isso depois de alguns anos difíceis para o clube?*

Foi um momento ímpar, pois eles uniram os pontos que são necessários para uma grande equipe, em termos de jogadores, filosofia e uma nova mentalidade. Trabalhou com os jogadores contratados, mas também utilizou bastante em muitos momentos a base, algo importante no Flamengo. E ele, lógico, promoveu uma mudança de métodos diferente em relação ao que se faz no Brasil. Embora ele tenha trabalhado com uma base de jogadores que já estavam acostumados com esse tipo de trabalho na Europa. Diego Alves, Rafinha, Filipe Luís, Pablo Marí, Bruno Henrique, Gabigol, Gerson... todos esses caras vieram de lá.

E outra coisa: quando você sofre, você não tem muitas oportunidades e aí ganha uma chance como essa, você quer mostrar que você tem a qualidade e mostrar que, por alguma razão, o trabalho anterior não deu certo. Gabigol, Gerson e o próprio Bruno Henrique... quando eles vieram, foi com todo o gás e conseguiram. O Pablo Marí, por exemplo, ninguém o conhecia. Foi montado um time que ele manteve e repetiu muitas e muitas vezes, e eles foram ganhando conjunto, confiança, segurança. Tudo deu certo, muitos jogadores se recuperaram, as coisas começaram a sair naturalmente, e aí foi aquilo que a gente viu, que a gente admirou.

■ *Se você tivesse que explicar o que é o Flamengo para torcedores do mundo, que nunca tenham visto o time jogando no Maracanã cheio ou que não saibam muito sobre a história do clube, o que diria?*

Quando criaram esta frase aí --“Raça, amor e paixão”--, ela caiu certinha na história do clube. Eu posso dizer que eu fui um torcedor muito grande na minha infância, graças ao amor e à paixão que meu pai tinha pelo Flamengo. E eu vivi isso quando estava lá na base, começando.

Meus irmãos mais velhos já jogavam. Aí eu lembro que Edu estava no América e o técnico dele era o Zizinho, um grande ídolo na história do Flamengo e um grande técnico. Eu acompanhava meu irmão nos treinos. E ele viu que eu tinha boa qualidade lá, batendo na bola, aquele negócio, sabe? Sabia que eu estava no Flamengo. E aí ele me chamou um dia e disse: ‘Olha, garoto, o Flamengo não é só qualidade técnica, não é só saber jogar, não. O Flamengo é diferente. Tem dias que a coisa não dá na bola, e aí tem de pegar na gana, na vontade. Lute dentro do campo, esgote teu suor até o final, que é isso que o torcedor quer. Você pode até perder, que aí eles vão aplaudir a tua técnica’.

Você vai vendo a história do clube, e o que teve de jogador que são ídolos, mas que não eram dos mais técnicos. O Flamengo tem

isso. A torcida te empurra, mas você tem que ser diferente também e mostrar que camisa está acima de tudo. Foi isso que eu aprendi no Flamengo. O que mais eu poderia dizer?

■ *Você falou que foi educado numa casa flamenguista. E aí entra na base do clube e vai subindo. Até que vem uma estreia pelo time principal, aos 18 anos, e logo num clássico contra o Vasco? Como foi?*

Foi muito rápido. O Carioca juvenil terminou, e a gente foi vice-campeão – mas eu fui artilheiro. Na mesma semana, o (técnico paraguaio do Flamengo, Don Fleitas) Solich me chamou para jogar. Lógico que eu já fazia alguns coletivos contra os profissionais, mas era muito pouco. Então, quando ele chamou, não deu para pensar muito. Foi de supetão, e eu já cheguei jogando. Aí tinha jogo na quarta-feira e depois no domingo, e foi assim. A gente tem que estar preparado para isso. É uma oportunidade, não? Pum!

■ *E quem eram os principais caras daquele time? Como foi a transição a partir dali, os veteranos te acolheram?*

Ah, o principal era o Fio Maravilha, que deu o maior apoio, me protegeu bastante. Tinha Rodrigo Neto, Liminha, o Paulo Henrique, Onça, Murilo, Liminha, Ney Guerreiro... Era um time cascuado. E eu tinha uma vantagem, que o pessoal já me conhecia, porque meu irmão Edu, era ídolo do América, ídolo no futebol do Rio. O Antunes também. Então os jogadores todos me conheciam. Isso foi legal. Foi muito legal a situação da subida, e o Solich tinha a história antiga de ter lançado o Dida e o Babá no Flamengo, então tinha a moral para botar o jovem, e ninguém falava nada.

■ *Aí, durante a década, o Flamengo vai, aos poucos, montando o esquadra dominante do início dos anos 80. E você acompanhando tudo isso, como pilar do time.*

Lembro que em 1972 voltei pro juvenil. Aí de vez em quando era chamado para ficar na reserva do profissional. Eu subi em 73, e tal, mas o Flamengo foi bicampeão juvenil e aí eu e o Jayme de Almeida subimos. Aí, depois de 74, o Joubert, que era nosso técnico, também subiu e praticamente o time inteiro. Cantarelli, Rondinelli, Geraldo, Julinho, o Léu, o Vanderlei Luxemburgo... Então, pô, aquele time que foi bicampeão juvenil subiu todo, e aí o time e nós ganhamos o Campeonato Carioca em 74. E com isso aí veio o Júnior, que não era do nosso juvenil. E aí depois vem o Tita, já, Adílio, Andrade... E em 1980 veio Mozer, o Figueiredo, o Anselmo e Leandro, que aí completou, assim, três gerações.

■ *Pensando na Copa Intercontinental de 1981, como foi a preparação de vocês? Como é que naquela época, no Brasil, se estudava um clube como o Liverpool?*

Nós tivemos sorte porque o (Cláudio) Coutinho (técnico da Seleção na Copa do Mundo de 1978) tinha um assistente, que era o Jairo Santos, que depois virou até espião da Seleção Brasileira – aquilo que hoje seria o analista de desempenho (risos), mas na época chamavam de espião. Ele tinha tudo sobre os times que disputaram a finalíssima da Copa dos Campeões da Europa daquele ano, que foram o Real Madrid e o Liverpool. Não tinha vídeo, nada, mas eram relatórios detalhados com jornais e revistas, ele tinha dados dos times, dos campeonatos nacionais, quem era quem.

No meu caso, eu já tinha jogado contra alguns daquele time do Liverpool, de ter jogado pela Seleção Brasileira. A gente tinha jogado em Wembley em 78, se não me engano, ou 77. E depois jogamos de novo em 81, no meio do ano, na excursão que a seleção fez... E aí você pega nossos gols no jogo. Antes eu tinha falado para o Nunes que eles faziam uma linha na intermediária e então era para ele ficar atento. Quando eu pegasse a bola, era para ele sair, que eu meteria a bola. E os dois gols foram assim. Eles adiantaram, e eu enfiei a bola. Dançaram.

■ *E, para fechar, você conseguiria dizer quais as suas memórias favoritas como ídolo do Flamengo?*

É difícil, mas é lógico que, quando a gente joga, a gente quer chegar nas finais. Então, cara, minha satisfação foi essa. Primeiro, como torcedor do Flamengo, eu sempre fui para dentro do campo como um torcedor, com prazer e a satisfação de jogar ali, é lógico. Quando você chega nas finais... Olha, o Campeonato Brasileiro era muito difícil. Os melhores jogadores do Brasil estavam ali. Os times eram fortíssimos. Se você pegar hoje, vai ter o Flamengo, o Palmeiras e o Atlético Mineiro, o Grêmio, e acabou... Naquela época, não, eram até 12 times favoritos. Você podia ser primeiro, segundo ou podia ser 11º, 12º. Cada time tinha uns quatro, seis feras. As pessoas não entendem muito isso hoje.

E aí nós tivemos uma oportunidade de, entre 1979 e 83 estar em todas as finais, ou quase. Em 79 a gente perdeu nas quartas para o Palmeiras. Em 1980, ganhamos. Em 81, perdemos pro Botafogo nas quartas. Em 82, ganhamos. Em 83, ganhamos. Quer dizer, você imagina num campeonato brasileiro daquele que você tá em quase que cinco finais seguidas, já pensou? Depois teve 1987. Então, cara, eu fui a quatro finais, né? Graças a Deus ganhei quatro. Aquilo ali tem um significado. Era pauleira.

## SOUSA X TREZE

# Mais uma batalha, hoje, no Marizão

Equipes voltam a se enfrentar em partida decisiva, mas pelas semifinais do Campeonato Paraibano de 2024

Camilla Barbosa  
acamillabarbosa@gmail.com

O Treze entra em campo, hoje, e vai em busca do seu 18º título do Campeonato Paraibano. O Galo enfrenta o Sousa, às 16h, em partida válida pela ida das semifinais da competição, no Estádio Marizão, em Sousa. A última decisão entre os dois times aconteceu no ano passado, quando o alvinegro levou a melhor e sagrou-se campeão paraibano, após vencer a disputa por pênaltis.

O time de Campina Grande é o atual líder geral, com 21 pontos, e vem de uma sequência de sete vitórias consecutivas. A equipe é comandada pelo técnico William de Mattia, que deseja repetir a mesma trajetória exitosa de 2023 e garantir o bicampeonato.

O retrospecto geral do duelo entre as duas equipes é equilibrado: são 25 vitórias para cada uma e 18 empates. Em casa, porém, o Sousa venceu 18 vezes e perdeu apenas 8; outras 10 partidas ficaram empatadas. Após 14 anos sem vencer o alviverde no Sertão, o Treze quebrou o tabu ao derrotar o Dino pelo placar de 2 x 0, em partida válida pela sexta rodada do Campeonato Paraibano, em fevereiro deste ano.

O Dino vai em busca do seu terceiro título paraibano. A última taça do Campeonato Estadual erguida pelo time foi ainda em 2009, após vencer o Treze, no Amigão, com dois gols marcados pelo atacante Edmundo.

“O Sousa vem brigando há anos para conquistar esse título, a gente sabe da importância desse jogo, é um jogo de 180 minutos, então, a gente espera poder fazer esse resultado aqui dentro de casa, pois será de suma importância para conseguirmos essa classificação”, pontua Diego Ceará, atacante do Dino.

No comando técnico das equipes dois excelentes profissionais e bastante rodados pelo país. William de Mattia foi peça-chave na condução do Treze à conquista do Campeonato Paraibano em 2023, taça que não vinha sendo erguida pelo alvinegro desde 2020. Enquanto técnico de futebol, também já conquistou a 2ª divisão mato-grossense em 2019 e a 1ª divisão em 2020, ambas pelo Nova Mutum-MT.

Antes de ser treinador, o catarinense foi jogador profissional e atuou em times nacionais e como Figueirense e Juventude, e fora do Brasil. Fora das disputas da Copa do Nordeste, eliminado na última quinta-feira, o técnico acredita que o elenco pode dar a volta por cima no Paraibano e novamente alcançar a classificação, garantindo, de imediato, vaga na Copa do Brasil e Copa do Nordeste de 2025.

Já à frente do Sousa está Paulo Schardong. O treinador chegou ao time sertanejo para desempenhar a função anteriormente exercida por Renatinho Potiguar, demitido pelo clube no início de fevereiro. Schardong já é conhecido pela torcida alviverde, uma vez que comandou a equipe em 2021, alcançando sete vitórias, dois empates e duas derrotas. Ele já esteve à frente do Carmópolis-SE, Ipatinga e do Democrata-MG, e Caucaia e Barbalha-CE.



Foto: Luciano Soares/Sousa

Na fase de classificação, o Treze venceu o Sousa por 2 a 0 e o confronto tem gerado muita rivalidade, desde o ano passado, quando o Galo foi campeão

## BASQUETE

# Unifacisa recebe o Flamengo em Campina Grande hoje

Danrley Pascoal  
danrley.p@gmail.com

Após duas vitórias consecutivas, contra Pinheiros/SP e Minas/MG, o Basquete Unifacisa prepara-se para mais um desafio no Novo Basquete Brasil (NBB), liga nacional da modalidade. Neste domingo, a equipe paraibana enfrenta o líder Flamengo/RJ, em Campina Grande, às 16h30.

“Agora todos os times estão buscando vencer o maior número de jogos possíveis para buscar uma melhor colocação. A nossa vantagem é que tivemos uma semana de trabalho cheia e as outras equipes vinham jogando. Nós tivemos mais tempo para treinar e se condicionar com foco nesse jogo importante contra o Flamengo”, disse o treinador César Guidetti.

Na última partida diante de sua torcida antes dos playoffs, o técnico do Basquete Unifacisa analisou o momento do adversário e fez uma projeção do que deve ser o jogo. “Precisamos ressaltar que o Flamengo é o atual campeão da Copa Super 8, líder do NBB e disputa competições internacionais. É um time fortíssimo, mas é claro que vamos entrar para ganhar, mesmo sabendo dessa qualidade deles. Para vencer um jogo como esse, devemos estar num dia muito bom. Como fizemos isso nas últimas vitórias, acredito que possamos fazer uma grande partida”, destacou César.

O pivô Rafael Rachel também falou sobre a partida deste domingo, pois o confronto terá um gosto especial para o atleta que foi revelado pela equipe carioca. O duelo será o terceiro da temporada, Flamengo e Unifacisa já se enfrentaram

no primeiro turno do NBB e na final da Copa Super 8, nas duas partidas, a equipe da Paraíba saiu derrotada.

“Sendo um jogo dentro de casa, esperamos um resultado diferente das últimas partidas que atuamos contra eles. Temos treinado bastante nessa semana cheia de preparação e esperamos sair com a vitória. Contamos com a presença do nosso torcedor lotando a Arena”, destacou Rafael.

Faltam apenas três rodadas para a primeira fase do NBB ser finalizada. O Unifacisa ocupa, neste momento, a 6ª colocação do certame, com 62,5% de aproveitamento, critério que define os classificados aos playoffs. A equipe ainda enfrenta o Vasco/RJ e o Cerrado/GO. Já o Fla-

mengo, adversário de hoje, encontra-se na liderança da competição com 83,9% de aproveitamento, sendo o time que mais venceu, com 26 vitórias, em 31 jogos.

### Torcedor diferenciado

O jovem torcedor Raziell Bezerra, mesmo morando em João Pessoa, não deixou que a distância limitasse sua paixão pelo Unifacisa. Após assistir a um jogo da equipe na Arena Unifacisa, em Campina Grande, e se encantar não só com o show em quadra, mas também com todo o clima que é criado em todos os jogos, a relação só aumentou, provando que o amor pelo esporte não conhece barreiras.

“É incrível, a Arena é muito acolhedora, o torce-

dor consegue acompanhar a ação pertinho da quadra, ver todos os lances e torcer. Sem falar na equipe e nos jogadores, todos são craques de bola, tem muita habilidade e é muito bonito ver eles jogando basquete”, comentou Raziell.

A paixão de Raziell pelo time é tanta, que virou até tema da sua festa de aniversário e para deixar as comemorações ainda melhores ele recebeu um presente especial do técnico da Unifacisa, César Guidetti, que gravou uma mensagem de aniversário e fez o convite para Raziell voltar à Arena e acompanhar o time de perto.

Raziell retornou à Arena Unifacisa para conferir de pertinho todas as emoções da partida entre Unifa-

cisa e Minas, na sexta-feira (22), e viveu momentos especiais. Além de assistir ao jogo, Raziell também participou da cerimônia da partida, entrando em quadra com a bola do jogo, e pôde realizar o seu sonho de fazer, conhecendo os jogadores e o técnico Cesinha.

“Foi muito emocionante, poder levar a bola aos árbitros, ver os meus jogadores favoritos entrarem em quadra. Encontrar com Cesinha e ver ele comandando a equipe, do começo ao fim, com muito profissionalismo. E para fechar com chave de ouro ainda teve a vitória do Unifacisa sobre o Minas. Com certeza foi um dia muito especial e que vai ficar para sempre na minha memória”, disse Raziell.



Foto: Gabriela Teyano/Basquete Unifacisa

O Unifacisa tem mais um jogo difícil no Novo Basquete Brasil contra o Flamengo, hoje, em Campina Grande

# Educação patrimonial

No campus de João Pessoa, o público encontrará um acervo cultural e científico da Universidade Federal da Paraíba por meio de nove espaços de preservação da memória disponíveis à visitação pela comunidade gratuitamente

Vanessa Queiroga  
vanessaqueiroga@gmail.com

*Espaços de Memória - Museus, Coleções e Acervos* é o catálogo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que contempla os equipamentos culturais de exposição da instituição com acesso aberto ao público, desde o primeiro semestre de 2023. Apesar de não existir uma centralização administrativa, os nove espaços que compõem o catálogo são assistidos e articulados pela Coordenação de Extensão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão da UFPB.

Com a maior parte das exposições de longa duração, os museus, acervos e coleções são coordenados ou possuem curadoria dos próprios docentes da área de conhecimento específico de cada unidade. A museóloga da UFPB, Maíra Dias, pontua que há espaços com características de museu sem carregar esse nome, sendo, portanto, processos análogos, não existindo uma normativa que obrigue uma padronização.

“A Galeria de Arte Lavandeira, por exemplo, não é um museu, mas uma galeria de exposições de curta duração, não reunindo acervo. O Laboratório de Geografia tem uma coleção visitável de mapas, maquetes e diferentes recursos, mas não é exatamente um museu. A Casa da Ciência não tem acervo próprio, expondo o acervo das coleções biológicas (do Centro de Ciências Exatas e da Natureza), que também são coleções visitáveis e que estão sendo musealizadas na formação do Museu da Biodiversidade”, esclareceu Maíra Dias.

A museóloga da instituição destacou ainda espaços que não estão listados no catálogo, mas que pertencem a essa perspectiva ampliada de espaços de fruição, preservação de memória e acervo cultural e científico. “É necessário citar o Museu Regional do Brejo, anteriormente conhecido como Museu da Rapadura, em Areia; o Memorial do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), em Bananeiras; e, em João Pessoa, a Pinacoteca,



Foto: Angélica Gouveia/Divulgação

Um dos nove equipamentos, a Casa da Ciência foi criada em 2019 com a finalidade de promover a troca de conhecimentos técnico-científicos com o saber popular da sociedade; no local, é realizada a exposição de espécimes de vegetais e animais

## Importância

**Na educação patrimonial dos paraibanos, a museóloga da UFPB, Maíra Dias, aponta que os equipamentos culturais articulam ações de ensino, pesquisa e extensão para a comunidade acadêmica**

o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) – temporariamente fechado para reforma –, o Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) e a Coleção Didático-Científica de Lixo Marinho”, acrescentou.

Em relação à importância desses equipamentos culturais na educação patrimonial dos paraibanos, Maíra Dias elencou que, para a comunidade acadêmica, os museus articulam ações de ensino, pesquisa e extensão. Já para “a comunidade externa, esses museus servem à fruição e a divulgação científica, servindo de ponte do conhecimento gerado pela Universidade para a sociedade”, explicou.

### Novos espaços

Atualmente está ocorrendo a identificação de acervos e coleções formadas nos laboratórios e departamentos por meio

do projeto *Inventário Geral dos Acervos da UFPB*, gerando a expectativa de formação de novos espaços de visitação. O trabalho é desenvolvido pela Coordenação de Extensão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão e pelas museólogas Marisa Rodrigues e Maíra Dias.

Dentre os nove equipamentos culturais que integram o catálogo *Espaços de Memória - Museus, Coleções e Acervos*, apenas três estão abertos à visitação espontânea, não precisando de agendamento prévio.

Contudo, a museóloga Maíra Dias revelou que, na Semana Nacional de Museus, que ocorre de 13 a 19 de maio, as unidades estarão abertas à visitação no sábado, 18 de maio, por meio do projeto *Circular Cultural*. “Desde já convidamos toda população a adentrar nosso campus e conhecer nossos museus, acervos e coleções”.

### Galeria de Arte Lavandeira



A Galeria Lavandeira é um equipamento do Departamento de Artes Visuais do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cujo foco está centrado na produção emergente, prioritariamente universitária, com perfil no intercâmbio entre os cursos de artes.

**Endereço:** Bloco B do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, no Campus I da UFPB. **Horário de funcionamento:** 8h às 12h e 13h às 17h (com entrada franca para as mostras de curta duração). **Instagram:** @galeria\_lavandeira.

### Museu Casa de Cultura Hermano José



Aberto à visitação pública, desde julho de 2022, o equipamento permite a preservação e difusão da memória e legado do artista plástico e docente da UFPB, Hermano José, morto em 2015. O acervo de caráter museológico, arquivístico e bibliográfico com mais de 6.500 itens e coleta mais de 25 tipologias de peças, incluindo obras em tela, metal, papel, madeira e cerâmica.

**Endereço:** rua Poeta Luiz Raimundo Batista de Carvalho, 805, Jardim Oceania. **Horário de funcionamento:** de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h. **Instagram:** @museucasahermanojose.

### Laboratório e Oficina de Geografia



Nesse espaço, os visitantes conhecem sobre o relevo do estado da Paraíba, formações rochosas, clima, regiões geográficas, meio ambiente, mapas cartográficos, maquetes e mais. O local recebe visitas escolares e realiza oficinas temáticas. No Laboratório, é possível ver um grande mapa 3D do relevo da Paraíba, apresentando as alturas das formações do litoral às divisas do estado.

**Endereço:** Departamento de Geociências da UFPB. **Horário de funcionamento:** terças, quartas e quintas, nos três turnos. **WhatsApp:** (83) 99831-6274. **Instagram:** @logepaufpb.

### Museu do Brinquedo



Com 356 itens artesanais que deriva de diferentes etnias e regiões do Brasil; de países do continente americano, como Argentina, Chile, Colômbia, dentre outras; da Europa (Alemanha, Itália e Bélgica); e da Ásia, com origem no Irã.

**Endereço:** Campus I da UFPB, no prédio do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física, sala 19. **Horários:** segundas (espontânea), das 8h às 12h; e quintas, das 14h às 17h (agendamento pelo e-mail museudobrinquedo.ufpb@gmail.com), nas sextas-feiras, das 8h às 12h. **Instagram:** @museudobrinquedoufpb.

### Museu da Biodiversidade



Os Departamentos de Sistemática e Ecologia e Biociências da UFPB mantêm o projeto Museu de Biodiversidade para conservar as coleções zoológicas e botânicas da universidade, e fomentar pesquisa e ações educativas sobre biodiversidade. Parte do acervo também está em ambiente virtual ([www.ccen.ufpb.br/museubiologia](http://www.ccen.ufpb.br/museubiologia)).

**Endereços:** Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Departamento de Sistemática e Ecologia. Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Biociências. Agendamento pelo e-mail: [biodiversidadeufpb@gmail.com](mailto:biodiversidadeufpb@gmail.com).

### Museu de Ciências Morfológicas



Voltado para disseminação do conhecimento nas áreas de Histologia, Embriologia e Anatomia Humana, o equipamento “da concepção à formação do corpo humano”. O espaço contém 160 itens, incluindo peças sintéticas que reproduzem estruturas do corpo humano e peças naturais conservadas por diferentes técnicas.

**Endereço:** rua Tabelião Estanislau Eloy, 1292, Castelo Branco, dentro do Centro de Ciências da Saúde (CCS). **Horário de funcionamento:** Segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30, e das 13h às 16h30. **Instagram:** @mcmorfológicasufpb.

### Museu de Paleontologia



Pertencente ao Departamento de Geociências, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) da UFPB, o Museu da Paleontologia abriga registros históricos de pseudofósseis, rochas da Paraíba, madeiras da bacia do Araripe, fósseis conservados em rochas, e mais. É possível, ainda, visualizar microfósseis por meio de microscópios.

**Endereço:** Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Para visitação é necessário agendamento. **Instagram:** @museupaleontologiaufpb.

### Museu da Cultura Popular (Nuppo)



Pertencente ao Departamento de Geociências, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) da UFPB, o Museu da Paleontologia abriga registros históricos de pseudofósseis, rochas da Paraíba, madeiras da bacia do Araripe, fósseis conservados em rochas, e mais. É possível, ainda, visualizar microfósseis por meio de microscópios.

**Endereço:** Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Para visitação é necessário agendamento. **Instagram:** @museupaleontologiaufpb.

## Moacir Japiassu

# Jornalista paraibano foi “o ombudsman mais bem-humorado do país”



Ilustração: Fônio

Japiassu sempre se declarou um “sertanejo de João Pessoa” e, ao longo dos mais de 50 anos de carreira, trabalhou em diversos jornais e revistas do Brasil, além de ter sido editor-chefe do ‘Fantástico’ (Rede Globo)

Joel Cavaleanti  
cavaleanti.joel@gmail.com

Ele foi bem mais que o melhor crítico de humor ácido das sandices jornalísticas. Moacir Japiassu foi um jornalista que escolheu para si o ofício que o deixaria mais próximo de sua paixão pela literatura, e acabou sendo uma referência em ambas as atividades. O paraibano publicou nove livros, incluindo romances, crônicas, contos e até mesmo receitas de comidas nordestinas. Passou pelos mais importantes órgãos da imprensa do país e transformou o *alter ego*, o personagem Janistraquis, na criação que lhe deu mais visibilidade, mas que também contribuiu com seu isolamento profissional ao expor os tropeços da mídia no *Jornal da Imprensa*.

Moacir Japiassu nasceu na Paraíba em 4 de julho de 1942, e aos 14 anos o menino de cabelos vermelhos precisou sair do estado seguindo o pai, funcionário público do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), que fora deslocado para Minas Gerais. Mesmo saindo daqui muito jovem, ele sempre se declarou um “sertanejo de João Pessoa”, uma identidade regional que está presente nos cenários da região que compõem os espaços e as personagens de suas obras. Desde jovem, queria ser escritor e passava os dias só lendo e pensando em como perseguir esse sonho. Aos 18 anos e sem outra atividade remunerada, foi cobrado pelo pai.

“Um dia, ele chegou cedo do trabalho, me viu lendo, na cadeira de balanço da varanda, e disse: ‘Isso é muita malandragem. Você já tem idade para ser pai de família’. E deu aquela bronca nordestina”, conta ele em entrevista para o portal *Boa Vontade*, em 2015. Foi então, que através do irmão jornalista e poeta, Japiassu entrou para o *Correio de Minas*, em 1962. Ao longo dos mais de 50 anos de carreira, trabalhou em jornais como

*O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Diário de Notícias*, em revistas como *Veja* e *Isto É*, além de ter sido editor-chefe do *Fantástico*, da Rede Globo, redator e apresentador de programas de rádio e televisão.

Uma de suas amizades durante esse percurso foi com outro paraibano, o jornalista e escritor José Nêumanne Pinto. “Apesar de ter vindo ainda adolescente com a família paterna para Belo Horizonte, onde se iniciou no jornalismo e, após passar pelo Rio, ele mudou-se para São Paulo em 1970, mesmo ano que eu. Quando o conheci, ele morava perto da Avenida Paulista, mais conhecida como “a mais paulista das avenidas”, mas sua maior paixão era João Pessoa, capital da Paraíba, assim como a minha e é sempre foi Campina Grande”, relembra o amigo, que conheceu Moacir Japiassu em São Paulo quando trabalhava na editoria de *Varietais* da revista *Isto É*.

Já veterano na carreira, Japiassu criou vários projetos, como os prêmios Líbero Baduró e Claudio Abramo e a revista *Jornal dos Jornais*, vencedora do Prêmio Esso de Melhor Contribuição à Imprensa de 1999. Até a sua morte, aos 73 anos, em 4 de novembro de 2015, publicou semanalmente a coluna *Jornal da Imprensa*, no portal *Comunique-se*. Por esse trabalho, Jô Soares costumava chamá-lo de “o ombudsman mais bem-humorado do país”. Era o personagem Janistraquis que se juntava com o seu autor, Japiassu, para ser uma espécie de defensor ferrenho da Língua Portuguesa e um corrosivo crítico dos erros da imprensa brasileira, uma das funções do *ombudsman*.

“Jani” e “Japi” eram duros e bem-humorados nas correções e acabaram por inspirar até dos primeiros *ombudsman* da imprensa paraibana, Carmélio Reynaldo e Alarico Correia Neto. “Nós tínhamos uma certa influência desse trabalho dele. Eu e Alarico, quando éramos *ombudsman* no *Correio da Paraíba*, a gente seguia esse padrão dele de

crítica, imitando um pouco ele, fazendo notas curtas, chamando atenção para essas gafes, esses erros, quando absurdos saíam nos textos, nas reportagens do jornal e até de outros jornais também”, conta Reynaldo.

Apesar dessa influência, para o professor e jornalista paraibano, a característica que mais se destaca na produção de Moacir Japiassu é a qualidade como romancista. Uma dessas publicações é *Concerto para paixão e desatino: Romance de uma revolução brasileira* (Francis, 2003). “Esse é um livro delicioso de ler, muito bem escrito e é uma história baseada em fatos históricos aqui da Paraíba. A partir do assassinato de João Pessoa, ele construiu toda uma história, uma conspiração que resultou justamente no assassinato”, acrescenta Carmélio.

“Os personagens secundários do livro, ele dá o nome de amigos dele. Existe uma competição entre dois engenheiros e os mestres de caldeiras são os protagonistas nessa competição de quem faz a melhor cachaça. E um deles é o Neginho Gonzaga, em referência que é a forma íntima que o pessoal tem de chamar Gonzaga Rodrigues. E o outro era Biu Ramos. Além disso, tem o João Manuel de Carvalho, do jornal *Contraponto*. João Manuel é João Mamão, que aparece no livro como sendo o líder da maçonaria aqui na Paraíba”. O livro tem posfácio de José Nêumanne, que considera o romance uma obra-prima da literatura brasileira. “Entre os personagens, destaca-se José Américo de Almeida, muito venerado por nós dois como intelectual”, lembra Nêumanne.

Político e escritor José Américo de Almeida talvez tenha sido a maior admiração de Moacir Japiassu, como afirmou ele certa vez para o blog *Andraletais*. “Quando eu era



Foto: Helvio Buzano/Estúdio Contraste

Japiassu ao lado da sua esposa, a também jornalista Marcia Lobo

menino, na João Pessoa do final dos anos 40, meu pai me levava para os comícios dele e eu ficava fascinado com aquela oratória que hipnotizava. É claro que eu não entendia nada do que ele falava, porém era impressionante a forma como dominava a multidão, como emocionava meu pai. ‘Esse Zé Américo é o cão!’”. Além de *Concerto para paixão e desatino*, Japi lançou os romances *A santa do cabaré* (2002) e *Quando alegre partiste* (2005).

elevava o tom das críticas e o *pH* delas corrobavam os seus argumentos. “Não consigo enxergar o petismo sem me lembrar do nazismo. Para mim, é tudo igual; mudou o cenário, a época, mas os fundamentos de um são os fundamentos do outro. E não acredito que a miséria tenha sido reduzida; o Sertão, o meu Sertão nordestino, está tão miserável como sempre esteve”, dizia ele em uma série de falas contra os presidentes petistas.

## Tocando em Frente



### Os conjuntos vocais X

Os Cariocas – Reconhecido como o mais longo e um dos mais antigos dos nossos conjuntos vocais, o grupo viveu duas fases distintas em sua carreira.

A primeira dessas fases teve início em 1942, quando os irmãos paraenses Ismael de Araújo Silva Neto (Belém-PA, 1925-Rio, 1956) e Severino de Araújo Silva Filho, (Belém-PA, 1928-Rio, 2016), que viria a ser pai da atriz Lúcia Veríssimo, criaram um quinteto vocal que alcançou grande popularidade e cuja atuação foi de grande importância na época da bossa-nova, momento no que se refere à adoção de arranjos mais sofisticados, mais modernos, se comparados aos da chamada época de ouro da MPB.

No início, o grupo costumava se apresentar em festinhas e encontros domésticos e/ou escolares, sob o beneplácido do pai de Ismael e Severino, que lecionava no antigo Internato Lafayette, situado no bairro carioca da Tijuca. Os garotos foram então instados a apresentarem-se no programa de calouros *Papel Carbono*, comandado pelo produtor/apresentador Renato Murce, que marcou época na Rádio Clube, depois Rádio Mundial. Depois de uma primeira apresentação, outras vieram. Após aprovados em um teste, a que estiveram presentes nomes consagrados, como Haroldo Barbosa, Paulo Tapajós e o regente da orquestra da emissora, Radamés Gnattali, foi-lhes concedido um contrato para apresentarem dois programas musicais próprios – *Um Milhão de Melodias* e *Quando canta o Brasil* –, bem como participarem de outros programas radiofônicos de auditório da época, apresentados por outros nomes consagrados, como Manoel Barcelos, Paulo Gracindo e César de Alencar. Foi quando, em 1946, iniciaram carreira como artistas exclusivos da Rádio Nacional. Numa época em que pontuavam conjuntos como o Bando da Lua, Anjos do Inferno e Quatro Asses e Bando da Lua, Anjos do Inferno e Quatro Asses e Bando da Lua, Os Cariocas inovaram pela mistura



Imagem: Reprodução

Formação clássica: (esq. para dir.) Ismael Netto, Badeco, Waldir Viviani, Severino Filho e Quartera

que faziam em suas vocalizações, uma junção polifônica, combinação simultânea de várias melodias com outros diversos efeitos rítmicos, inclusive buscando fazer uma harmonização entre elementos próprios com outros advindos do jazz e do *swing*.

Do grupo inicial, além dos criadores, os irmãos Ismael Neto e Severino Filho, faziam parte Ari Mesquita, Salvador e Tarquinio todos residentes no mesmo bairro.

Após gravações iniciais, em 1949, alcançaram enorme sucesso com o 78 rpm da Continental ‘Qui nem jiló’ (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), fonograma em que contaram com a participação da cantora Marlene, então em ascensão. Em seguida, já pela antiga RCA Victor/Sinter, em 1952, emplacaram dois sucessos juninos: ‘Baile na Roça’ (Ismael Neto) e ‘Pula fogueira’ (Haroldo Barbosa/Milton Oliveira).

Com o falecimento prematuro de Ismael (com 31 anos), Severino Filho assumiu o comando do grupo, dividindo a liderança com a irmã deles, Hortênsia Silva, cuja voz passou a ser o destaque no conjunto pela modalidade de falsete que ela dominava. Outro destaque dessa fase foi o álbum (LP) da Continental *Os Cariocas a Ismael Neto*.

Um fato notável a ser conhecido: nesta mesma gravadora, o grupo foi levado a gravar um disco de 78 rpm em que constava, no lado A, um *pot-pourri*, que, embora não tenha chamado atenção, trazia, no seu lado B, a música ‘Chega de Saudade’, com o acompanhamento ao violão de um jovem chamado de João Gilberto. Era o passaporte de entrada do conjunto no universo musical que ficou conhecido como bossa-nova. A consagração definitiva só veio ao participarem do show *O Encontro*, ocorrido, em 1962, na boate carioca Au Bon Goumet, ao lado dos iniciadores do movimento, como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Milton Banana (baterista), Otávio Bailly (baixo) e, evidentemente, João Gilberto (violão). Da playlist daquele espetáculo faziam parte ‘Samba de uma nota só’, ‘Samba do Avião’, ‘Corcovado’ e ‘Garota de Ipanema’.

Começava, então, a segunda fase de Os Cariocas que, de imediato, ganharam cadeira cativa no programa *O Fim da Bossa*, que era apresentado por Ellis Regina e Jair Rodrigues, na TV Record (SP). Estavam abertas as portas no mercado latino-americano, como Argentina, México, Porto Rico e, enfim, Estados Unidos da América. Dessa época, restaram seis álbuns (LPs)

Moacir Japiassu se instalou, em 2002, no Sítio Maravilha, onde morreu vítima de complicações decorrentes de um AVC. O local no alto da Serra do Quebra-Cangalha, no município de Cunha, foi nomeado em homenagem a um engenheiro paraibano onde ele viveu um pouco na infância e é cortado em sua proximidade pelo Rio Paraíba. De lá, ele se considerava um ermitão e sem receber mais convites para escrever para os jornais.

“Imagino que minha coluna, aquela que aponta os tropeços da mídia, tenha contribuído para meu isolamento. Fiz e faço muitos, digamos, adversários ao apresentar, mesmo com bom humor, as besteiras que a mídia publica. Os jornalistas são muito cheios de si, consideram-se pessoas importantíssimas. E não falo só dos que têm experiência, pois os focas já começam a morder desde cedo, como filhotes de jacaré”, dizia ele, que deixou a mulher, Marcia Lobo, o filho Daniel – ambos também jornalistas –, nora e três netas. Sobre o sítio, ele afirmava: “É um bom lugar onde se pode cair morto, pois o cemitério de Cunha, duas vezes centenário, é bem ajeitadinho”.

Japiassu não se desligou completamente do mundo do jornalismo até o fim da vida. E também jamais deixou de ser um escritor que acreditava no poder do bom humor. “Considero o bom humor a grande virtude presente em todos os meus livros. Sou uma pessoa bem-humorada, com a dose necessária de descrença e razoável cinismo. Se há uma coisa que a vida me ensinou foi que não se deve levar a vida muito a sério. Outro grande ensinamento da experiência foi este: Não se deve lavar demais o arroz da canja”.

Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

## Angélica Lúcio

### Startup lança manuais regionais de checagem de notícias

angelicalucio@gmail.com

A Coar, startup jornalística e educacional de checagem de fatos no Norte e Nordeste, lançou recentemente os manuais *Arriégua – Ói as Fake News* e *É caroço as take news*, voltados a disseminar técnicas de checagem nas regiões Norte e Nordeste. Ambas as publicações foram produzidas em linguagem regional e contam com ilustrações que fazem referências, respectivamente, ao Norte e ao Nordeste.

Escritas por Marta Alencar (jornalista, professora e fundadora da Coar) e Thiago Silva, que também assinam a direção editorial, as publicações contam com projeto gráfico e diagramação de Jhonnatam Santos. A revisão é de Ohana Luise.

O *Manual de Checagem Nordestina* tem 12 páginas e é dividido em sete partes: 1. *Bora Matutar (refletir)*; 2. *Diabêisso?! – O que é Deep Fake?*; 3. *Cumê identificar um boato?*; 4. *Como descobrir se um negócio é liso ou enrolado?*; 5. *Te alui! Como descobrir se um texto foi criado por IA?*; 6. *Conclusão*; e 7. *Dar Gosto – Conheça a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD)*.

Já o *Manual de Checagem Nortista* segue a mesma lógica na divisão por seções: 1. *Vamos Checar Juntos*; 2. *Egua! Passo a passo para checar imagens*; 3. *Passo a passo para checar vídeos*; 4. *Como identificar um boato?*; 5. *Como descobrir se um negócio está com cheiro de jacaré? (algo suspeito ou duvidoso)*; 6. *Te arreda take! Como descobrir se um texto foi criado por IA?*; 7. *Vamos tomar um tacacá, combater as fake news e ficar de boa*.

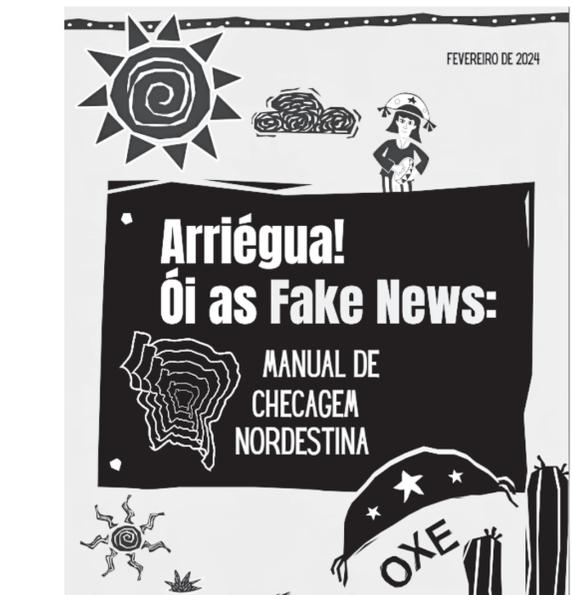


Imagem: Coar/Reprodução

Manual de checagem nordestina foi produzido em linguagem regional pelo Coar

Há poucos dias, Marta Alencar participou de uma live da Abraji (Agência Brasileira de Jornalismo Investigativo). Especialista em estratégias para combater

notícias falsas e promover a educação midiática, ela apontou cinco dicas básicas para verificar a veracidade das informações em notícias e publicações. O material

que transcrevo abaixo foi publicado originalmente no site da Abraji:

■ Observe os termos utilizados – Fique atento a expressões sensacionalistas que visam atrair audiência. Desconfie de conteúdos que fazem uso dessas expressões, mesmo que pareçam urgentes;

■ Atente para erros ortográficos – Verifique a presença de erros ortográficos, especialmente em links ou endereços eletrônicos. Esses erros podem indicar conteúdo enganoso e falta de confiabilidade;

■ Verifique a origem da informação – Procure por links oficiais que levem diretamente ao site correto. Avalie quem está compartilhando o conteúdo e se possui credibilidade e expertise no assunto;

■ Confira a atualidade da informação – Realize uma busca reversa por imagens ou verifique a data de publicação. Certifique-se de que a informação é atual e relevante para evitar disseminar conteúdo desatualizado;

■ Utilize práticas de verificação – Verifique se o site é oficial ou se a fonte é representativa da informação compartilhada. Realize pesquisas adicionais e utilize o Google para confirmar a veracidade da informação.

Gostei muito das dicas da jornalista Marta Alencar, bem como da ideia de regionalizar o combate às notícias falsas por meio de um manual em linguagem acessível. Como as publicações são pequenas, dá certinho também para a gente compartilhar o material com familiares e amigos pelo WhatsApp ou Telegram. Simbora!



CABIA O JACK?

Leilão vende a polêmica porta do filme Titanic

Utensílio cênico do premiado longa-metragem foi arrematado por R\$ 3,5 milhões

Simião Castro
Agência Estado

Lembra da porta em que a atriz Kate Winslet se agarra no final de Titanic para livrar da morte a personagem Rose? Aquela, que todo mundo já sabe que também poderia ter salvado o amado Jack, vivido pelo ator Leonardo DiCaprio? Pois é! Foi vendida pelo equivalente a milhões de reais em um leilão on-line.

O item cenográfico foi anunciado no Heritage Auctions, um site especializado em leilões de objetos colecionáveis, e arrematado na última segunda-feira (dia 25), por US\$ 718.750 (algo em torno de R\$ 3,5 milhões, na cotação atual). A peça segue anunciada no portal, com um novo valor de venda reajustado automaticamente.

Segundo o site Heritage Auctions, o objeto, na realidade, não é uma porta, mas sim uma estrutura ornamentada que emoldurava a enorme porta de entrada do lounge da primeira classe. Após o naufrágio no filme, ele serviu de destroço flutuante para Rose se agarrar até a chegada de um bote.

Em 2023, o diretor do filme, James Cameron, colocou fim às especulações sobre o destino das personagens e admitiu: sim, "Jack poderia ter sobrevivido". Ele completou, porém, dizendo haver muitas variáveis para esse resultado. Em um especial da National Geogra-

phic, James Cameron e a equipe de Titanic recriaram a cena e testaram diversas maneiras de como o personagem pudesse se manter vivo.

No final, o cineasta resumiu tudo às características de Jack. "Acho que o processo de pensamento dele foi: 'Não vou fazer nada que a coloque em risco', e isso é 100% do personagem". Ele afirmou na ocasião que teria tomado outra decisão cênica para evitar a polêmica. "Com o que sei agora, teria feito a balsa [improvisada] menor, para que não houvesse dúvida!", disse o cineasta canadense.

Outros itens

Quase 200 objetos do filme já foram vendidos no portal, entre eles o traje emblemático de Jack (US\$ 60 mil). Um dos vários vestidos de Rose arrematados saiu por US\$ 118.750. E outros elementos, como um painel de madeira ornamentado destruído do navio cenográfico (US\$ 125 mil) e até um bote salva-vidas inteiro (US\$ 15.360), também fazem parte da lista de vendas.

Outra casa de leilões, a Henry Aldridge & Son, leiloou no final de 2023 um cardápio real retirado do Titanic verdadeiro, de 1912. O raro menu do restaurante da primeira classe do navio foi arrematado pelo equivalente a R\$ 498 mil e provavelmente pertenceu a uma vítima do naufrágio, segundo a instituição.



Foto: Instagram



Foto: Paramount-Fox Divulgação

Milionário pedaço da porta cenográfica que definiu o destino do casal Jack (DiCaprio) e Rose (Winslet), do filme de 1997

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: tom escuro (2) = preto + ache graça (2) = ria. Solução: sala de jurisdição (4) = pretoria. Charada de hoje: Quem nos livra (3) dos sofrimentos (2) da final do campeonato sul-americano de futebol (5).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!

# Joia pré-histórica no Titanic

De acordo com a revista National Geographic da Espanha, os destroços do famoso naufrágio do Royal Mail Ship (RMS) Titanic (ou simplesmente Titanic) - que aconteceu em 15 de abril de 1912 - ainda estão sendo explorados, e, em junho do ano passado, a Magellan Ltd., empresa especializada em pesquisa em águas profundas, recuperou uma joia decorada com um afiado dente de um tubarão pré-histórico, o megalodonte. A equipe de pesquisa está tentando resolver esse mistério utilizando novas ferramentas de inteligência artificial.

# Uma das chaminés do navio era falsa

O Titanic tinha a bordo quatro chaminés, das quais apenas três cumpriam sua função original, de acordo com a RMS Titanic, Inc. A quarta chaminé era falsa, não passava de um adorno construído para ostentar a grandiosidade do projeto marítimo e, na verdade, funcionava como uma ventilação que conectava a sala de máquinas ao exterior.

# Jornais não acreditaram no naufrágio

Após ser considerado como "inafundável", quando o acidente do Titanic começou a ser divulgado nos diferentes jornais ao redor do mundo, as manchetes indicavam que o navio não tinha afundado e que os passageiros estavam sendo rebocados para terra firme, conforme informa o site da RMS Titanic, Inc. Além disso, a White Star Line, empresa responsável pela construção da embarcação, não enfrentou acusações pelo naufrágio, na época, devido uma decisão do British Board of Trade, organismo governamental do Reino Unido preocupado com o comércio e a indústria. Segundo o órgão, as reivindicações financeiras contra a empresa prejudicariam a reputação dos transportes marítimos britânicos e beneficiariam a concorrência dos transatlânticos franceses e alemães da época.

# Mais objetos exóticos estavam a bordo

Durante suas expedições em alto-mar até o local do naufrágio do transatlântico, diversas joias e artefatos foram recuperados pela RMS Titanic, Inc.: entre ouro e porcelanas chinesas, foi achada uma cópia original do livro The Rubaiyat of Omar Khayyam, uma seleção de poemas escritos em persa e atribuídos a Omar Caiam, um poeta, matemático e astrônomo da Pérsia, adornado com 1.050 pedras preciosas e coberto de ouro. Além disso, havia um carregamento de 76 caixas de "Sangue de Dragão", uma seiva de palmeira nativa das Ilhas Canárias, usada para tingir verniz de madeira.

# A temperatura da água no naufrágio

Segundo a RMS Titanic, Inc., a temperatura média da água no momento em que o Titanic se partiu em pedaços no oceano era de aproximadamente - 2°C. Portanto, lutar contra o frio era em vão por conta da hipotermia.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - pés do loto; 2 - olho do verme; 3 - bico do tucano; 4 - folha; 5 - cabelo do amarelo; 6 - rabo; 7 - assadura; 8 - pernas do tucano; 9 - galho.